



**Célia Sofia
Lopes Cardoso**

**Educação da Sexualidade em alunos com NEE:
um percurso no 1ºCEB**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação em Ciências no 1º Ciclo do Ensino Básico, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria Filomena Rodrigues Teixeira, Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra

o júri

presidente

Doutor Luís Manuel Ferreira Marques
Professor Associado com Agregação da Universidade de Aveiro

Doutora Ludovina dos Santos Ferraz Baldaia Correia Coutinho
Professora Auxiliar da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto

Doutor Rui Marques Vieira
Professor Auxiliar Convidado da Universidade de Aveiro

Doutora Maria Filomena Rodrigues Teixeira
Professora Adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Coimbra
(Orientadora)

agradecimentos

A todos os que me acompanharam nesta caminhada e que de alguma forma contribuíram para a concretização deste projecto, desejo aqui demonstrar o meu reconhecimento.

À Professora Doutora Filomena Teixeira agradeço a orientação crítica e eficaz, as palavras de incentivo, o empenhamento, a disponibilidade e amizade com que sempre me acolheu.

Às crianças e aos professores titulares das turmas envolvidas no estudo, o meu obrigada pelo entusiasmo, empenho e amizade que sempre manifestaram, sem o seu protagonismo não teria sido possível realizar este estudo.

Ao Professor Doutor Rui Vieira, uma palavra de agradecimento pela validação dos questionários e pelo incentivo dado aquando da escolha do tema deste trabalho de investigação.

Aos professores do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Bairro que participaram no estudo, o meu reconhecimento pela colaboração prestada.

Ao professor Vítor Barros, o meu apreço pela preciosa ajuda dada na área da informática e pela amizade manifestada.

À professora Elisabete Ferreira agradeço o auxílio na Língua Inglesa, a sua disponibilidade e amizade.

À designer Sandra Batista, uma palavra de gratidão pelo empenho demonstrado na ilustração do Programa – *À Descoberta da Sexualidade*.

Aos meus amigos e aos familiares que me acompanharam, agradeço o carinho e as palavras de incentivo.

Ao meu marido, a minha imensa gratidão pelo seu carinho, atenção e apoio incondicional que sempre demonstrou.

Um bem haja para todos(as) aqueles/aquelas que participaram no estudo, contribuindo em defesa dos direitos dos alunos com NEE.

palavras-chave

Sexualidade; Reprodução Humana; Ciência-Tecnologia-Sociedade; Necessidades Educativas Especiais

resumo

O presente estudo teve por finalidade a concepção e implementação de um Programa no âmbito da "Sexualidade e Reprodução Humana", numa perspectiva Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS), adaptado a alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico (1ºCEB) com Necessidades Educativas Especiais (NEE), com vista a desenvolver competências que promovam um conhecimento científico, bem como atitudes e comportamentos responsáveis no que diz respeito à temática.

Trata-se de uma investigação - acção de natureza qualitativa, desenvolvida em três fases. A Fase I incidiu sobre o posicionamento de professores, pais e encarregados de educação de alunos com NEE, face à temática. Ainda nesta fase foi feita a revisão da literatura. As Fases II e III foram de intervenção/avaliação relativamente ao Programa implementado no 1º CEB a alunos com NEE, no âmbito da "Sexualidade e Reprodução Humana".

Foram objectivos do estudo:

Fase I

- Proceder ao levantamento de estudos e trabalhos feitos em Portugal, no âmbito da "Sexualidade e Reprodução Humana" em alunos do 1ºCEB com NEE.
- Conhecer o modo como professores, pais e encarregados de educação de alunos com NEE se posicionam relativamente à temática.

Fase II

- Envolver no Projecto os professores do ensino regular do 1ºCEB, das turmas onde se realizou a investigação.
- Conceber e implementar numa perspectiva CTS, com o apoio desses professores, um Programa no âmbito da "Sexualidade e Reprodução Humana", adaptado a alunos do 1ºCEB com NEE.

Fase III

- Avaliar junto dos professores e alunos com NEE, o impacto do Programa implementado.
- Divulgar o trabalho realizado junto da comunidade educativa, mediante a realização de uma sessão de trabalho, destinada aos professores do ensino regular e dos apoios educativos da escola do 1ºCEB onde se realizou a investigação.

Na Fase I participaram os professores do ensino regular e dos apoios educativos do Agrupamento de Escolas, ao qual pertence a instituição onde decorreu a investigação e os pais e encarregados de educação dos alunos com NEE envolvidos na Fase II.

Durante a Fase II estiveram envolvidos 2 professores titulares de turma e 6 alunos com NEE do 3º ano de escolaridade.

A Fase III envolveu os participantes da Fase II e os professores titulares de turma e dos apoios educativos da escola do 1º CEB onde decorreu a investigação.

A recolha de dados foi realizada através de questionários, análise de documentos, observação e entrevistas semi-estruturadas.

A análise dos dados foi delineada de acordo com o tipo de questões que foram elaboradas, bem como os instrumentos utilizados. Para o tratamento das questões fechadas efectuou-se uma análise estatística – quantitativa, em que se apresentam os dados sob a forma numérica, distribuídos por frequência (Pardal e Correia, 1995). No que respeita ao tratamento das questões abertas, procedeu-se a uma análise de conteúdo seguindo as várias etapas propostas por Bardin (1977, citado por Carmo e Ferreira, 1998).

As conclusões do estudo indicam que:

- A temática suscita interesse nos alunos com NEE.
- Os alunos com NEE, tal como os alunos do currículo normal, revelam preconceitos, estereótipos e concepções alternativas no âmbito da temática. Estes manifestam comportamentos e atitudes relacionados com a “Sexualidade e Reprodução Humana”.
- Existem professores, pais e encarregados de educação que sentem dificuldades na abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana”. Perante as dificuldades sentidas, por vezes, evitam ou nunca abordam a temática.
- No âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, os alunos com NEE conseguem desenvolver competências, quando são tidas em conta as suas necessidades educativas e quando são privilegiadas metodologias dinâmicas, diversificadas, bem como recursos materiais apelativos.

Em termos gerais, de acordo com os resultados obtidos na Fase II e III, pode considerar-se que o Programa implementado nas turmas esteve adequado aos alunos com NEE que nele participaram.

Em Portugal não são conhecidos estudos no âmbito da temática, exclusivamente direccionados para alunos do 1ºCEB com NEE.

Os resultados obtidos evidenciam que um Programa nesta área, adaptado a alunos com NEE, para além de permitir um desenvolvimento de competências que promovem um conhecimento científico, bem como atitudes e comportamentos conscientes e responsáveis no que diz respeito à temática; constitui uma mais valia para todos os profissionais que trabalham com estes alunos. Na abordagem da temática, proporciona-lhes segurança e melhor aceitação do tema por parte dos pais e comunidade escolar.

keywords

Sexuality; Human Reproduction; Science-Technology-Society; Special Educational Needs

abstract

The main purpose of this study was the conception and implementation of a program in the scope of "Human Sexuality and Reproduction", in a science-technology-society perspective, adapted to handicapped children attending primary school, with the intention of developing abilities as well as attitudes and a responsible behaviour as far as the subject matter of the program is concerned.

This is an applied research, of qualitative nature, developed in three stages. The first stage was about the opinion of teachers, parents and people in charge of education of handicapped children, on the subject matter of this study. Still in this stage, it was made the revision of literature.

The second and the third stages were mainly about the intervention/ evaluation of the referred program, in the scope of "Human Sexuality and Reproduction".

The main purposes of this study were:

Stage I

- Make a complete survey of studies and works made in Portugal in the scope of "Human Sexuality and Reproduction" in handicapped children attending primary school.
- Understand the way teachers, parents and people in charge of handicapped children locate relatively to the subject matter of this study.

Stage II

- Get primary teachers of regular education, of the classes where this study was carried, involved in this project.
- Conceive and implement in a science-technology-society perspective, a program in the scope of "Human Sexuality and Reproduction", adapted to handicapped children with the support of the teachers previously referred.

Stage III

- Evaluate next to teachers and handicapped children the impact of the implemented program.
- Give information about this program to the educative community by means of accomplishment of a session work aimed to teachers of special education who work in the primary school where this study was carried.

On Stage I there was the participation of teachers of regular education and teachers of special education working in the institution where this study was carried. Parents and people in charge of education of handicapped children involved on Stage II of this study also took part on this stage.

During Stage II were involved two qualified teachers and six handicapped children attending a third school year class in a primary school.

Stage III involved the participants of Stage II and the qualified teachers of the third school year class as well as the teachers of special education of the institution where the study was carried.

The data handling was carried through questionnaires, document analysis; observation and half-structuralized interviews.

The analysis of the data was delineated in accordance with the type of questions that had been elaborated, as well as the used instruments.

For the handling of the closed questions, there was a statistical-quantitative analysis, where the data is presented under the numerical form, distributed for frequency (Pardal and Correia, 1995). With respect to the handling of the opened questions, there was an analysis of content following the several stages proposed by Bardin (1977, in Carmo and Ferreira, 1998).

We can draw the following conclusions from this study:

- The subject matter of this project attracts handicapped children's attention.
- Handicapped children, like ordinary students, reveal some prejudice, stereotypes and alternative conceptions in the scope of this subject matter. They also reveal particular attitudes and behaviours related to "Human Sexuality and Reproduction".
- There are teachers, parents and people in charge of education of children who don't feel at ease when they have to approach the topic "Human Sexuality and Reproduction". So, they usually avoid talking about it or seldom do it.
- In the scope of "Human Sexuality and Reproduction", handicapped children can develop abilities when their educational needs are considered and when dynamic and diversified methodologies are used as well as attractive teaching materials.

According to the results obtained on Stage I and Stage II, we can consider the implemented Program to be adjusted to the handicapped children that participated in it.

In Portugal, studies in the scope of this subject matter, exclusively aimed to handicapped children attending a primary school, aren't known.

The obtained results enhance that a Program in this area, adapted to handicapped children, more than allowing a development of abilities that promote a scientific knowledge as well as conscientious and responsible attitudes towards the subject matter, it constitutes a valuable tool for all the professionals who work with these pupils. When it comes to talk about this issue, it provides them security and better acceptance of the subject.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo 1 – Enquadramento e problemática do estudo.....	5
1.1 – O ensino das Ciências.....	7
1.2 – Uma nova forma de aprender Ciências – o enfoque CTS.....	9
1.3 – O problema em estudo.....	11
1.3.1 – Fundamentação da escolha do tema.....	11
1.3.2 – Pressupostos do estudo.....	13
1.3.3 – Fases e objectivos do estudo.....	13
1.3.4 – Plano da investigação.....	14
Capítulo 2 – Quadro teórico.....	17
2.1 – “Sexualidade e Reprodução Humana”.....	19
2.1.1 – A evolução da sexualidade.....	19
2.1.2 – Manifestações da sexualidade.....	21
2.1.3 – A Reprodução Humana.....	23
2.1.4 – Problemáticas da sexualidade.....	27
2.1.4.1 – A identificação sexual.....	27
2.1.4.2 – O abuso sexual.....	27
2.1.4.3 – A gravidez na adolescência.....	30
2.1.4.4 – As infecções/doenças sexualmente transmissíveis.....	31
2.1.5 – A sexualidade na deficiência.....	32
2.2 – A Educação Sexual.....	34
2.2.1 – Perspectiva histórica.....	34
2.2.2 – Educação Sexual (in)formal.....	37
2.3 – Os alunos com NEE e o ensino das Ciências.....	40
Capítulo 3 – Metodologia.....	47
3.1 – Objectivos.....	49
3.2 – Investigação – acção de natureza qualitativa.....	50
3.3 – Procedimentos e instrumentos.....	53

3.3.1 – Recolha de dados.....	53
3.3.1.1 – Questionário.....	54
3.3.1.2 – Análise documental - Plano e Programa Educativo individual dos alunos com NEE	60
3.3.1.3 – Observação - grade de observação.....	60
3.3.1.4 – Entrevista.....	65
3.3.2 – Selecção e caracterização da amostra.....	66
3.3.3 – Análise de dados.....	70
Capítulo 4 – Leitura e interpretação dos dados.....	73
4.1 – Organização dos dados.....	75
4.2 – Leitura e interpretação dos dados da Fase I – questionário a professores.....	75
4.2.1 – Dados pessoais dos professores – Parte I do questionário.....	76
4.2.2 – “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE - Parte II do questionário.....	80
4.3 – Leitura e interpretação dos dados da Fase I – questionário a pais e encarregados de educação dos alunos com NEE.....	104
4.3.1 – Dados pessoais dos pais e encarregados de educação – Parte I do questionário.....	105
4.3.2 – “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE – Parte II do questionário a pais e encarregados de educação.....	107
4.4 – Leitura e interpretação dos dados da Fase II – Implementação do Programa - À Descoberta da Sexualidade.....	119
4.4.1 – 1ª Sessão: <i>Quem sou eu?</i> Tema: <i>A minha identificação</i>	120
4.4.2 – 2ª Sessão: <i>Somos todos iguais?</i> Temas: <i>Conhecimento do corpo e auto-estima</i>	123
4.4.3 – 3ª Sessão: <i>Qual é o João e qual é a Rita?</i> Tema: <i>Identificação sexual</i>	127
4.4.4 – 4ª Sessão: <i>Como se distinguem os rapazes das raparigas?</i> Tema: <i>O meu corpo - os órgãos genitais</i>	131

4.4.5 – 5ª Sessão: <i>Ao longo da vida, o que acontece ao nosso corpo?</i>	
<i>Tema: Mudanças do corpo ao longo da vida.....</i>	139
4.4.6 – 6ª Sessão: <i>O que devemos fazer para cuidar do nosso corpo?</i>	
<i>Tema: Hábitos de higiene e vida saudável.....</i>	144
4.4.7 – 7ª Sessão: <i>O que sentimos?</i>	
<i>Tema: Os sentimentos.....</i>	146
4.4.8 – 8ª Sessão: <i>O que sentimos?</i>	
<i>Tema: Os sentimentos - O amor.....</i>	148
4.4.9 – 9ª Sessão: <i>O que fazer para prevenir o abuso sexual?</i>	
<i>Tema: O abuso sexual.....</i>	152
4.4.10 – 10ª Sessão: <i>Por que razão nascem os bebés?</i>	
<i>Tema: A fecundação.....</i>	155
4.4.11 – 11ª Sessão: <i>O que acontece ao bebé na barriga da mãe?</i>	
<i>Tema: A gravidez.....</i>	158
4.4.12 – 12ª Sessão: <i>Como nascem os bebés?</i>	
<i>Tema: O parto.....</i>	163
4.4.13 – 13ª Sessão: <i>O que é a SIDA?</i>	
<i>Tema: A SIDA.....</i>	166
4.4.14 – 14ª Sessão: <i>Jogo – À Descoberta da Sexualidade.....</i>	169
4.5 – <i>Leitura e interpretação dos dados da Fase III – entrevista aos professores.....</i>	171
4.5.1 – <i>Opinião dos professores sobre o Programa implementado.....</i>	172
4.5.2 – <i>Adequação das actividades às necessidades educativas especiais dos alunos.....</i>	173
4.5.3 – <i>Atitudes dos alunos com NEE durante a implementação do Programa.....</i>	175
4.5.4 – <i>Principais contributos do Programa para a vida futura dos alunos com NEE.....</i>	176
4.5.5 – <i>Implementação do Programa num contexto semelhante.....</i>	178
4.6 – <i>Leitura e interpretação dos dados da Fase III – entrevista aos alunos com NEE.....</i>	179
4.6.1 – <i>Opinião dos alunos com NEE sobre o Programa implementado.....</i>	180

4.6.2 – Conhecimentos, atitudes e valores desenvolvidos pelos alunos com NEE durante a implementação do Programa.....	181
4.6.3 – Actividades preferidas dos alunos com NEE e os motivos das suas escolhas.....	183
4.6.4 – Actividades menos preferidas pelos alunos com NEE e os motivos das suas escolhas.....	185
4.6.5 – Futuras participações dos alunos com NEE num Programa semelhante.....	188
4.7 – Leitura e interpretação dos dados da Fase III ; sessão de trabalho.....	190
Capítulo 5 – Conclusões e reflexões.....	193
5.1 – Limitações do estudo.....	195
5.2 – Conclusões do estudo.....	196
5.3 – Sugestões para futuras investigações.....	210
5.4 – Reflexões finais.....	211
Referências bibliográficas.....	217
Anexos.....	227
Anexo I – Questionário a professores do 1ºCEB.....	231
Anexo II – Questionário a pais e encarregados de educação dos alunos com NEE.....	236
Anexo III – Grade de registo de dados de observação de situações de aula.....	240
Anexo IV – Entrevista a professores titulares.....	242
Anexo V – Entrevista aos alunos com NEE.....	243
Anexo VI – CD Rom:	
Programa - <i>À Descoberta da Sexualidade</i> (Guião do Professor; Guião do Aluno; Actividades de Apoio e Jogo - <i>À Descoberta da Sexualidade</i>); Sessão de trabalho.	

Anexo VII – Pedido de autorização aos pais e encarregados de educação para realização de filmagem e fotografia durante a implementação do Programa.....	244
Anexo VIII – Requerimento à Presidente do Conselho Executivo do Agrupamento de Escolas para implementação do Programa...	245
Anexo IX – Pedido de autorização aos pais e encarregados de educação para participação dos educandos no Programa.....	246
Anexo X – Guião das entrevistas aos professores titulares das turmas.....	247
Anexo XI – Guião das entrevistas aos alunos com NEE.....	248
Anexo XII – Pedido de autorização aos pais e encarregados de educação para a realização de entrevistas aos seus educandos.....	249
Anexo XIII – Competências a desenvolver.....	250

Anexos de tabelas

Tabela 4.2.1 – Estratégias utilizadas pelos professores na abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE.	253
Tabela 4.2.2 – Professores sentem-se preparados para abordar a “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE (questão 14 – Item 14.1).....	258
Tabela 4.2.3 – Professores não se sentem preparados para abordar a “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE (questão 14 – Item 14.2).....	259
Tabela 4.2.4 – Professores consideram importante a implementação de um Programa no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, no 1º CEB em alunos com NEE (questão 15 – Item 15.1).....	261

Tabela 4.2.5 – Professor não considera importante a implementação de um Programa no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, no 1º CEB em alunos com NEE (questão 15 – Item 15.2).....	264
Tabela 4.3.1 – Assuntos abordados com os educandos sobre “Sexualidade e Reprodução Humana”	265
Tabela 4.3.2 – Atitudes/comportamentos dos educandos em relação à temática.....	266
Tabela 4.5.1 – Opinião dos professores sobre o Programa implementado.....	266
Tabela 4.5.2 – Adequação das actividades às necessidades educativas especiais dos alunos.....	267
Tabela 4.5.3 – Atitudes dos alunos com NEE durante a implementação do Programa.....	268
Tabela 4.5.4 – Principais contributos do Programa para a vida futura dos alunos com NEE.....	269
Tabela 4.5.5 – Implementação do Programa num contexto semelhante.....	270
Tabela 4.6.1 – Opinião dos alunos com NEE sobre o Programa implementado.....	271
Tabela 4.6.2 – Conhecimentos, atitudes e valores desenvolvidos pelos alunos com NEE, durante a implementação do Programa....	272
Tabela 4.6.3 – Actividades preferidas dos alunos com NEE e os motivos das suas escolhas.....	273
Tabela 4.6.4 – Actividades menos preferidas pelos alunos com NEE e os motivos das suas escolhas.....	274
Tabela 4.6.5 – Futuras participações dos alunos com NEE num Programa semelhante.....	275

Índice de tabelas

Tabela 2.1 – Etapas do desenvolvimento intra-uterino.....	25
Tabela 3.1 – Recolha de dados.....	53
Tabela 3.2 – Sequência de conteúdos do questionário a professores.....	56
Tabela 3.3 – Sequência de conteúdos do questionário a pais e encarregados de educação.....	57
Tabela 3.4 – Sessões e temas do Programa – <i>À Descoberta da Sexualidade</i>	63
Tabela 3.5 – Caracterização da amostra da turma A.....	68
Tabela 3.6 – Caracterização da amostra da turma B.....	69
Tabela 4.1 – Organização dos dados nas diferentes fases da investigação.....	75

Índice de figuras

Figura 1.1 – O ensino das Ciências segundo uma perspectiva CTS.....	10
Figura 1.2 – Plano da investigação.....	15
Figura 4.4.1 – Representação gráfica do corpo com órgãos genitais (ALB11).....	121
Figura 4.4.2 – Representação gráfica do corpo do aluno portador de deficiência motora (ALA2).....	122
Figura 4.4.3 - Representação gráfica do corpo do aluno com deficiência motora (ALA8).....	125
Figura 4.4.4 – Representação gráfica e designação atribuída aos órgãos genitais externos masculinos (ALA10).....	134
Figura 4.4.5 – Representação gráfica e designação atribuída aos órgãos genitais externos masculinos (ALA2).....	135
Figura 4.4.6 – Representação gráfica e designação atribuída aos órgãos genitais externos femininos (ALA3).....	135
Figura 4.4.7 – Representação gráfica e designação atribuída aos órgãos genitais externos femininos (ALA16).....	135

Figura 4.4.8 – Representação gráfica dos órgãos genitais externos e internos masculinos e femininos e sua respectiva designação científica (ALA2).....	137
Figura 4.4.9 – Representação gráfica do corpo aos 30 anos (ALB7).....	141
Figura 4.4.10 – Representação gráfica do corpo aos 80 anos (ALA2).....	141
Figura 4.4.11 – Representação gráfica do corpo aos 80 anos (ALA3).....	142
Figura 4.4.12 – Representação gráfica da pessoa amada (ALA2).....	150
Figura 4.4.13 – Desenho referente à pessoa amada (ALB7).....	151
Figura 4.4.14 – Representação gráfica e identificação das pessoas amadas (ALA10).....	151
Figura 4.4.15 – Representação gráfica do bebé dentro do útero sem qualquer ligação à mãe (ALB7).....	161
Figura 4.4.16 – Representação gráfica do bebé dentro do útero com o cordão umbilical ligado à placenta (ALA16).....	161

Índice de gráficos

Gráfico 4.2.1 – Idade dos professores	76
Gráfico 4.2.2 – Sexo a que pertenciam os professores	77
Gráfico 4.2.3 – Formação académica dos professores	78
Gráfico 4.2.4 – Tempo de serviço dos professores no 1ºCEB.....	78
Gráfico 4.2.5 – Tempo de serviço dos professores no Ensino Especial.....	79
Gráfico 4.2.6 – Funções dos professores no ano lectivo 2004/2005.....	80
Gráfico 4.2.7 – Necessidades Educativas Especiais dos alunos que fazem ou já fizeram parte das turmas dos professores inquiridos.....	81
Gráfico 4.2.8 – Atitudes do aluno com NEE na relação com o(s) outro(s).....	82
Gráfico 4.2.9 – Abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE.....	83
Gráfico 4.2.10 – Conteúdos/temas geralmente abordados em alunos com NEE.....	84

Gráfico 4.2.11 – Recursos materiais utilizados na abordagem da temática.....	90
Gráfico 4.2.12 – Atitudes dos professores perante questões relacionadas com a “Sexualidade e/ou Reprodução Humana”.....	91
Gráfico 4.2.13 – Vantagens da implementação de um Programa no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos do 1ºCEB com NEE.....	104
Gráfico 4.3.1 – Idade dos pais e encarregados de educação	105
Gráfico 4.3.2 – Sexo a que pertenciam os pais e encarregados de educação	106
Gráfico 4.3.3 – Formação académica dos pais e encarregados de educação	106
Gráfico 4.3.4 – Atitudes dos educandos na relação com o(s) outro(s).....	107
Gráfico 4.3.5 – Tipo de comportamento dos educandos em relação a eles próprios.....	108
Gráfico 4.3.6 – Responsáveis pela abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana”	109
Gráfico 4.3.7 – Colocação de questões relacionadas com a “Sexualidade e Reprodução Humana”, por parte dos educandos.....	110
Gráfico 4.3.8 – Revelação de atitudes/comportamentos relacionados com a “Sexualidade e Reprodução Humana”	112
Gráfico 4.3.9 – Preparação dos pais e encarregados de educação para a abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” com os seus educandos.....	115
Gráfico 4.3.10 – Principais dificuldades sentidas pelos pais e encarregados de educação aquando da abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana”	116
Gráfico 4.3.11 – Atitudes dos pais e encarregados de educação quando os seus educandos tentam falar sobre questões relacionadas com a temática.....	117

Gráfico 4.3.12 – Importância atribuída à participação dos educandos num Programa sobre “Sexualidade e Reprodução Humana”	118
Gráfico 4.3.13 – Vantagens que um Programa sobre “Sexualidade e Reprodução Humana” poderá trazer na vida futura dos educandos.....	119

Siglas mais utilizadas:

CEB – Ciclo do Ensino Básico

NEE – Necessidades Educativas Especiais

CTS – Ciência-Tecnologia-Sociedade

CR – Categoria(s) de resposta(s)

P – Professor

EE – Encarregado de educação

PA – Professor A

PB – Professor B

AL – Aluno

ALA – Aluno da turma A

ALB – Aluno da turma B

OMS – Organização Mundial de Saúde

VIH – Vírus da Imunodeficiência Humana

SIDA – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

APF – Associação para o Planeamento da Família

Introdução

A Educação Sexual, enquanto contributo para a formação pessoal e social dos alunos¹, tem vindo a despertar um crescente interesse no sector da Educação.

Diariamente somos confrontados com questões relacionadas com a “Sexualidade e Reprodução Humana”: a clonagem, a interrupção (in)voluntária da gravidez, as doenças sexualmente transmissíveis, a infertilidade, a fertilização *in vitro*, entre outras, são disso exemplo. Tratando-se de temáticas onde as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade são evidentes, cabe à escola um papel activo e interveniente neste domínio.

Apesar do enquadramento legal da Educação Sexual na escola, a temática da “Sexualidade e Reprodução Humana” continua a suscitar grande polémica junto da comunidade escolar. Para além de ser influenciada pela evolução científica e tecnológica, envolve grandes implicações éticas e sociais sendo, muitas vezes alicerçada na sociedade por crenças, mitos e preconceitos (Veiga, Teixeira e Couceiro, 2001). Neste contexto, a sexualidade dos alunos com Necessidades Educativas Especiais, tal como a sexualidade em geral, ainda está repleta de mitos e tabus, tornando-se urgente neste âmbito, desconstruir concepções alternativas ao conhecimento científico aceite.

Desta forma, em relação à temática da “Sexualidade e Reprodução Humana”, importa criar, no domínio da Didáctica das Ciências, situações de aprendizagem que contribuam para a construção de um conhecimento cientificamente aceite, garantindo aos alunos com NEE o direito de viver de forma responsável, uma sexualidade adequada às suas necessidades. Assim, a escola depara-se com um problema educacional, perante o qual é exigido aos professores respostas educativas diversificadas, ou seja, estratégias de ensino-aprendizagem distintas e adequadas às necessidades educativas de cada aluno. A implementação desta temática em alunos com NEE constitui uma necessidade de índole educativa, uma situação preocupante à qual não podemos ficar indiferentes.

¹ Nesta dissertação, a fim de evitar a sobrecarga do texto, o termo aluno(s) refere-se a indivíduos de ambos os sexos. O mesmo acontece relativamente aos termos professor(es); encarregado(s) de educação e educando(s).

O estudo ocupa-se de um problema sentido pelos próprios protagonistas e implica uma solução teórica e prática – numa perspectiva CTS, a concepção e implementação de um Programa inserido na temática da “Sexualidade e Reprodução Humana”, adaptado a alunos do 1ºCEB com NEE.

A presente dissertação é constituída por 5 capítulos.

O capítulo 1 diz respeito ao enquadramento e à problemática do estudo. Inicia-se apresentando o ensino das Ciências como uma necessidade da escola actual, desde os primeiros anos de escolaridade. De seguida, assume-se a perspectiva CTS para o ensino das Ciências e faz-se referência ao problema em estudo. Fundamentam-se ainda as razões da escolha do tema, descrevem-se os pressupostos, as fases do estudo e apresenta-se o plano da investigação, no qual estão presentes os objectivos de cada fase.

O capítulo 2 refere-se ao quadro teórico da investigação. Numa primeira fase, apresenta-se a forma como a sexualidade tem vindo a ser encarada pela sociedade ao longo do tempo. Seguidamente faz-se alusão às manifestações da sexualidade. Retrata-se também a Reprodução Humana; as problemáticas inerentes à sexualidade (a identificação sexual; o abuso sexual; a gravidez na adolescência e as infecções/doenças sexualmente transmissíveis) e a sexualidade na deficiência. Por último, apresenta-se uma perspectiva histórica da Educação Sexual; faz-se referência à Educação Sexual (in)formal e ao ensino das Ciências em alunos com NEE.

No capítulo 3 descreve-se a metodologia utilizada. Indicam-se os respectivos objectivos de cada Fase da investigação, descrevem-se e fundamentam-se os procedimentos seguidos e os instrumentos de recolha de dados utilizados para levar a cabo o estudo. Apresenta-se ainda a população envolvida nas diferentes Fases da investigação, bem como, os procedimentos seguidos para efectuar a análise dos dados recolhidos.

A leitura e interpretação dos dados respeitantes às diferentes Fases da investigação é feita no capítulo 4. De início assinala-se a forma como se encontram organizados os dados, posteriormente segue-se a leitura e interpretação dos mesmos.

Por último, no capítulo 5 apresentam-se as conclusões do estudo.

Inicialmente, assinalam-se as suas limitações, em seguida mencionam-se as conclusões, bem como sugestões para futuras investigações. Para terminar são feitas algumas reflexões finais acerca do tema e do próprio estudo.

CAPÍTULO 1

ENQUADRAMENTO E PROBLEMÁTICA DO ESTUDO

Neste capítulo apresenta-se o enquadramento e a problemática do estudo. Inicia-se com uma alusão ao ensino das Ciências como sendo uma necessidade da escola actual, desde os primeiros anos de escolaridade. De seguida, apresenta-se o ensino das Ciências numa perspectiva CTS e faz-se referência ao problema em estudo. Fundamentam-se ainda as razões da escolha do tema; descrevem-se os pressupostos, as fases do estudo e apresenta-se o plano da investigação, no qual estão presentes os respectivos objectivos de cada fase.

1.1 – O ensino das Ciências

As sociedades contemporâneas são constantemente marcadas pelo desenvolvimento da Ciência e da Tecnologia. No quotidiano, os indivíduos são confrontados com problemas sociais de índole científica e tecnológica e solicitados a intervir nos mesmos. Perante esta realidade, actualmente a necessidade do ensino das Ciências é indiscutível, pois qualquer cidadão deve estar devidamente informado, possuir um conhecimento científico, para que de forma consciente e responsável seja capaz de elaborar juízos sobre situações do dia-a-dia e tomar decisões fundamentadas, participando nos desafios que se colocam à sociedade (Galvão e outros, 2006).

Até há algumas décadas, o ensino das Ciências tinha como principal preocupação educar cientificamente os jovens com o objectivo de formar futuros cientistas. A educação científica era abordada de forma descontextualizada, sem qualquer ligação com situações do dia-a-dia. A Ciência era compreendida como verdade imutável e muitas vezes associada a um método científico único (Pereira, 2002).

Os resultados de um estudo realizado por Coutinho (2004), focado na formação de professores de Ciências Naturais, a propósito do ensino da Reprodução Humana, evidenciam que na sala de aula, de forma mais ou menos explícita, ainda permanece como perspectiva dominante o ensino transmissivo. É o professor que transmite os conhecimentos. Os alunos desempenham um papel passivo, apenas armazenam informação. A nível cognitivo são considerados

como *tábuas rasas*, sendo ignoradas as diferenças individuais e sociais (Cachapuz, Praia e Jorge, 2002).

Perante esta visão simplista, a investigação educacional tem vindo a apontar para a necessidade de repensar o modo como é praticado o ensino das Ciências quanto à adequação dos currículos aos alunos; à imagem de ciência transmitida e às práticas de ensino usadas pelos professores (Martins e Veiga, 1999).

Pereira (2002) afirma que entre os especialistas dedicados à educação científica é consensual que a educação para a literacia científica deve ser efectuada desde os primeiros anos de escolaridade. Durante este período, a Ciência permite desenvolver a curiosidade das crianças e pode contribuir para o desenvolvimento das suas capacidades intelectuais. Experiências nesta área permitem criar hábitos de pensamento e rotinas de pesquisa; desenvolvem a capacidade de raciocínio e de argumentação.

Com base nesta perspectiva, em Educação em Ciências, desde cedo, as crianças deverão aprender processos da Ciência, formas de raciocínio utilizados na actividade científica. À medida que a aprendizagem progride, importa que as crianças aprendam a observar utilizando os vários sentidos e não se restrinjam apenas aos aspectos visuais. Tal significa que nas várias situações colocadas às crianças, estas se apercebam de pormenores importantes; identifiquem semelhanças e diferenças, procurando registar e comunicar as observações feitas. Torna-se importante incentivar as crianças a explicar o que viram, ouviram ou fizeram. A aquisição de literacia científica básica implica o desenvolvimento de actividades de comunicação, quer a nível oral (diálogo; debate; apresentações à turma...), quer a nível escrito (registo; relatórios; diários...), ou sob a forma de desenhos. Deste modo, as crianças devem ser estimuladas a colocar questões. Para além de explicitarem as suas ideias, devem habituar-se a ouvir a dos outros e estabelecer uma comparação, apercebendo-se das diferenças existentes. Durante as actividades propostas, será também importante valorizar o esforço das crianças, salientar os aspectos positivos; prestar pequenas ajudas para que estas não desistam das tarefas.

Caso estes processos sejam desenvolvidos, tal como defende Martins

(2002:18) *aprender Ciências desde os primeiros anos parece ser uma via promissora para mais e melhores aprendizagens no futuro.*

Todavia, segundo Pereira (2002), mesmo que a Ciência não seja abordada nos primeiros anos de escolaridade, as crianças constroem ideias sobre o mundo que as rodeia. Muitas vezes estas ideias não são aceites cientificamente, podendo mesmo constituir um obstáculo à construção de um conhecimento científico. Assim sendo, vários educadores em Ciência defendem que a aprendizagem de conceitos científicos deve partir das representações das ideias prévias que as crianças têm sobre um determinado assunto. A criança deverá ser convidada a expor as suas ideias e incentivada a reflectir e a pensar sobre o que sabe.

O ensino das Ciências deve ser feito com base em situações estimulantes e com o apoio dos professores. A sua abordagem deve ser específica, tendo em conta as características das crianças, a personalidade do professor e outras condições de natureza institucional, pelo que é necessário diversificar métodos e estratégias (Pereira, 2002).

1.2 – Uma nova forma de aprender Ciências – o enfoque CTS

Actualmente as questões ligadas ao exercício da cidadania ocupam um lugar de destaque no domínio da Educação, constituem uma das principais preocupações dos professores. As problemáticas actuais evidentes nas nossas escolas (por exemplo: a gravidez precoce; o abuso sexual; as doenças sexualmente transmissíveis...) reflectem a necessidade de proporcionar a todos os alunos o desenvolvimento de competências na área da educação para a cidadania.

De acordo com o Decreto-Lei nº 6/2001, de 18 de Janeiro, que estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico, a educação para a cidadania visa (...) *o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes* (Fonseca, 2002:9).

Assim, o ensino das Ciências deverá ser centrado no aluno, nas suas necessidades e ter em conta as relações actuais entre a Ciência, a Tecnologia e a Sociedade, procurando interligar educação científica e cidadania (Pereira, 2002).

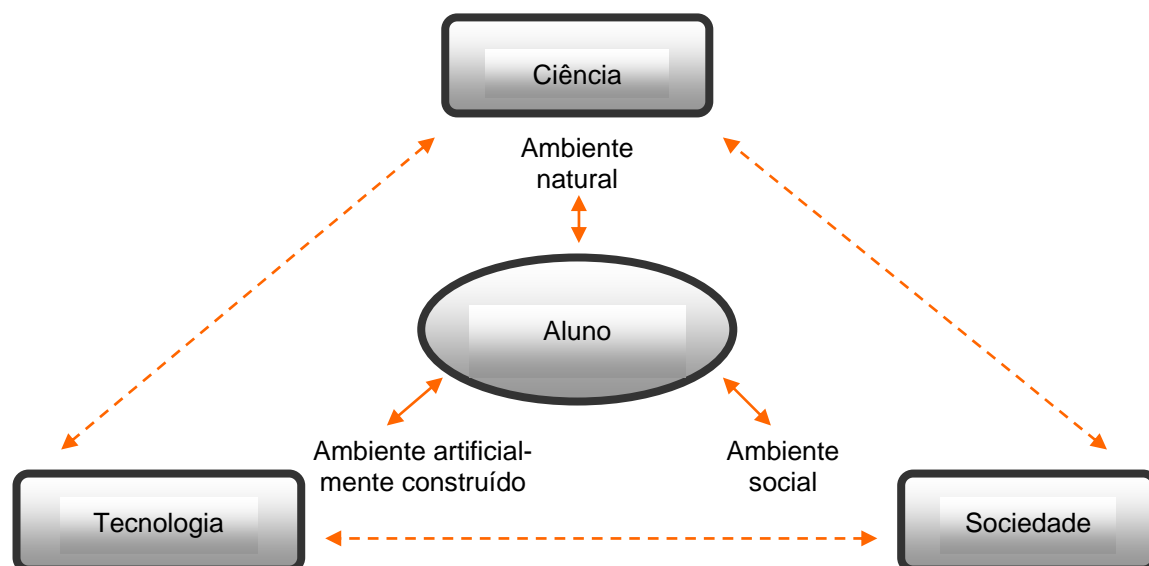


Figura 1.1 – O ensino das Ciências segundo uma perspectiva CTS (adaptada de Fontes e Silva, 2004).

Partindo de temáticas actuais como a “Sexualidade e Reprodução Humana”, relevantes do ponto de vista pessoal e social para os alunos, nas escolas, no âmbito da Didáctica das Ciências, importa possibilitar o desenvolvimento de competências, permitindo aos alunos um papel participativo no processo ensino - aprendizagem, garantindo-lhes o exercício de uma cidadania responsável (Martins, 2002). Nesta linha, a escola deve privilegiar o papel activo dos alunos permitindo que estes (...) *estimulem a reflexão sobre si próprios, impulsionem o contacto com o diferente, desafiem dogmas estabelecidos e promovam a emergência de uma consciência moral autónoma* (Fonseca, 2002:45-46).

Em relação à Educação em Ciências, Teixeira e Veiga (1998) defendem que esta, para além de promover saberes científicos, deve ter a preocupação de desconstruir crenças e preconceitos que dão origem a concepções alternativas ao conhecimento científico. Martins (2002) refere ainda que o ensino das Ciências

não pode limitar-se a aspectos meramente informativos, ou seja, ao conhecimento de factos e suas respectivas interpretações. Este deve ser enquadrado numa perspectiva CTS, na qual a Educação em Ciências surge menos fragmentada, permitindo aos alunos, a compreensão do mundo e das inter-relações do conhecimento científico e tecnológico da sociedade.

1.3- O problema em estudo

Solomon, em 1993 e 1994, já *alertava para a necessidade de qualquer cidadão possuir uma educação científica que lhe permita pensar, falar e intervir em assuntos da Ciência que poderão afectar a sua qualidade de vida* (Fontes e Silva, 2004:16). No que diz respeito à “Sexualidade e Reprodução Humana”, como já foi referido anteriormente, um olhar actual sobre os problemas da nossa sociedade acentua esta necessidade.

Espera-se que o estudo que se apresenta e cuja finalidade é a concepção e implementação de um Programa no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, adaptado a alunos com NEE, possa constituir um contributo na área da Educação Científica, no domínio da Didáctica das Ciências, visando a construção de um conhecimento científico aceite, capaz de desenvolver competências de modo a alterar determinadas atitudes e comportamentos face à sexualidade.

Em seguida, fundamentam-se as razões da escolha do tema. Assinalam-se depois os pressupostos e as fases do estudo. Por último, apresenta-se o plano da investigação, no qual estão presentes os respectivos objectivos de cada fase.

1.3.1 – Fundamentação da escolha do tema

A selecção do tema baseou-se nas seguintes razões:

- A “Sexualidade e Reprodução Humana” é uma temática actual e polémica. Sendo influenciada pela evolução científica e tecnológica, envolve

questões com grandes implicações éticas e sociais (a inseminação artificial por dador (IAD), a interrupção voluntária da gravidez, a clonagem ...). É um assunto sensível a mitos, crenças e preconceitos, dele emergem inevitavelmente concepções alternativas que muitas vezes se traduzem em atitudes e comportamentos inadequados. Deste modo, no domínio das Ciências, desde o início da escolaridade, cabe à escola desconstruir estas concepções e possibilitar a todas as crianças, incluindo as que apresentam NEE, a construção de um conhecimento científico (Teixeira, 1999).

- A investigação revela que apesar do enquadramento legal da temática, os professores demonstram carência de formação neste domínio, revelando dificuldade na sua abordagem científico-didáctica (Teixeira, 1999).
- É um conteúdo que consta no Programa do 1º CEB, na área de Estudo do Meio do 3º ano de escolaridade, já inscrito e explicitado no documento *Educação Sexual em Meio Escolar – Linhas Orientadoras*, publicado em 2000. Este documento resultou de um trabalho de parceria dos Ministérios da Educação e da Saúde com o apoio da Associação para o Planeamento da Família (APF) e do Centro de Apoio Nacional (CAN), e apresenta a Educação Sexual como (...) *parte integrante do processo de Promoção da Saúde em Meio Escolar* (...) (Ministério da Educação, Ministério da Saúde e APF, 2000:15).
- Nos manuais escolares, o tema é tratado de forma incorrecta e ineficaz (Teixeira, 1999).
- Em Portugal, não existem trabalhos publicados a este respeito, no âmbito do 1ºCEB em alunos com NEE.

1.3.2 – Pressupostos do estudo

A investigação terá em linha de conta os seguintes pressupostos:

- Uma abordagem da temática segundo um enfoque CTS, que valoriza contextos reais e estuda problemas relevantes para os alunos. A aprendizagem dos conceitos e dos processos decorre de situações/problemas em que as soluções são procuradas pelo aluno. O ensino CTS desenvolve a criatividade e desperta o interesse dos alunos pela aprendizagem das Ciências (Cachapuz, Praia e Jorge, 2002).
- Uma perspectiva construtivista da aprendizagem, em que os alunos constroem os seus conhecimentos. No âmbito da temática, partindo das concepções dos sujeitos e tendo em conta as suas características e necessidades, recorre-se a diferentes estratégias com vista à desconstrução das concepções alternativas, proporcionando um conhecimento científico (Teixeira, 1999).
- Uma educação inclusiva, cujo objectivo principal é *proporcionar a todos os alunos um ensino de qualidade, dinâmico e útil* (Correia, 2005:41).

1.3.3 – Fases e objectivos do estudo

O estudo desenvolveu-se em três fases. A Fase I incidiu sobre o posicionamento de professores, pais e encarregados de educação de alunos com NEE, no que diz respeito à temática. Ainda nesta fase foi feita a revisão da literatura. As Fases II e III foram de intervenção/avaliação relativamente ao Programa implementado no 1º CEB a alunos com NEE, no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”. No final deste capítulo, apresenta-se o plano da investigação, o qual ilustra de forma clara as fases do estudo e respectivos objectivos.

1.3.4 – Plano da investigação

O presente estudo é uma investigação-acção de natureza qualitativa. A investigação teve como questão problemática, numa perspectiva CTS, como implementar a Educação Sexual no 1ºCEB em alunos com NEE.

Em seguida, apresenta-se o percurso da investigação:

- Definição da questão investigativa.
- Definição dos objectivos do estudo.
- Revisão da literatura.
- Selecção dos instrumentos de recolha de dados (questionários, análise de documentos, observação e entrevista).
- Concepção e implementação do Programa.
- Selecção do método de análise dos dados (análise de conteúdo).
- Avaliação do Programa implementado.
- Divulgação do trabalho realizado.
- Leitura e interpretação dos dados.
- Conclusões finais do estudo.

O plano da investigação consta do esquema que se segue.

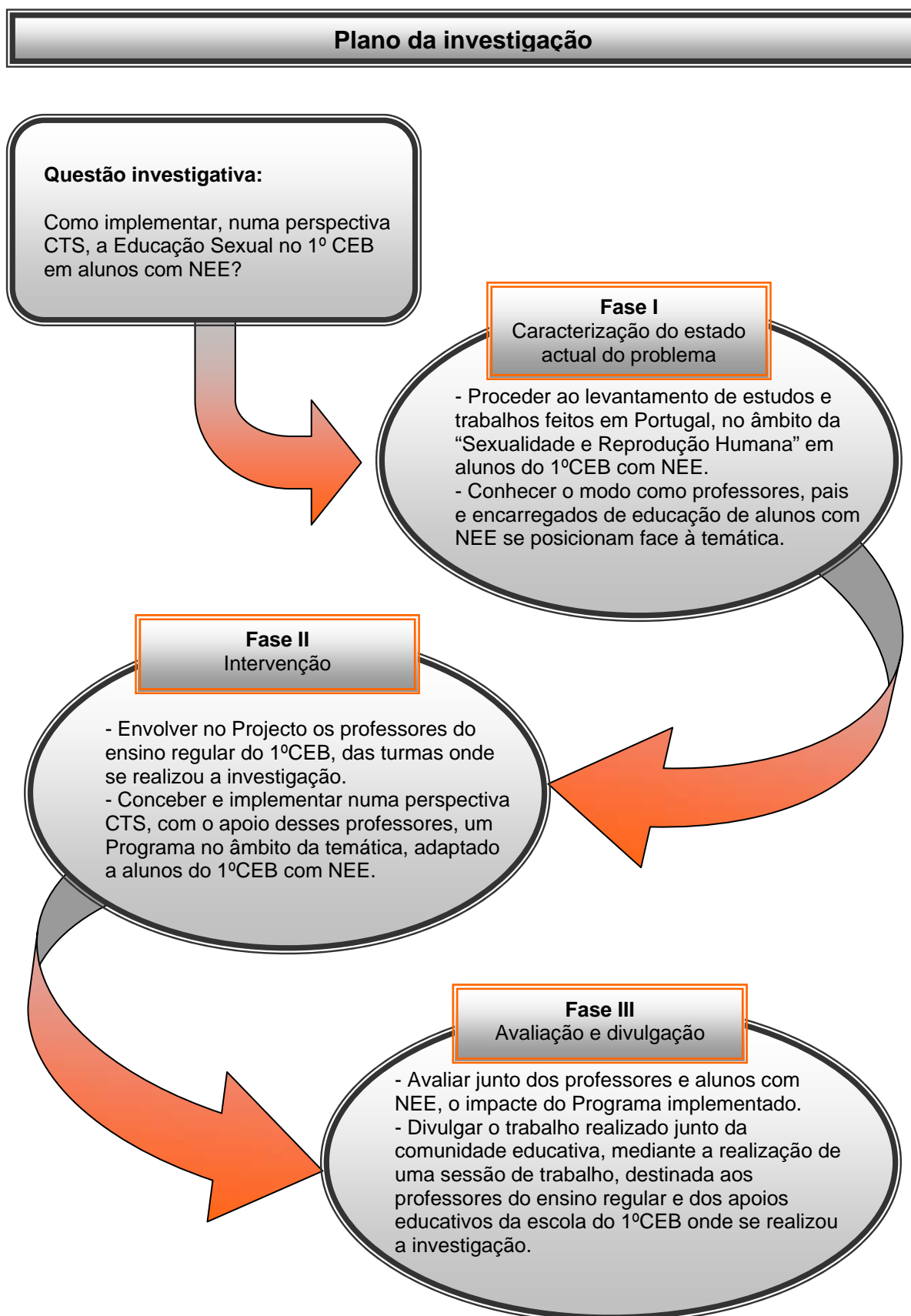


Figura 1.2 – Plano da investigação

CAPÍTULO 2
QUADRO TEÓRICO

Neste capítulo consta o quadro teórico da investigação. Numa primeira fase, apresenta-se a forma como a sexualidade tem vindo a ser encarada pela sociedade ao longo do tempo. Seguidamente, faz-se alusão às manifestações da sexualidade. Retrata-se também a Reprodução Humana, as problemáticas inerentes à sexualidade (a identificação sexual; o abuso sexual; a gravidez na adolescência e as infecções/doenças sexualmente transmissíveis) e a sexualidade na deficiência. Por último, apresenta-se uma perspectiva histórica da Educação Sexual; faz-se referência à Educação Sexual (in)formal e ao ensino das Ciências em alunos com NEE.

2.1 – “Sexualidade e Reprodução Humana”

2.1.1 – A evolução da sexualidade

Num passado ainda recente, à sexualidade era atribuído um valor negativo. Esta era encarada pela sociedade como algo impuro, como pecado. Todas as expressões da sexualidade que não estivessem ligadas ao casamento eram condenadas. A sexualidade feminina era negada, apenas havia tolerância em relação à sexualidade masculina. Recorria-se à sexualidade para assegurar a reprodução da espécie - modelo *reprodutivo*. A sexualidade das crianças, dos jovens (em particular das raparigas), dos idosos, dos homossexuais e dos deficientes era negada ou condenada. Na sociedade, as normas de comportamento eram universais e indiscutíveis (Frade e outros, 1999).

A partir dos finais do século XIX e durante o século XX, outras perspectivas sobre sexualidade foram surgindo, pondo em causa o modelo até então defendido.

Em 1905, Freud contraria a posição face à sexualidade infantil, afirmando que desde o nascimento, a sexualidade está presente em todas as crianças. Nesta época, Freud atribuiu um sentido alargado à sexualidade humana, fazendo a distinção entre a ternura e a sensualidade (Rouyer, 2005).

Para além dos movimentos de planeamento familiar, surgiram os primeiros movimentos feministas e das minorias sexuais.

Com o aparecimento das doenças sexualmente transmissíveis e a interrupção voluntária da gravidez, ocorreram as primeiras tentativas de incluir nas escolas algumas temáticas ligadas à sexualidade humana.

No final do século XIX e inícios do século XX surgem os primeiros estudos científicos sobre a sexualidade. Nesta época, os investigadores foram muito influenciados pelos padrões morais dominantes.

Com os movimentos sociais, os temas alusivos à sexualidade deixaram de estar ligados unicamente ao foro científico, médico ou religioso e passaram a ser objecto de discussão na sociedade (Frade e outros, 1999).

Actualmente, a sexualidade deixou de ser encarada como pecado, impureza e sinónimo de reprodução, passando a incluir os afectos, a comunicação interpessoal (Pereira e Freitas, 2001). Nesta perspectiva, os *sentimentos, as emoções, a sexualidade, são parte essencial de cada indivíduo* (Guerra, 2006:40). Entre muitas definições de sexualidade, nesta dimensão enquadra-se a que é dada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) que a define como:

(...) uma energia que nos motiva a procurar amor, contacto, ternura e intimidade; que se integra no modo como nos sentimos, movemos, tocamos e somos tocados; é ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, acções e interacções e, por isso, influencia também a nossa saúde física e mental (Vaz, Vilar e Cardoso, 1996:42).

Perante esta definição, a sexualidade deverá ser abordada no quadro da saúde numa perspectiva multidimensional da realidade individual e social. Por um lado, possuímos um corpo sexuado, procuramos o prazer, a satisfação e o bem-estar sexual. Por outro, a sexualidade tem uma vertente emocional e constitui uma componente essencial na formação global dos indivíduos, no auto-conceito; na auto-estima e no relacionamento com os outros (Vieira, 2002).

Importa pois, que a sexualidade seja compreendida e aceite não apenas como um acto sexual, mas uma expressão de afectividade, uma capacidade de

estabelecer contacto com o outro, de forma a permitir a construção da auto-estima e possibilitar o bem-estar físico e emocional (Félix, 1997).

Hoje, sabe-se que existe sexualidade nas crianças, nos jovens, nos idosos e nos deficientes, pois todos somos seres sexuados. A sexualidade é uma característica inerente e intrínseca ao ser humano e manifesta-se de forma diferente de pessoa para pessoa, em função da idade, sexo e cultura (Marques e Forreta, 2005). Esta influencia o modo como cada um de nós se relaciona consigo próprio e com os outros (Vieira, 2002). Assim sendo, tal como defende Rossini (2001), torna-se necessária uma educação mais humanista, voltada para cada indivíduo como um ser dotado de corpo, espírito, razão e emoção.

2.1.2 – Manifestações da sexualidade

Como refere Gomes e Miguel (2000), ao longo da vida, a sexualidade está presente em cada um de nós.

Desde o nascimento, a criança manifesta instintos sexuais, tem capacidade para sentir prazer. Até aos 2 anos, este prazer está associado às necessidades orgânicas - alimentação, higiene e comunicação (Pereira, 2006). Nesta fase, a criança explora diferentes partes do corpo, incluindo os órgãos genitais e procura estabelecer um vínculo afectivo com as figuras humanas (habitualmente os pais) que lhe garantem os seus cuidados básicos. Ao longo da vida, a auto-estima e a confiança na relação com os outros depende do tipo de vínculo afectivo que a criança teve com estas figuras de apego (Vaz, Vilar e Cardoso, 1996). Uma criança que não desenvolve vínculos afectivos durante a infância, não consegue ultrapassar esta carência, uma vez que é neste período da vida que se estabelecem as primeiras interações, através das quais adquire a confiança e a segurança; a capacidade de explicitar as suas necessidades e de compreender e fazer uso de expressões emocionais (Félix, 1995).

Aos 3 e 4 anos, dá-se o início da integração social. A criança começa a relacionar-se com outras pessoas e não apenas com as figuras de apego. Apercebe-se das diferenças corporais e de género. Começa a revelar curiosidade

sobre determinadas questões ligadas à sexualidade (a sua origem, os órgãos genitais...). Durante esta fase, a criança procura respostas para as suas questões ou formula ela própria, as suas teorias. Vai adquirindo comportamentos e por imitação, apreende os papéis sexuais que são atribuídos pela sociedade (Vaz, Vilar e Cardoso, 1996). Nestas idades é normal que as crianças mexam nos seus órgãos genitais e acariciem os seus pares (Pereira, 2006).

Entre os 5 e os 8 anos, as crianças continuam a masturbar-se, descobrindo e explorando o próprio corpo. Procuram assim sensações de prazer. Segundo Rouyer (2005:72), o auto-erotismo (...) *existe em todos os humanos desde a primeira infância*. É um acto natural do foro íntimo, pelo que não deve ser feito num local público. A proibição deste acto, não o suprime e provoca na criança uma tensão, surgindo reacções incontrolláveis (Rouyer, 2005). No futuro, estas reacções podem (...) *desencadear situações de risco de psicopatologias traduzíveis em contextos de condutas inadequadas (relacionais, afectivas e sexuais)* (...) (Pereira e Freitas, 2001:40). Nesta fase, as crianças estabelecem uma relação positiva com crianças do mesmo sexo, adoptando atitudes idênticas. Revelam curiosidade em relação à gravidez e ao nascimento. A sua orientação sexual já se encontra definida.

Dos 9 aos 12 anos, os laços de amizade com os pares do mesmo sexo são reforçados e a criança/jovem é facilmente influenciada pelo grupo de amigos. Nesta altura inicia-se a puberdade². Pode surgir a masturbação até atingir o orgasmo e ocorrer a primeira experiência sexual. Com a puberdade inicia-se a adolescência, período que marca a transição da infância à idade adulta e que se caracteriza por um conjunto de alterações biológicas, sociais, familiares e psicológicas (Nodin, 2002).

As manifestações da sexualidade são necessárias ao desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos e devem ser encaradas de forma natural. Estas contribuem para a construção da identidade, da auto-estima, da segurança e das relações interpessoais (Pereira e Freitas, 2001).

² Período de desenvolvimento biofisiológico durante o qual o corpo adquire as características sexuais secundárias associadas ao sexo biológico do indivíduo. É neste período que o aparelho reprodutivo atinge a maturação, iniciando a sua actividade (Nodin, 2002).

2.1.3 - A Reprodução Humana

Na actualidade, o acto sexual já não é visto apenas com a finalidade da procriação. Contudo, dentro da sexualidade, a Reprodução Humana continua a desempenhar um papel importante, pois assegura a continuidade da vida.

Tal como acontece na maior parte dos organismos vivos, para se perpetuar, a espécie humana utiliza a reprodução sexuada. Este tipo de reprodução exige a intervenção de dois sexos. Como cada indivíduo só possui um deles, para a concretizar, são necessários dois seres - uma mulher e um homem.

Os avanços da Ciência e da Tecnologia contribuíram para que hoje se conheça mais sobre os mecanismos fisiológicos da Reprodução Humana.

O processo reprodutivo natural compreende diversas fases:

- Produção de células sexuais masculinas e femininas (espermatozóides e óvulos) nos testículos e ovários, respectivamente;
- Transferência de espermatozóides para o interior da vagina, através do acto sexual;
- Encontro e união de um espermatozóide com um óvulo (fecundação) no interior de uma das trompas de Falópio, formando um ovo ou zigoto, que dará origem ao embrião;
- Implantação do embrião na mucosa uterina (nidação), desencadeando a gravidez;
- Contração do útero e expulsão do novo ser - parto.

A fecundação apenas ocorre quando estão reunidas determinadas condições fisiológicas. Este mecanismo exige a existência de espermatozóides em quantidade e qualidade adequadas e óvulos em boas condições de maturação (Veiga, Teixeira e Couceiro, 2001).

Durante a relação sexual, cerca de 200 milhões de espermatozóides são depositados na vagina. Destes, apenas 4 milhões atingem o colo do útero; uns milhares chegam à trompa e somente um consegue unir-se ao óvulo (Almeida Santos e Almeida Santos, 1996, citado por Veiga, Teixeira e Couceiro, 2001).

Para que a fecundação ocorra é ainda necessário que um dos ovários da mulher liberte mensalmente um óvulo – ovulação. Depois de libertado, o óvulo é captado pela trompa de Falópio, onde permanece durante 2 a 3 dias. Se neste período se verificarem relações sexuais desprotegidas, pode ocorrer a fecundação. Caso tal aconteça, da união do espermatozóide com o óvulo resulta o ovo ou zigoto, que de imediato inicia um processo de divisão celular, deslocando-se em direcção ao útero. Com a primeira divisão celular surgem dois blastómeros (células com tamanho equivalente), que se dividem originando novas células. Próximo do 4º dia, o ovo tem a aparência de uma amora (mórula). O processo de divisão celular continua, formando-se o blastocisto (esboço rudimentar do embrião). Nesta fase, o blastocisto atinge o útero e procura implantar-se no mesmo. Dá-se a nidacção (fusão do embrião com as estruturas uterinas).

No entanto, em certos casos, por infertilidade (*incapacidade temporária ou permanente em conceber um filho e em levar a termo uma gravidez até ao parto*) (Nodin, 2002:150), ou esterilidade (*incapacidade total e permanente masculina ou feminina para procriar*) (Nodin, 2002:93) de um ou ambos os parceiros, pode haver necessidade de recorrer a métodos de reprodução artificial. Hoje, as novas tecnologias de reprodução permitem intervir com eficácia em relação a problemas de infertilidade e esterilidade. De entre as tecnologias de reprodução existentes, destacam-se como sendo as mais conhecidas: a inseminação artificial com espermatozóide do cônjuge (IAC); a inseminação artificial com espermatozóide do dador (IAD); a transferência de embriões (FIVETE) e a fecundação *in vitro* (Veiga, Teixeira e Couceiro, 2001). Em relação aos problemas de infertilidade, esta última consiste (...) *na criação em laboratório de condições propícias à fecundação colocando-se em contacto espermatozóides e oócitos (vulgo óvulos). Os embriões assim obtidos são posteriormente transferidos para o útero materno* (Paiva e Paiva, 2002:92).

As novas tecnologias de reprodução permitem a alguns casais inférteis conseguir ter o(a) filho(a) biológico(a) que tanto desejam. Com o desenvolvimento destas técnicas, hoje é possível: doar óvulos e espermatozóides; congelar produtos de concepção; corrigir anomalias genéticas; duplicar embriões,

originando dois seres idênticos, a partir de um só óvulo fecundado, etc... Estes progressos científicos na área da Reprodução Humana, suscitam grande polémica, uma vez que envolvem questões éticas e sociais (Veiga, Teixeira e Couceiro, 2001).

O período de gestação dura cerca de 40 semanas. Como se pode analisar na tabela 2.1, durante este processo, verifica-se o crescimento e desenvolvimento, numa primeira fase do embrião e, posteriormente, do feto.

Tabela 2.1 – Etapas do desenvolvimento intra-uterino

	Etapas do desenvolvimento intra-uterino	Tempo de gestação (meses)	Tamanho médio (cm)
Embrião	- O coração começa a bater - Os membros começam a esboçar-se	1	0,02 0,05
	- Os membros estão formados - Os órgãos estão formados - O embrião tem a forma humana	2	5
	- O sexo pode identificar-se - O feto abre a boca e vira a cabeça	3	11
Feto	- O aparelho circulatório está formado - O aparelho digestivo e os rins começam a funcionar	4	20
	- O esqueleto organiza-se - Os movimentos do feto são sentidos pela mãe - As unhas estão formadas	5	27
	- O feto pesa cerca de 1Kg - O feto ouve ruídos do exterior	6	34
	- O feto pode nascer e sobreviver em incubadora	7	39
	- O feto pesa cerca de 2,5Kg - Pode colocar-se de cabeça para baixo	8	45
	- O feto pesa cerca de 3Kg - O feto está pronto para nascer, geralmente de cabeça para baixo	9	50

Extraída de *Menina ou menino eis a questão – Livro do Professor*, p. 65.

Os principais sistemas do novo organismo formam-se durante os dois primeiros meses de gestação – período embrionário. No final deste período, o embrião já possui coração e membros rudimentares. No fim do 3º mês, o feto apresenta uma forma humana e o seu sexo está diferenciado. Ao 5º mês todos os

órgãos estão formados, os movimentos do feto são sentidos pela mãe. Aos 6 meses pode ocorrer um nascimento prematuro. Nesta fase, o feto é viável sendo necessário prestar-lhe alguns cuidados especiais. O final da gravidez é caracterizado fundamentalmente pelo crescimento do feto. Nesta fase da gestação, no útero, o feto pode colocar-se numa posição invertida.

O processo que provoca a expulsão do novo ser e dos anexos fetais (placenta e membranas: âmnios e córion) designa-se por parto e decorre em 3 fases:

- Preparação ou trabalho de parto – Esta fase é a mais longa, dura cerca de 8 a 24 horas. Nela, as contracções uterinas tornam-se mais frequentes e intensas. Estas exercem pressão sobre o novo ser e o saco amniótico que o envolve, fazendo com que este se rompa. Pela vagina e orifício vaginal é libertado uma parte do líquido amniótico, lubrificando as vias genitais. Nesta fase, ocorre a dilatação do colo do útero.
- Expulsão – Quando a dilatação do colo uterino está completa, dá-se a expulsão do novo ser. Esta fase tem a duração de aproximadamente 30 minutos. O aumento das contracções uterinas e os movimentos exercidos pela mãe, aumentam a pressão intra-abdominal, facilitando a expulsão do novo ser.
- Dequitação – Esta última fase do parto dura cerca de 10 minutos. Nela ocorre a expulsão da placenta e das membranas embrionárias (Veiga, Teixeira e Couceiro, 2001).

Quando se torna difícil ou impossível a expulsão do feto pela vagina, recorre-se ao parto por cesariana. Mediante uma intervenção cirúrgica, o feto é extraído do útero através de uma incisão no abdómen (Andrade, 1997).

2.1.4 – Problemáticas da sexualidade

2.1.4.1 – A identificação sexual

O facto do indivíduo nascer com órgãos genitais masculinos ou femininos, não é condição necessária para que se torne homem ou mulher. É ao longo da vida que a identidade sexual se vai formando. Desde o nascimento, a criança é moldada para adquirir determinados comportamentos. Aprende os papéis sexuais que são transmitidos pela sociedade a que pertence (Pereira e Freitas, 2001). Gomes e Miguel (2000:24) afirmam que (...) *as diferenças de comportamento e atitudes entre homens e mulheres são da responsabilidade dos modelos culturais da sociedade em que vivemos*. Face a esta realidade, a construção da identidade sexual é um processo que envolve experiências diversificadas e acontece de forma diferente na vida de cada indivíduo. Neste processo, aqueles que não se ajustam aos padrões ditos normais, nas nossas escolas são muitas vezes pouco acolhidos.

A sexualidade é assim um aspecto complexo que se constrói ao longo da vida. É influenciada pelo meio cultural e vivida de diferentes modos por todos os indivíduos (Louro, 2001).

2.1.4.2 – O abuso sexual

Ao longo da história, os abusos sexuais têm sido uma realidade. Contudo, no passado, estes não eram estudados, nem denunciados.

Já em 1986, o cientista David Finkelhor, tendo por base 19 investigações realizadas nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, chegou à conclusão que cerca de 20% das mulheres e 10% dos homens foram vítimas de abuso sexual na infância. Salienta-se ainda os dados divulgados pelos investigadores das polícias europeias, que evidenciam que só na Europa foram identificadas na Internet um milhão e duzentas mil crianças em fotografias pertencentes a redes pedófilas (Pereira e Freitas, 2001).

Actualmente, face às notícias veiculadas pelos *media*, os abusos sexuais têm sido divulgados à sociedade e constituem uma preocupação social.

Entre os membros da comunidade científica, as opiniões são divergentes quanto ao conceito de abuso sexual. No entanto, a definição apresentada pelo National Center of Child Abuse and Neglect (EUA), reúne o consenso da maior parte dos especialistas:

Contactos e interacções entre um adulto e uma criança, quando o adulto usa a criança para estimular sexualmente a si próprio, à criança ou a outrem. Também pode ser cometido por pessoa menor de 18 anos quando a sua idade for significativamente superior à da vítima, ou quando está em clara posição de poder ou controlo sobre ela (Freitas, 2003:233).

Em relação ao abuso sexual existem alguns mitos, no entanto os estudos revelam que, na sua maioria, os agressores não são doentes mentais e podem pertencer a qualquer classe social; frequentemente são do sexo masculino (também as mulheres podem abusar sexualmente de crianças) e pertencem à faixa etária da meia-idade. Muitas vezes são conhecidos e podem pertencer à família. Aproximam-se gradualmente da vítima, conquistam a sua amizade e numa fase mais avançada recorrem à persuasão e ameaças.

As crianças portadoras de deficiência têm mais possibilidade de se tornarem vítimas de abuso sexual. A sua condição física e psíquica dificulta o relato da ocorrência, pelo que se torna mais difícil identificar os sintomas de abuso (Pereira, 2006). Neste contexto, López (2002) refere que as pessoas portadoras de deficiência física são mais vulneráveis a situações de abuso sexual, uma vez que a sociedade encara as mesmas como pouco atractivas, não despertando qualquer interesse sexual nos outros. Para além deste facto, geralmente apresentam os seguintes problemas:

- Carência afectiva;
- Falta de auto-estima;
- Pouca autonomia (dependem dos cuidados dos outros);
- Limitações para iniciar o processo de sedução (a deficiência física

implica dificuldades de comunicação com os outros);

- Limitações motoras que afectam a possibilidade de acariciar o outro e a capacidade de dar uma resposta sexual;
- Menor capacidade de defesa;
- Falta de formação sobre sexualidade.

Assim, os adultos devem estar atentos a eventuais alterações do comportamento da criança, bem como acreditar nos seus relatos sobre estas questões (Félix, 1995).

A vítima, na maior parte das vezes do sexo feminino, revela medo das represálias do agressor; apresenta distúrbios emocionais (ansiedade, insegurança, medos, agressividade); uma baixa auto-estima acompanhada de vergonha e culpabilidade. Ao nível cognitivo, apresenta problemas de memória e concentração, que mais tarde são responsáveis pelo seu insucesso escolar. Revela maior curiosidade no que respeita à sexualidade, evidenciando precocidade de comportamentos sexuais.

Os abusos sexuais podem originar lesões físicas; uma gravidez não desejada; doenças sexualmente transmissíveis; toxicodependência; delinquência e prostituição (Freitas, 2003). A criança que vive uma experiência de abuso sexual fica perturbada e tem necessidade de ser ajudada. Na maioria dos casos é necessário recorrer a ajuda médica e psicológica, assim como accionar processos judiciais, pois o agressor constitui um perigo para outras crianças (Rouyer, 2005). Este tipo de violência é crime, logo *qualquer pessoa tem obrigação de denunciar uma suspeita de abuso sexual (...)* (Robert, 2003:25).

Todas as crianças têm o direito à informação, de modo a desenvolver capacidades que lhes permita enfrentar de forma adequada situações de perigo, como o abuso sexual (Pereira, 2006). Nos Programas de Educação Sexual, esta temática deverá ser incluída. Estes, por sua vez devem ser enquadrados numa perspectiva de educação para a saúde, permitindo desenvolver competências que ajudem a prevenir este tipo de violência (López, 2000).

2.1.4.3 – A gravidez na adolescência

Os índices de gravidez precoce são altos em todo o mundo. Dos países da União Europeia, Portugal apresenta uma das taxas mais elevadas de gravidez na adolescência.

Em cada ano, cerca de 10 mil adolescentes tornam-se mães. O número de abortos clandestinos (muitas vezes tardios, fruto de uma gravidez escondida) é desconhecido, mas estudos recentes mostram que continua a ser um problema da sociedade (Frade e outros, 1999:14).

Os jovens portugueses acreditam que estão bem informados no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, no entanto, um estudo científico elaborado por investigadores portugueses revela que estes para além de deixarem transparecer erros científicos, continuam a adoptar comportamentos sexuais, colocando em risco a sua saúde (Veiga e outros, 2006).

Nas relações sexuais, os jovens não usam (ou usam incorrectamente) os métodos contraceptivos. As informações são, na sua maioria, adquiridas através de colegas, cujas opiniões são em grande parte das vezes distorcidas e cheias de mitos e preconceitos (Pereira, 2006). Nesta área, quando não têm acesso a informações através dos familiares ou de profissionais, ganha destaque a informação difundida por outros agentes de socialização, nomeadamente a televisão. Estes agentes, apesar de possibilitarem o acesso à informação, muitas vezes são alvo de más interpretações (Katz, 1985; Mariani, 1994, citado por Marques e Forreta, 2005).

Segundo Pereira e Freitas (2001), são inúmeras as desvantagens de uma gravidez precoce. A nível físico, o corpo ainda se encontra numa fase de desenvolvimento e maturidade; a nível psicológico, a personalidade ainda está em formação. Em termos sociais, pode levar ao abandono escolar; ao isolamento e ao ingresso demasiado cedo no mundo do trabalho a fim de colmatar as dificuldades financeiras.

Perante uma gravidez na adolescência, a jovem mãe pode optar por:

- Deixar seguir a gravidez e casar.
- Deixar seguir a gravidez e no final entregar a criança para adopção.
- Interromper a gravidez.

As duas últimas opções deixam sequelas marcantes na jovem mãe (Dias e outros, 2002).

A fim de evitar uma gravidez precoce é necessário que ocorra uma mudança efectiva na prática sexual dos adolescentes. Para que tal aconteça, nas escolas, são necessários Programas de Educação Sexual que possibilitem o desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e valores. Sem essa motivação, os jovens continuam a praticar sexo pondo em risco a sua saúde, dando origem a um problema de saúde pública.

2.1.4.4 – As infecções/doenças sexualmente transmissíveis

Desde sempre existiram infecções/doenças relacionadas com a sexualidade. As infecções/doenças sexualmente transmissíveis têm vindo a aumentar. Em Portugal a Hepatite B e a SIDA (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida) ocupam um lugar de destaque. Dos países da União Europeia, Portugal possui um dos piores índices de SIDA. No nosso país, estima-se que existem cerca de 30 a 50 mil pessoas infectadas com o VIH/SIDA, *no entanto até 31 de Dezembro de 2004 só se encontravam notificados 25968 casos (...)* (Sebastião, 2005:16). Esta realidade, para além de estar associada às mudanças dos comportamentos sexuais (a vida sexual é iniciada precocemente e estabelecida com vários parceiros negligenciando muitas vezes o uso do preservativo), deve-se à falta de uma Educação Sexual, capaz de informar sobre as formas de prevenção e contágio destas doenças, bem como os seus sintomas e consequências (Pereira e Freitas, 2001). Uma revisão de 19 estudos internacionais feita pela OMS, permitiu chegar à conclusão que em 10 desses estudos, a Educação Sexual fez com que os jovens comesçassem a adoptar práticas sexuais mais seguras (Pereira, 2006).

Na actualidade, a SIDA constitui um grave problema de saúde pública, pelo

que é necessário apostar na sua prevenção desde os primeiros anos de escolaridade. Os jovens adolescentes são mais vulneráveis a esta doença, devido à falta de conhecimentos no âmbito da temática e constrangimentos na aquisição e utilização dos preservativos (Pombo, 2003).

2.1.5 – A sexualidade na deficiência

(...) a sexualidade, é a mais normal das características humanas, e é sentida de maneira idêntica por deficientes e não deficientes (Craft e Craft, 1982, citado por Félix, 1995:43).

Tal como a sexualidade em geral, a sexualidade das pessoas portadoras de deficiência está repleta de mitos e tabus, embora com uma tonalidade mais negativa. As pessoas portadoras de deficiência são muitas vezes encaradas pela sociedade como seres assexuados, sem direito à sua realização sexo-afectiva. A família da pessoa com deficiência ignora e não aceita os seus problemas sexo-afectivos. Com frequência, consideram-na sempre criança, protegem-na demasiado, não possibilitando a construção da sua identidade. A falta de autonomia, de auto-estima e auto-confiança são as principais dificuldades com que se defrontam (Andrada, 1995).

Nas últimas décadas, apesar da mudança de mentalidades, em relação à sexualidade, a vertente reprodutiva é ainda a mais privilegiada, sendo desvalorizada outras valências como a afectividade e o prazer. Neste ponto de vista, duas pessoas portadoras de deficiência física que estejam impedidas de assumir paternidade/maternidade, frequentemente acabam por ver posto em causa o seu relacionamento sexo-afectivo (Gomes, 1995).

Em relação à sexualidade, as pessoas portadoras de deficiência, tal como qualquer pessoa, têm desejo sexual e vivem a sua sexualidade, estando sujeitas a comportamentos sexuais socialmente construídos. Por vezes, são vítimas de abuso sexual e expressam a sua sexualidade de forma pouco adequada relativamente ao contexto em que se inserem (Marques e Forreta, 2005). Estas

(...) expõem o seu corpo e as suas práticas (como a masturbação), não demonstram uma orientação sexual clara e dirigida (...) (Félix, 1995, citado por Marques e Forreta, 2005:45).

Um estudo efectuado em meio institucional, envolvendo 45 indivíduos portadores de deficiência, pertencentes a ambos os sexos, permitiu através de observações sistemáticas, o registo da frequência dos comportamentos verbais e não verbais desta população, na área afectivo-sexual. Os resultados do estudo evidenciam que, nesta área, 32 indivíduos manifestaram comportamentos, os restantes não evidenciaram qualquer tipo de comportamento. Em relação aos comportamentos não verbais, os indivíduos portadores de deficiência costumam frequentemente: abraçar; beijar na cara; fazer “festas” e apalpar. No que respeita aos comportamentos verbais, verifica-se que esta população refere com frequência que vai casar; que namora; utiliza a expressão “meu amor” e solicita beijos. (Martins, 1995).

As pessoas portadoras de deficiência (não esquecendo as que possuem deficiência mental) necessitam de desenvolver fortemente a auto-estima; estabelecer relações de amizade e afectividade (necessitam de amar e ser amadas; de tocar e serem tocadas); desenvolver conhecimentos e uma atitude positiva face à sexualidade (López, 2002). Tratando-se de alunos com necessidades educativas especiais, torna-se necessário proporcionar também a estas pessoas o acesso à informação/formação nesta área, para que possam aprender a viver a sua sexualidade de forma activa e responsável. Tendo em conta as características específicas de cada indivíduo, tal como se faz noutras áreas de ensino, no domínio da Didáctica das Ciências, importa desenvolver Programas de Educação Sexual, possibilitando a vivência de uma sexualidade adequada às necessidades de cada um. Os profissionais (professores, terapeutas...) que trabalham com estas pessoas têm a responsabilidade de fornecer informações cientificamente correctas, sem regras fixas ou tabus pré-estabelecidos. Nesta área, cabe aos profissionais apoiar e orientar as decisões tomadas pela pessoa com deficiência. Dando principal destaque à sexualidade dos deficientes mentais, Amaral (1995) defende que os problemas sexuais devem ser tratados pelos adultos que os acompanham, com disponibilidade, atenção e

afecto. Assim, na área da Educação e da Saúde, todos os profissionais, na sua formação inicial, deveriam ter formação em sexologia. Para o sucesso destes Programas, torna-se pertinente o envolvimento dos pais e encarregados de educação. Estes, podem fazer sugestões e ao mesmo tempo partilhar as suas preocupações no que respeita à sexualidade dos seus filhos (Gomes, 1995).

2.2 - A Educação Sexual

2.2.1 – Perspectiva histórica

No sistema educativo português, antes do 25 de Abril, em 1973, foi criada uma *Comissão sobre Educação e Sexualidade*. Esta foi constituída por diversos técnicos que defendiam a necessidade da escola integrar as questões da Educação Sexual. A referida comissão foi rapidamente dissolvida pelo regime vigente. No entanto, conseguiu deixar algumas recomendações, salientando que os manuais escolares não deviam omitir os órgãos genitais do corpo humano e que haveria vantagens numa educação mista que permitisse o convívio entre rapazes e raparigas. É de salientar que esta última recomendação veio a ser posta em prática pouco tempo depois.

Apesar destes factos, até 1984 não foram registadas quaisquer alterações em termos de Educação Sexual nas escolas, quer a nível legislativo, quer a nível de política educativa.

Em 1984, a Assembleia da República aprova a primeira legislação sobre a Educação Sexual – Lei 3/84, de 24 de Março de 1984. Com a publicação desta Lei, o Estado português garante o apoio às famílias nas tarefas de Educação Sexual. Obriga-se a introduzir nos currículos escolares elementos relacionados com a sexualidade, conhecimentos científicos sobre anatomia, fisiologia, genética e sexualidade humana. Comprometesse ainda a prestar uma atenção especial à formação inicial e permanente dos professores nestas matérias.

Após a publicação desta Lei, a Associação para o Planeamento da Família (APF) realizou em Lisboa um seminário sobre Educação Sexual nas escolas, no

qual participaram cerca de mil professores dos vários graus de ensino, incluindo do 1º CEB e do Pré-Escolar. A partir desta iniciativa, em Maio de 1984, a APF entregou ao Ministério da Educação a primeira proposta para a integração da Educação Sexual nas escolas. Apesar da iniciativa levada a cabo pela APF, em termos de sistema educativo nada se alterou.

Em 1986, foi aprovada a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, de 14 de Outubro), onde no nº 2 do artigo 47º, refere uma nova área pedagógica – a Formação Pessoal e Social - que pode incluir a Educação Sexual; a Educação para a Saúde; a Educação dos Consumidores ou a Educação Cívica. Com a criação desta nova área, surge um novo conceito de Educação Sexual que não envolve apenas os aspectos biológicos. A Educação Sexual surge ligada ao desenvolvimento pessoal e social dos jovens.

No final dos anos 80, inicia-se um processo de reforma educativa e reorganização curricular. A APF apresenta novamente uma proposta ao Ministério da Educação, o documento *Sugestões para a Integração da Educação Sexual nos Ensinos Básico e Secundário*. Nesta proposta de Educação Sexual, em relação ao 1ºCEB, constam um conjunto diversificado de temas agrupados em quatro áreas fundamentais (o corpo sexuado; a sexualidade e as relações interpessoais; as expressões da sexualidade e o nascimento). Com esta nova proposta, o programa do 1ºCEB veio integrar nos seus objectivos e conteúdos a temática da Educação Sexual.

Em 1990, foram aprovadas as orientações curriculares para o 1ºCEB, fazendo referência às questões da sexualidade ao nível dos objectivos de ensino. Apesar de se referirem a objectivos que visavam uma informação correcta e o desenvolvimento de valores e atitudes positivas face à sexualidade, os conteúdos limitaram-se apenas à abordagem da Reprodução Humana.

Em relação à área de Formação Pessoal e Social, a maioria das escolas não a integrou e esta acabou por ser omitida.

Face a esta realidade, em 1995, a APF propôs uma parceria ao Programa de Promoção e Educação para a Saúde do Ministério da Educação, para a realização de um projecto experimental em Educação Sexual. Este projecto foi realizado em 1995, mostrando que a Educação Sexual pode ser desenvolvida

pelos professores quando estes estão devidamente formados e apoiados. Revelou também que os pais podiam colaborar de forma positiva no processo de Educação Sexual. O documento *Orientações Técnicas para a Educação Sexual em Meio Escolar* foi produzido no âmbito deste projecto.

Em Junho de 1998, o referendo sobre a questão da interrupção voluntária da gravidez, veio reforçar a necessidade da Educação Sexual na sociedade portuguesa. Na sequência dos debates referentes a esta temática foi publicado o Plano Interministerial de Acção em Planeamento Familiar e Educação Sexual, no qual, o Ministério da Educação comprometeu-se a generalizar a Educação Sexual nas escolas portuguesas nos próximos 5 anos.

Em Maio de 1999 foi aprovada nova legislação sobre a Educação Sexual – Lei 120/99, de 11 de Agosto. Esta proclama as garantias do direito à saúde reprodutiva, reafirmando que é necessário desenvolver um programa de Educação Sexual nos ensinos básico e secundário.

A regulamentação desta legislação foi publicada em Outubro de 2000, através do Decreto-Lei 259/2000, de 17 de Outubro, o qual estabelece que cada escola deve integrar uma componente de Educação Sexual no seu projecto educativo. Assim, defende-se um modelo transversal de inclusão da Educação Sexual nas escolas. Ainda em Outubro de 2000 é publicada a versão final deste documento que actualmente se designa por *Linhas Orientadoras–Educação Sexual em Meio Escolar*. O documento foi assinado pelos Ministérios da Educação e da Saúde e pela APF. Este clarifica o conceito, quadro ético e a metodologia da Educação Sexual. Fornece também pistas para o desenvolvimento de programas para a formação de professores, bem como articulação entre a escola e a família.

Em 2001 é publicado o Decreto-Lei 6/2001, de 18 de Janeiro, que estabelece a Educação para a Cidadania como área transversal e privilegiada para o desenvolvimento da Educação da Sexualidade (Marques, Vilar e Forreta, 2002).

Considerando o Decreto-Lei 259/2000 e o documento *Linhas Orientadoras–Educação Sexual em Meio Escolar* (que se encontra actualmente em vigor), em 15 de Junho de 2005, foi publicado o Despacho nº19 737/2005 (2ª

série), o qual refere, que no âmbito do Ministério da Educação, seja criado um grupo de trabalho *com o objectivo de estudar e propor os parâmetros gerais dos programas de educação sexual em meio escolar, na perspectiva da promoção da saúde escolar*. No seguimento deste normativo, em 28 de Novembro de 2005, foi publicado o Despacho nº 25 995/2005 (2ª série), no qual são aprovadas as conclusões do relatório preliminar apresentado pelo grupo de trabalho, em relação ao modelo de educação para a promoção da saúde.

Por último, em Janeiro de 2007 é publicado o Despacho nº 2 506/2007 que determina que cada agrupamento/escola com programas/projectos na área da Educação para a Saúde designará um docente para exercer funções de coordenador da Educação para a Saúde.

Apesar do quadro legal e normativo existente, a Educação Sexual continua a não ser implementada em todas as escolas do nosso país. Na área da “Sexualidade e Reprodução Humana”, os alunos, incluindo os que apresentam necessidades educativas especiais, são privados de um conhecimento cientificamente aceite.

2.2.2 – Educação Sexual (in)formal

A educação da sexualidade começa desde o nascimento (Paiva e Paiva, 2002). Logo à nascença, cada um de nós é sujeito a influências educativas. Ao longo da vida, nas experiências do quotidiano, em diferentes contextos, de forma espontânea, continuamos a receber informações e a adquirir atitudes e comportamentos relativos à sexualidade – Educação Sexual informal.

Os principais agentes educativos que influenciam a sexualidade são os pais (figuras de apego e de identificação); os pares (constituem modelos sexuais pelo facto de evidenciarem os mesmos interesses e pertencerem a faixas etárias similares) e os *media* (actualmente, a televisão atrai a atenção das crianças e jovens. Sendo uma das principais actividades diárias, através da publicidade e programação transmite conteúdos sexuais estereotipados, deturpados. Quando programada de forma positiva, a televisão pode ser um importante agente

educativo a favor da Educação Sexual).

Deste modo, podemos constatar que a educação da sexualidade é um processo que se inicia muito antes do ensino formal (Coutinho, 2004).

No que respeita à Educação Sexual formal, esta considera a escola e os professores como meios educativos privilegiados para programar os conteúdos no âmbito da sexualidade, de acordo com os objectivos estabelecidos. A Educação Sexual formal desenvolve-se no sistema educativo através do currículo. Actualmente, nas escolas, os conteúdos sexuais envolvem práticas educativas pouco consistentes e pouco explícitas. Esta realidade não favorece o desenvolvimento de atitudes, opiniões e comportamentos sexuais autónomos e responsáveis. No ensino, ainda hoje, pode verificar-se que predominam perspectivas tradicionalistas da sexualidade. A Reprodução continua a ocupar lugar de destaque em relação ao prazer (perspectiva reprodutiva); o prazer erótico está associado aos órgãos genitais e ao coito vaginal (perspectiva genital); o padrão comportamental sexual dominante é o heterossexual – relação amorosa entre homem/mulher (perspectiva heterossexual); as características psicológicas e os comportamentos sexuais são atribuídos em função do género (perspectiva masculina); a expressão da sexualidade é muitas vezes associada ao matrimónio (perspectiva do adulto) (Vaz, Vilar e Cardoso, 1996).

O conceito, os objectivos e os princípios orientadores da Educação Sexual têm vindo a sofrer alterações de acordo com as mudanças da sociedade e da própria Ciência.

A Educação Sexual trata de temas relacionados fundamentalmente com a saúde reprodutiva, dando-se principal destaque aos temas da Reprodução Humana e da contracepção, bem como das doenças sexualmente transmissíveis. Contudo, hoje, a Educação Sexual deve ser entendida num contexto mais alargado que envolve a dimensão psico-afectiva, sócio-cultural, relacional e ética da sexualidade (Marques e Forreta, 2005, citado por Lapa e outros, 2005). No seguimento desta perspectiva, Amor Pan, (1997:300, citado por Lapa e outros, 2005), apresenta uma definição mais abrangente do conceito de Educação Sexual:

A educação sexual é um processo pelo qual os pais e educadores se esforçam para informar e formar os educandos no campo da sexualidade, para que estes possam aceder ao total desenvolvimento do seu ser como homens e como mulheres, de modo a que sejam capazes de viver como seres plenamente humanos na sua vida afectiva, pessoal e social, e por sua vez livres e responsáveis.

Assim sendo, a Educação Sexual, tendo em conta as características e necessidades dos destinatários, visa não só desenvolver um conjunto de conhecimentos pertinentes, como a abordagem de atitudes, valores relativos à sexualidade (Marques, 1995). A Educação Sexual entendida neste sentido mais amplo deve assentar numa base ética, pois independentemente do modelo de Educação Sexual, são transmitidos valores, entre os quais se salienta:

- *Respeito pelo direito a ser diferente;*
- *Reconhecimento de que a autonomia, a liberdade de escolha e uma informação adequada são aspectos essenciais para a estruturação de atitudes e comportamentos responsáveis no relacionamento sexual* (Frade, e outros, 1992, citado por Vaz, Vilar e Cardoso, 1996:43).

Os técnicos de educação não têm uma formação adequada para tratar a temática da sexualidade (Marques, 1995). Na escola, a implementação da Educação Sexual implica a formação dos agentes educativos, de forma a que estes sejam capazes de agir adequadamente face às dúvidas dos alunos relativas à sexualidade. Implica também que num contexto curricular e extra curricular seja feita a abordagem pedagógica de temas relacionados com a sexualidade, privilegiando sempre as diferentes necessidades dos alunos (Pereira, 2006).

Amor Pan (1997, citado por Lapa e outros, 2005), refere que a Educação Sexual tem como principal objectivo não só o desenvolvimento de conhecimentos mas também de competências que permitam aos indivíduos de forma autónoma, tomar decisões sobre a sua sexualidade. Defende ainda, tal como outros autores, que a Educação Sexual acarreta a interdisciplinaridade, as suas actividades podem ser tratadas em diferentes disciplinas e devem desenvolver a área do

bem-estar orgânico (inclui a prevenção de doenças e a higiene); do bem-estar mental (implica a aceitação positiva da sexualidade) e do bem-estar relacional (visa a valorização do estabelecimento de vínculos afectivos).

Aquando da abordagem da Educação Sexual, devem ser privilegiadas técnicas dinâmicas que apelem ao interesse e à participação dos alunos. Os trabalhos em subgrupos; a recriação de situações (através de *role-play*); o *brainstorm* (tempestade de ideias), são exemplos de técnicas que tornam os alunos mais participativos e autónomos, permitem a aceitação da ideia dos outros e a afirmação das suas próprias opiniões (Marques, 1995).

Torna-se importante abordar temas de Educação Sexual junto das famílias. Assim, nesta área será possível apoiar as suas intervenções; promover a partilha de dúvidas e clarificar concepções alternativas em relação à sexualidade, garantindo a confiança no trabalho desenvolvido pelos profissionais (Marques, 2005a). Os direitos e deveres das famílias em matéria de Educação Sexual devem ser partilhados com outros agentes (professores e outros técnicos).

(...) com a comunicação entre encarregados de educação e técnicos, não só as crianças e jovens poderão garantir a possibilidade de ajuste entre a casa e a escola no que respeita a sua aprendizagem (sexual), como o esforço de ambas as partes tem uma probabilidade acrescida de sucesso".
(Marques, 2005, citado por Lapa e outros, 2005:63)

2.3 – Os alunos com NEE e o ensino das Ciências

Os alunos com necessidades educativas especiais são aqueles que, por exibirem determinadas condições específicas, podem necessitar de apoio de serviços de educação especial durante todo ou parte do seu percurso escolar, de forma a facilitar o seu desenvolvimento académico, pessoal e socioemocional (Correia, 2005:14).

Segundo esta definição, ter necessidades educativas especiais é

necessitar de um complemento educativo adicional e/ou diferente daquele que é habitualmente praticado no ensino regular. Como tal, poder-se-á dizer que ter necessidades educativas especiais não implica obrigatoriamente uma deficiência física ou intelectual. Num dado momento, qualquer um de nós pode necessitar de um apoio suplementar para ultrapassar dificuldades que possam surgir no processo de aprendizagem. Estas necessidades podem ser temporárias ou permanentes; ligeiras, médias ou profundas. Tendo em conta cada caso, estas necessidades exigem uma resposta específica, capaz de promover o desenvolvimento do aluno no seu todo, utilizando o seu potencial físico, intelectual, estético, criativo, emocional, espiritual e social; permitindo que o mesmo possa viver como cidadão autónomo e responsável (Sanches, 2001).

Até 1976, altura em que foram criadas as *equipas de ensino especial integrado (com o objectivo de promover a integração familiar, social e escolar das crianças e jovens deficientes)*, os alunos com NEE eram praticamente excluídos do sistema regular de ensino. Apesar da criação destas equipas, um número elevado destes alunos, continuava a não beneficiar de serviços de apoio especializado face às suas necessidades educativas. Em idade escolar, grande parte dos alunos que apresentavam NEE permanentes eram integrados na *classe especial*, na *escola especial* ou na Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS).

Em 1986, com a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), surgem transformações profundas no que respeita a *educação integrada*. São criadas as *equipas de educação especial* (EEE) que desempenham serviços de educação especial a nível local, abrangendo todo o sistema de educação e ensino não superior.

Mais tarde é publicado o Decreto-Lei nº 319/91, de 23 de Agosto. Com este normativo, as escolas passaram a dispor de um suporte legal em relação aos alunos com NEE. Este Decreto provocou grandes alterações no sistema educativo. Para além de introduzir o conceito de *necessidades educativas especiais*, com vista à descategorização; veio privilegiar a integração do aluno com NEE na escola regular; responsabilizar a escola pela procura de respostas educativas eficazes e reforçar o papel dos pais no que respeita à educação dos

seus filhos (Correia, 2005). O Decreto-Lei 319 veio ainda proclamar:

(...) o direito a uma educação gratuita, igual e de qualidade, para os alunos com NEE, estabelecendo a individualização de intervenções educativas através de planos educativos individualizados (PEI) e de programas educativos (PE) com objectivo de responder às necessidades educativas desses alunos (Correia, 2005:8).

Mais tarde, os alunos com NEE começaram a interagir com os alunos “normais”, e foi-lhes cedido o acesso às classes regulares. Apesar deste facto, as escolas continuavam a não desempenhar o seu papel pois não providenciavam respostas educativas para todos os alunos. Assim, nasceu o movimento Regular Education Initiative (REI) (Iniciativa da Educação Regular ou Iniciativa Global de Educação). Este movimento tinha como objectivo atender às necessidades dos alunos com NEE nas classes regulares, propondo a adaptação da classe, de modo a facilitar as aprendizagens destes alunos. Ao aluno com NEE é reconhecido *(...) o direito de frequentar a classe regular, possibilitando-lhe o acesso ao currículo comum através de um conjunto de apoios apropriados às suas características e necessidades (Correia, 2005:9).* Este movimento deu origem às *escolas inclusivas*, que até hoje revelam dificuldade em dar resposta às necessidades de todos os alunos (Correia, 2005).

Na Declaração de Salamanca (1994), sobre os princípios, políticas e práticas no âmbito das necessidades educativas especiais foi então preconizada uma educação inclusiva (Madureira e Leite, 2003). Esta baseia-se num conjunto de princípios, entre os quais defende que todos os alunos:

- São capazes de aprender e dar a sua contribuição para a sociedade onde se encontram inseridos.
- Devem ter igualdade de acesso a um currículo diversificado, bem como a serviços de qualidade e de apoio especializados que se traduzem em práticas educativas ajustadas às suas necessidades e capacidades (Correia, 2005).

A perspectiva inclusiva implica valorizar os factores contextuais e culturais inerentes ao processo ensino-aprendizagem (Madureira e Leite, 2003). Desta forma, o conceito de inclusão ultrapassa o de integração, pois este implica a inserção do aluno com NEE na escola regular em termos físicos, sociais e académicos, tendo por isso que assumir a heterogeneidade que existe entre os alunos, o respeito pela sua diversidade. Através da inclusão, os alunos sem NEE reconhecem que todos são diferentes e que as diferenças de cada um devem ser respeitadas e aceites.

Apesar da maioria dos professores acreditar na educação inclusiva, os resultados de alguns estudos evidenciam que estes sentem falta de formação para ensinar os alunos com NEE (Struggs e Mastropieri, 1996; Correia e Martins, 2000, citado por Correia, 2005). Consideram que com estes alunos as exigências educativas são maiores e sentem dificuldades em fazer adaptações curriculares e em lidar com as problemáticas inerentes aos mesmos. Perante estas dificuldades, Hunter (1999, citado por Correia, 2005), defende que a implementação de um modelo inclusivo exige uma formação contínua dos profissionais com vista a adquirir e/ou a aperfeiçoar as suas competências.

Atendendo às necessidades e características dos alunos, torna-se necessário a utilização de práticas educativas flexíveis e diversificadas, assim como material concreto e estimulante. A aprendizagem em cooperação e a utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC) são técnicas educacionais bastante utilizadas. A primeira, para além de permitir a interacção entre os alunos, promove a inclusão dos que apresentam necessidades educativas especiais, possibilitando-lhes melhores resultados académicos (Stevens e Slavin, 1991; Smith e Cols, 2001, citado por Correia, 2005). A aprendizagem em cooperação exige um cuidado especial na formação dos grupos, pelo que em relação às capacidades e necessidades destes alunos, *o grupo deve ser heterogéneo, devendo os alunos com NEE ser distribuídos pelos diferentes grupos* (Correia, 2005:42). Por sua vez, as TIC são utilizadas com vista a melhorar a qualidade de vida dos alunos com NEE, possibilitando a sua inclusão escolar e integração social. Estas visam melhorar o desempenho académico dos alunos e possibilitar o desenvolvimento de capacidades para

trabalhar com tecnologias (Howell, 1996, citado por Correia, 2005).

Face a uma realidade educativa heterogénea, ao pretender responder às necessidades dos alunos, também no ensino das Ciências é necessário proceder a adaptações curriculares de acordo com as suas características.

Num Programa educativo direccionado para alunos com NEE, as actividades e os materiais a utilizar devem ser diversificados.

Os conteúdos curriculares devem ser relevantes para os alunos, de modo a despertar o seu interesse/motivação.

Tendo por base as propostas feitas por Deschenes, Ebling e Sprague (1994); Correia (1997); Mercer e Mercer (1993); Polloway, Patton e Serna (2001) e Vaugh, Bos e Schumm (1997) citado por Correia (2005), apresentam-se algumas estratégias a aplicar:

- Ler textos em voz alta.
- Trabalhar os textos em tutoria de pares.
- Trabalhar individualmente ou em pequenos grupos.
- Trabalhar textos reduzidos.
- Simplificar o vocabulário.
- Destacar as palavras-chave, as frases e os conceitos mais relevantes.

É no domínio da escrita que grande parte dos problemas dos alunos com NEE estão localizados. Para atenuar estas dificuldades, Deschenes, Ebeling e Sprague (1994, citado por Correia, 2005), apresentam algumas sugestões:

- Evitar fichas de trabalho com muitas respostas escritas.
- Dar oportunidade de realizar escrita em grupo.
- Atribuir tempo suficiente para efectuar respostas às questões.

A este respeito, Polloway, Patton e Serna (2001, citado por Correia, 2005) sugerem ainda:

- Orientar/ajudar individualmente o aluno.
- Diversificar a forma como se apresentam as questões (escolha múltipla, verdadeiro ou falso...).

- Privilegiar as respostas orais.

A perspectiva inclusiva confere à escola a responsabilidade de se estruturar, procurando responder de forma eficaz a todas as crianças. Como refere Costa (2001:103), *(...) trata-se de olhar para cada um e responder da melhor forma às suas características específicas – sejam elas de ordem sócio-cultural, de ordem física, de ordem emocional ou de ordem intelectual.*

No âmbito da Didáctica das Ciências, no que respeita à temática “Sexualidade e Reprodução Humana”, torna-se urgente criar situações de aprendizagem que contribuam para a construção de um conhecimento cientificamente aceite, garantindo também aos alunos com NEE o direito de viver uma sexualidade responsável e adequada às suas necessidades. Desta forma é indispensável que os professores disponham de conhecimentos e formação específica que lhes permita dar resposta educativa a crianças com diferentes capacidades e com níveis distintos de conhecimentos prévios (Veiga e outros, 2000).

CAPÍTULO 3
METODOLOGIA

Neste capítulo descreve-se a metodologia utilizada no estudo, cuja finalidade foi conceber e implementar numa perspectiva CTS, um Programa no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, adaptado a alunos do 1ºCEB com NEE.

De início, apresentam-se os respectivos objectivos de cada fase da investigação. De seguida, descrevem-se e fundamentam-se os procedimentos seguidos e os instrumentos de recolha de dados utilizados para levar a cabo o estudo. Apresenta-se ainda a população envolvida nas diferentes fases da investigação, bem como, os procedimentos seguidos para efectuar a análise dos dados recolhidos.

3.1 – Objectivos

Como já foi referido no capítulo 1, a investigação, de natureza qualitativa, teve como questão problemática, numa perspectiva CTS, como implementar a Educação Sexual no 1ºCEB em alunos com NEE. O estudo decorreu em três fases, cada uma delas com diferentes objectivos:

Fase I

- Proceder ao levantamento de estudos e trabalhos feitos em Portugal, no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos do 1ºCEB com NEE.
- Conhecer o modo como professores, pais e encarregados de educação de alunos com NEE se posicionam relativamente à temática.

Fase II

- Envolver no Projecto os professores do ensino regular do 1ºCEB, das turmas onde se realizou a investigação.
- Conceber e implementar numa perspectiva CTS, com o apoio desses professores, um Programa no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, adaptado a alunos do 1ºCEB com NEE.

Fase III

- Avaliar junto dos professores e alunos com NEE, o impacte do Programa implementado.
- Divulgar o trabalho realizado junto da comunidade educativa.

3.2 – Investigação – acção de natureza qualitativa

Partindo de uma situação real, tendo em conta a questão problemática e os objectivos do estudo, optou-se pela investigação-acção, enquanto instrumento de investigação em Educação. Neste tipo de investigação, os professores são (...) *actores e investigadores das suas próprias práticas* (...) (Afonso, 2005:74).

Trata-se de um procedimento in loco, visando lidar com um problema concreto localizado num contexto imediato. Isto significa que o processo é constantemente controlado passo a passo (numa situação ideal) durante períodos de tempo variáveis, utilizando diversos modos de avaliação (diários, narrativas, entrevistas, questionários e estudo de casos, por exemplo), de modo que os resultados obtidos levem a reformulações, modificações, ajustamentos e mudanças de direcção, conforme as necessidades, de modo a orientar a investigação no caminho mais adequado (Cohen e Manion, 1987, citado por Sousa, 2005:95-96).

Para levar a cabo o estudo foi necessário ter em conta as características dos sujeitos participantes, bem como o contexto institucional no qual se desenvolveu a intervenção. Como professora do 1ºCEB, nos anos lectivos 2004/2005 e 2005/2006 tive oportunidade de trabalhar no Ensino Especial, na escola onde decorreu a investigação. Nesta instituição, os alunos são provenientes de um meio urbano, pequeno, bastante industrializado. Um número significativo de alunos pertence a famílias carenciadas. A maioria dos pais encontra-se empregado nas indústrias do meio local e em média possui pouca formação académica (ao nível do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico). A Comissão e

Protecção de Menores do concelho a que pertence a escola recebe e trata um número significativo de casos que envolvem crianças/jovens vítimas de maus tratos, sendo bastante considerável o número de crianças vítimas de abuso sexual e adolescentes grávidas. Importa referir que algumas destas crianças, bem como adolescentes frequentam ou já frequentaram a escola onde decorreu a investigação. Na sua maioria, apresentam necessidades educativas especiais (dificuldades de aprendizagem; distúrbios emocionais e deficiência mental) e pertencem a famílias que vivenciam situações que envolvem o álcool; a droga e a prostituição.

No quotidiano, pode constatar-se que em relação à sua sexualidade, geralmente, os alunos com NEE manifestam carência de afecto; problemas emocionais e deturpação de condutas. Estes alunos têm mais probabilidades de serem vítimas de abuso sexual ou enfrentarem uma gravidez precoce, pois (...) *crescem num meio fechado sobre si mesmo, onde há pouca ou nenhuma abertura e não existe troca de impressões sobre sexualidade, onde não existe educação sexual* (Robert, 2003:33). O modo como vivem a sua sexualidade e como a sociedade (particularmente professores, pais e encarregados de educação), encara esta realidade, revelando desconhecimento e concepções alternativas que muitas vezes se traduzem em atitudes e comportamentos inadequados, constitui actualmente uma preocupação, um problema educacional. Perante esta realidade educativa, tal como noutras áreas, no que respeita à sexualidade, os alunos com NEE necessitam de uma abordagem específica, adequada às suas características e necessidades, tendo por base um conhecimento cientificamente aceite.

A investigação foi feita com grupos de alunos dentro do seu contexto habitual de funcionamento. Acompanhou-se a intervenção dos participantes passo a passo, estabelecendo com os mesmos uma interacção.

No que diz respeito à recolha de dados, em investigação-acção, pode recorrer-se a um conjunto de técnicas variadas (Oliveira, Pereira e Santiago, 2004). Assim sendo, os dados foram recolhidos mediante administração de questionários, análise de documentos, observação em contexto real e realização de entrevistas.

A avaliação fez-se de forma contínua recorrendo-se também a fotografias, e videograções. Sempre que necessário, fizeram-se reajustes que permitiram a reinterpretação dos dados, sem perda de rigor.

Apesar dos resultados do estudo não serem generalizáveis, uma vez que, a amostra é restrita e não representativa, a sua divulgação permite a construção de uma teoria e um cruzamento com outros estudos desenvolvidos em contextos semelhantes (Afonso, Morais e Neves, 2002).

O estudo integra-se numa abordagem investigativa do tipo qualitativa, uma vez que, analisa situações que ocorrem em ambiente natural, na sala de aula, e tem como principal preocupação, num primeiro momento, a recolha dos dados e numa fase posterior a análise de conteúdo dos mesmos. Face ao exposto, no estudo é fundamental todo o processo, ou seja, o que aconteceu antes, bem como o produto e o resultado final. Em investigação qualitativa, dá-se também uma grande importância à validade do trabalho realizado, pelo que, a principal preocupação deste paradigma investigativo é que os dados recolhidos estejam de acordo com o público-alvo, para que deste modo, o estudo possa ser aplicado a outros sujeitos em contextos semelhantes (Bogdan e Biklen, 1994).

Através da concepção e implementação do Programa - *À Descoberta da Sexualidade*, procurou-se, no que respeita à temática, contribuir para a construção de um conhecimento científico, capaz de desenvolver competências, de modo a alterar determinadas atitudes e comportamentos face à sexualidade. Pretendeu-se ainda promover o desenvolvimento de saberes e atitudes preventivas em matéria de saúde sexual e sensibilizar a comunidade escolar de que os alunos com NEE têm direito a viver a sua sexualidade, tal como os outros, sendo necessário aceitar as suas diferenças, criando estratégias alternativas, permitindo que os mesmos se sintam cidadãos de pleno direito no que diz respeito à sua sexualidade.

3.3 – Procedimentos e instrumentos

A tabela que se segue (3.1) faz a correspondência entre as fases da investigação, os respectivos instrumentos e o período de tempo em que se efectuou a recolha dos dados correspondentes a cada objectivo.

Tabela 3.1 – Recolha de dados

Fases/Objectivos/Amostra	Instrumentos	Período de tempo
Fase I - Conhecer o posicionamento de professores, pais e encarregados de educação dos alunos com NEE face à temática.	- Questionário a professores do 1º CEB (Anexo I). - Questionário a pais e encarregados de educação dos alunos com NEE (Anexo II).	Dezembro de 2005 a Fevereiro de 2006
Fase II - Conceber e implementar numa perspectiva CTS, com o apoio dos professores titulares das turmas envolvidas na investigação, um Programa no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, adaptado a alunos do 1ºCEB com NEE.	- Análise de documentos: Plano e Programa Educativo Individual dos alunos com NEE. - Observação - Grade de Registo de Dados de Observação de Situações de Aula (Anexo III).	Março a Junho de 2006
Fase III - Avaliar junto dos professores e alunos com NEE, o impacte do Programa implementado. - Divulgar o trabalho realizado junto da comunidade educativa. (*)	- Entrevista semi-estruturada aos professores (Anexo IV). - Entrevista semi-estruturada aos alunos com NEE (Anexo V).	Junho a Setembro de 2006

(*) Nesta Fase, para atingir este objectivo, dinamizou-se uma sessão de trabalho para professores do ensino regular e dos apoios educativos da escola onde decorreu a investigação (Anexo VI).

3.3.1 – Recolha de dados

Como refere Pardal e Correia (1995:52), *toda e qualquer técnica de recolha de dados apresenta vantagens e desvantagens de utilização.*

Ao longo da investigação houve necessidade de recorrer a várias técnicas de recolha de dados.

3.3.1.1 – Questionário

Na Fase I, para além da pesquisa e revisão da literatura referente a estudos e trabalhos feitos em Portugal, no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos do 1ºCEB com NEE, foi necessário a recolha de mais informações no terreno.

Assim, para conhecer o modo como professores, pais e encarregados de educação de alunos com NEE se posicionam relativamente à temática, recorreu-se à administração de questionários. O inquérito por questionário é uma técnica de investigação que permite interrogar por escrito os inquiridos, com vista a conhecer as suas opiniões e experiências pessoais relativas a determinados assuntos. As informações obtidas provenientes dos sujeitos, são posteriormente convertidas em dados e sujeitas a análise (Sousa, 2005). Além de poderem ser aplicados simultaneamente a um número elevado de indivíduos, os questionários permitem uma recolha e análise de dados relativamente rápida (Sousa, 2005 e Pereira, 2004).

Apesar deste facto, o questionário, como instrumento de recolha de dados, requer um especial cuidado na sua elaboração. Depois de definido o objectivo dos questionários, foi necessário seleccionar a amostra e definir objectivos para cada questão. Aquando da organização e redacção das questões, teve-se em conta as características/vivências dos indivíduos da amostra, tal como, o número e a ordem das questões formuladas. Atendendo às categorias de perguntas difíceis definidas por Belson (1981, citado por Foddy, 1996), houve também a preocupação de utilizar uma linguagem simples e precisa, para que as questões fossem compreendidas do mesmo modo por toda a população-alvo. Neste contexto, Foddy (1996:56) defende (...) *que os princípios condutores de formulação de perguntas devem ser a brevidade, a simplicidade e o privilégio de referenciais concretos.*

Na elaboração dos questionários, optou-se fundamentalmente por questões de escolha múltipla em leque aberto. Neste tipo de questões, é dada aos inquiridos a possibilidade de optar por uma ou mais alternativas colocadas ou eles próprios acrescentarem uma outra (Pardal e Correia, 1995).

Recorreu-se ainda a algumas questões fechadas, incluindo uma questão de escolha múltipla em leque fechado. No entender de Carmo e Ferreira (1998:141), as questões fechadas constituem *um modo de objectivar as respostas e de não permitir que estas sejam ambíguas (...)*.

Segundo Foddy (1996), os investigadores que utilizam o questionário defendem que a utilização de perguntas abertas podem assumir um papel importante na interpretação de respostas a perguntas fechadas. Desta forma, recorreu-se também a questões abertas, proporcionando aos inquiridos a oportunidade de elaborar a resposta de acordo com a sua opinião/situação pessoal. A formulação e o tratamento deste tipo de questões envolveu um processo complexo. Apesar deste facto, as questões abertas permitiram obter uma grande variedade de informação no que diz respeito à temática.

É de referir que no questionário a pais e encarregados de educação, formulou-se uma questão de escolha múltipla de avaliação ou estimacão. Neste tipo de questões, o inquirido escolhe apenas uma das alternativas propostas (Pardal e Correia, 1995). Com esta questão, foi possível captar a importância dada pelos pais e encarregados de educação à participação dos seus educandos no Programa.

Através da complementaridade entre questões abertas e fechadas, foi possível obter respostas mais completas e fidedignas.

Numa situação não presencial, foram administrados dois questionários: um a professores do 1ºCEB do ensino regular e dos apoios educativos (Anexo I), e outro a pais e encarregados de educação de alunos do 1ºCEB com NEE (Anexo II).

O questionário destinado a professores do 1º CEB era constituído por duas partes distintas. A parte I era relativa aos dados pessoais dos inquiridos; a parte II referia-se à temática da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos do

1ºCEB com NEE.

Na tabela 3.2 apresenta-se a sequência de conteúdos das questões referentes à parte II do questionário a professores.

Tabela 3.2 – Sequência de conteúdos do questionário a professores

Conteúdos	Item/Questões
Tipo de necessidades educativas especiais dos alunos da turma.	7 / 7.1; 7.2; 7.3; 7.4; 7.5; 7.6; 7.7; 7.8; 7.9 e 7.10
Tipo de atitudes de um aluno com NEE quando se relaciona com o(s) outro(s).	8 / 8.1; 8.2; 8.3; 8.4; 8.5; 8.6; 8.7; 8.8 e 8.9
Abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE.	9 / 9.1; 9.2; 9.3; 9.4; 9.5; 9.6; 9.7 e 9.8
Conteúdos/temas geralmente abordados.	10 / 10.1; 10.2; 10.3; 10.4; 10.5; 10.6 e 10.7
Estratégias utilizadas para abordagem da temática.	11
Recursos materiais utilizados na abordagem da temática.	12 / 12.1; 12.2; 12.3; 12.4; 12.5; 12.6 e 12.7
Atitudes dos professores perante questões relacionadas com a temática.	13 / 13.1; 13.2; 13.3; 13.4; 13.5 e 13.6
Preparação dos professores para abordar a temática com alunos com NEE.	14 / 14.1 e 14.2
Importância da implementação de um Programa, no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, com alunos com NEE.	15 / 15.1 e 15.2
Vantagens da implementação de um Programa relacionado com a temática em alunos com NEE.	16 / 16.1; 16.2; 16.3; 16.4; 16.5; 16.6 e 16.7

O questionário a professores apresentava-se em três folhas A4, impressas em frente e verso, perfazendo um total de cinco páginas. No cabeçalho da primeira página, estava expressa a sua finalidade e as instruções de preenchimento. Ainda nesta página, tal como na segunda, os inquiridos mencionaram alguns dos seus dados pessoais (idade; sexo; formação académica; tempo de serviço no 1ºCEB; tempo de serviço no Ensino Especial e as funções exercidas aquando da administração do questionário).

A segunda parte do questionário incidiu sobre a temática em causa. Apresentava um total de dez questões distribuídas pelas páginas dois, três, quatro e cinco.

À semelhança do questionário a professores do 1ºCEB, também o

questionário a pais e encarregados de educação era constituído por duas partes distintas. A primeira era relativa aos dados pessoais dos inquiridos e a segunda referia-se à temática em causa.

A tabela que se segue (3.3) apresenta a sequência de conteúdos referentes à parte II do questionário a pais e encarregados de educação dos alunos com NEE.

Tabela 3.3 – Sequência de conteúdos do questionário a pais e encarregados de educação

Conteúdos	Item/Questões
Tipo de atitudes dos educandos quando se relacionam com o(s) outro(s).	4 / 4.1; 4.2; 4.3; 4.4;4.5; 4.6; 4.7; 4.8; 4.9 e 4.10
Comportamento dos educandos em relação a eles próprios.	5 / 5.1; 5.2; 5.3; 5.4; 5.5; 5.6 e 5.7
Responsáveis pela abordagem da temática da “Sexualidade e Reprodução Humana”.	6 / 6.1; 6.2; 6.3; 6.4 e 6.5
Colocação de questões por parte dos educandos relacionadas com a temática.	7 / 7.1 e 7.2
Assuntos abordados com os educandos sobre “Sexualidade e Reprodução Humana”.	8
Atitudes/comportamentos dos educandos em relação à temática.	9 / 9.1; 9.2 e 10
Preparação dos pais e encarregados de educação para abordar a temática com os seus educandos.	11 / 11.1 e 11.2
Principais dificuldades sentidas pelos pais e encarregados de educação quando abordam o tema com os seus educandos.	12 / 12.1; 12.2; 12.3 e 12.4
Atitudes dos pais e encarregados de educação quando os educandos tentam falar acerca de questões relacionadas com a temática.	13 / 13.1; 13.2; 13.3; 13.4; 13.5; 13.6 e 13.7
Importância atribuída à participação dos educandos num Programa sobre “Sexualidade e Reprodução Humana”.	14 / 14.1; 14.2; 14.3; 14.4 e 14.5
Vantagens de um Programa sobre a temática para a vida futura dos educandos.	15 / 15.1; 15.2; 15.3; 15.4; 15.5 e 15.6

O questionário apresentava-se em duas folhas A4, impressas em frente e verso, perfazendo um total de quatro páginas. Tal como no questionário a professores, no cabeçalho da primeira página, apresentou-se a sua finalidade e as instruções de preenchimento. Ainda nesta página, os inquiridos mencionaram alguns dados pessoais (idade; sexo e formação académica).

A segunda parte do questionário incidiu sobre a temática em causa e desenvolveu-se nas páginas dois, três e quatro, apresentando um total de doze

questões.

No entender de Giglione e Matalon (1993:115, citado por Pereira e Miranda, 2003:36), na elaboração de um questionário, importa (...) *garantir que as questões tenham o mesmo significado para todos, que os diferentes aspectos da questão tenham sido abordados (...)*.

Assim sendo, depois de elaborada a primeira versão dos questionários, estes foram validados e aplicados a uma pequena amostra semelhante à do estudo (dez professores do 1ºCEB e dois encarregados de educação de alunos com NEE). Importa referir que os sujeitos desta amostra não fizeram parte da investigação. Esta fase denominada de pré-teste permitiu verificar se as questões eram relevantes; compreendidas da mesma forma pelos inquiridos e se eram em número suficiente, de forma a garantir todas as respostas possíveis.

Após a aplicação do pré-teste foram detectadas algumas falhas e reformulados os questionários a professores, pais e encarregados de educação.

No que se refere ao questionário a professores, foram tomadas as seguintes decisões:

- Na questão 5, referente ao tempo de serviço no Ensino Especial, acrescentou-se uma possibilidade de resposta que ocupou o item 5.1 – *Sem tempo de serviço no Ensino Especial*. Esta alteração permitiu esgotar todas as possibilidades de resposta.
- Na questão 7 fez-se um pequeno ajuste. Onde se lia *se na sua turma tem alunos com NEE, assinale o tipo de Necessidades Educativas Especiais*; passou a ler-se *se na sua turma tem ou teve alunos com NEE, assinale o tipo de Necessidades Educativas Especiais*. Esta reformulação foi feita para que os professores assinalassem as suas respostas tendo em conta a sua experiência profissional actual e transacta.
- Acrescentou-se a questão 8, referente ao tipo de atitudes de um aluno com NEE quando se relaciona com o(s) outro(s). Esta questão foi

elaborada com nove possibilidades de resposta, a fim de conhecer o tipo de atitudes dos alunos com NEE na sua relação com o(s) outro(s).

- Na questão 10, no que se refere aos conteúdos/temas geralmente abordados, foi limitado o número de respostas, acrescentando-se *assinale no máximo três respostas*. Esta decisão foi tomada com o objectivo de identificar os conteúdos/temas abordados com maior frequência.
- Acrescentou-se a questão 11, referente ao tipo de estratégias utilizadas para a abordagem da temática, com o objectivo de conhecer o modo como os professores leccionam o tema com alunos com NEE.

Relativamente ao questionário a pais e encarregados de educação de alunos com NEE foram tomadas as seguintes medidas:

- Na questão 4, em relação ao tipo de atitudes que os educandos têm quando se relacionam com o(s) outro(s), acrescentou-se uma possibilidade de resposta à qual foi atribuído o item 4.9 – *Apresenta-se indiferente*. Com o aumento da escala, foi permitido aos inquiridos optar por outra possibilidade de resposta.
- Acrescentou-se a questão 9, com o intuito de saber se os educandos costumam revelar atitudes/comportamentos relacionados com a “Sexualidade e Reprodução Humana”.
- Acrescentou-se a questão 10, com o objectivo de identificar o tipo de atitudes/comportamentos dos educandos face à temática.

Depois de efectuadas estas reformulações, os questionários foram administrados a trinta professores do ensino regular e dos apoios educativos do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Bairro e a seis pais e encarregados de educação dos alunos do 1ºCEB com NEE que participaram na Fase II e III da investigação.

Com vista a respeitar a confidencialidade dos inquiridos, os questionários foram preenchidos anonimamente.

No seu preenchimento, os professores, pais e encarregados de educação dispensaram cerca de quinze a vinte minutos.

3.3.1.2 – Análise documental – Plano e Programa Educativo Individual dos alunos com NEE

Para a concepção e implementação de um Programa no âmbito da temática, adaptado a alunos do 1ºCEB com NEE, no início da Fase II foi necessário conhecer as características dos alunos com NEE que fizeram parte da investigação. Deste modo, procedeu-se à análise de dois documentos oficiais: o Plano e Programa Educativo Individual destes alunos.

Através da análise documental foi possível obter informação pertinente sobre as características individuais dos alunos, permitindo conceber e implementar um Programa no âmbito da temática adequado às suas necessidades educativas.

Seguindo a perspectiva de Sousa (2005), a análise documental foi feita mediante determinados procedimentos. Depois de seleccionados os documentos sujeitos a análise e definido o objectivo, procedeu-se a uma leitura integral e cuidada, procurando localizar e analisar alguns elementos fundamentais acerca dos alunos com NEE (idade; ano de escolaridade; resumo da história escolar; diagnóstico médico/psicológico e recomendações dos serviços de saúde escolar; caracterização das potencialidades, nível de aquisições e problemas dos alunos e Medidas do Regime Educativo Especial). Após a análise destes elementos, procurou-se interpretar e organizar a informação recolhida, elaborando um resumo com os elementos essenciais à concepção e implementação do Programa.

3.3.1.3 – Observação - grade de observação

No início da Fase II, com o apoio dos dois professores titulares de turma que participaram nesta fase da investigação, procedeu-se à concepção do

Programa - *À Descoberta da Sexualidade* (Anexo VI). Este Programa é constituído por: um guião do professor; um guião do aluno; actividades de apoio e um jogo de computador – *À Descoberta da Sexualidade*.

Para a concepção do Programa, houve necessidade de realizar sessões de trabalho com os professores envolvidos. Durante as sessões, a investigadora em conjunto com os professores delinearam um relatório de actividades relacionadas com a temática e algumas estratégias para a sua implementação. Através deste Programa pretendeu-se desenvolver várias competências no âmbito da temática (Anexo XIII). Tendo em conta as necessidades educativas especiais dos alunos das turmas que participaram na investigação, foram adoptadas as seguintes estratégias na concepção do Programa:

- Abordagem de temas que vão ao encontro dos interesses dos alunos e que reflectem as suas vivências.
- Apresentação de imagens elucidativas.
- Utilização de uma linguagem simples, precisa e cientificamente aceite.
- Valorização da expressão oral.
- Consulta de um vocabulário ilustrado.
- Trabalho de pares.
- Trabalho de grupo.
- Trabalho individual.
- Manipulação de brinquedos.
- Utilização de diferentes meios técnicos (computador; colunas; retroprojector; datashow).
- Preenchimento e análise de tabelas.
- Recortes e colagens.
- Construções (puzzles e cubos).
- Apresentação de trabalhos à turma.
- Preenchimento de textos e frases com lacunas.
- Leitura e exploração de histórias.
- Realização de mímica.
- Interpretação musical e exploração de uma canção.

- Representação gráfica, ilustração e exploração de desenhos.
- Realização de itinerários.
- Sinalização de respostas através de um X ou da pintura de rectângulos.
- Preenchimento e apresentação de um mapa de conceitos.
- Ordenação de imagens.
- Interpretação de esquemas ilustrados.
- Visualização e exploração de imagens de ecografias 4D.
- Identificação de frases verdadeiras ou falsas.
- Utilização de expressões de incentivo (por exemplo: *continua, vais conseguir! ...*).
- Destaque de palavras-chave.

O Programa é constituído por catorze sessões e tem uma duração total de aproximadamente 17 horas. Cada sessão apresenta um conjunto de actividades relacionadas com um tema específico. A tabela que se segue (3.4) apresenta a designação das sessões que fizeram parte do Programa, os respectivos temas e sua duração.

Tabela 3.4 – Sessões e temas do Programa – À Descoberta da Sexualidade

Sessões	Temas	Duração
<i>Quem sou eu?</i>	<i>A minha identificação</i>	15min.
<i>Somos todos iguais?</i>	<i>Conhecimento do corpo e auto-estima</i>	1h15min.
<i>Qual é o João e qual é a Rita?</i>	<i>Identificação sexual</i>	40min.
<i>Como se distinguem os rapazes das raparigas?</i>	<i>O meu corpo – Os órgãos genitais</i>	2h30min.
<i>Ao longo da vida, o que acontece ao nosso corpo?</i>	<i>Mudanças do corpo ao longo da vida</i>	1h10min.
<i>O que devemos fazer para cuidar do nosso corpo?</i>	<i>Hábitos de higiene e vida saudável</i>	25min.
<i>O que sentimos?</i>	<i>Os sentimentos</i>	1h30min.
<i>O que sentimos?</i>	<i>Os sentimentos – O amor</i>	50min.
<i>O que fazer para prevenir o abuso sexual?</i>	<i>O abuso sexual</i>	50min.
<i>Por que razão nascem os bebés?</i>	<i>A fecundação</i>	1h30min.
<i>O que acontece ao bebé na barriga da mãe?</i>	<i>A gravidez</i>	2h20min.
<i>Como nascem os bebés?</i>	<i>O parto</i>	45min.
<i>O que é a SIDA?</i>	<i>A SIDA</i>	1h.
<i>Jogo – À descoberta da Sexualidade</i>	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Conhecimento do corpo - Os órgãos genitais</i> - <i>Hábitos de higiene e vida saudável</i> - <i>Mudanças do corpo</i> - <i>Identificação sexual</i> - <i>Os sentimentos</i> - <i>Os sentimentos – O amor</i> - <i>O abuso sexual</i> - <i>A fecundação</i> - <i>A gravidez</i> - <i>O parto</i> 	Ao critério do professor titular de turma.

Aquando da implementação do Programa nas turmas (Fase II), em contexto de sala de aula, procedeu-se à observação dos alunos envolvidos no estudo.

Segundo Carmo e Ferreira (1998:97), (...) *observar é seleccionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a*

realidade em questão.

Quanto à atitude do observador, optou-se pela observação participante, a qual confere ao observador um papel participativo/interventivo na actividade do observado. Através de uma técnica do tipo naturalista, observação directa, o observador observa os alunos e intervém no trabalho que os mesmos estão a realizar, ajudando-os ocasionalmente ou pedindo-lhes apenas alguns esclarecimentos (Estrela, 1994). Procedeu-se assim, a uma observação global, procurando-se registar tudo o que se observava para obter dados qualitativos. Os registos efectuados foram analisados e codificados tendo em conta os aspectos comuns, originando um sistema de categorias que incluíram todos os dados (Pereira e Miranda, 2003).

A técnica da observação deve ser acompanhada por um registo rigoroso. Deste modo, para registar as observações efectuadas *in loco*, sob pena de se perderem elementos valiosos, foi necessário recorrer a uma *Grade de Registo de Dados de Observação de Situações de Aula* (adaptada de Estrela, 1994). Nesta grade (Anexo III) consideraram-se as seguintes categorias: tempo; espaço; intervenientes; conteúdos; actividades; tarefas; recursos materiais; comportamentos verbais e não verbais; observações e inferências. A utilização da Grade de Registo de Dados de Observação facilitou a tarefa de registo e permitiu anotar algumas informações pertinentes acerca da situação em estudo. Foram também efectuadas fotografias e gravações vídeo, sendo necessário, pedir autorização aos pais e encarregados de educação (Anexo VII), para se poder filmar e fotografar as sessões em que participaram os seus educandos. A técnica da observação permitiu seleccionar a informação necessária à reformulação do Programa, adaptando as actividades às necessidades educativas especiais dos alunos.

É de salientar que no início da Fase II, houve necessidade de obter autorização para implementar nas turmas o Programa - *À Descoberta da Sexualidade*. Neste sentido, foi elaborado um requerimento (Anexo VIII), dirigido à Presidente do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Bairro, a qual se prontificou a conceder a referida autorização. Os professores envolvidos, (dois titulares de

turma), tomaram conhecimento dos objectivos e estratégias da investigação e concordaram participar no estudo. Aos pais e encarregados de educação dos alunos com NEE das turmas envolvidas foi pedida autorização, para que os seus educandos participassem na investigação (Anexo IX).

3.3.1.4 – Entrevista

Depois da implementação do Programa no âmbito da temática, houve necessidade de avaliar o impacto do mesmo (Fase III). Para tal, realizaram-se entrevistas aos professores titulares das turmas (Anexo IV) e aos alunos com NEE que nele estiveram envolvidos (Anexo V).

Como instrumento de recolha de dados, a entrevista permite estabelecer um envolvimento pessoal com o entrevistado, possibilitando a recolha de informação relevante, que não se encontra acessível de outro modo. Para além destas vantagens, a entrevista permite flexibilidade podendo ser adaptada às necessidades de cada situação e aos diversos tipos de entrevistados (Sousa, 2005).

Atendendo às características específicas dos entrevistados, quanto ao grau de estruturação, optou-se por uma entrevista semi-estruturada. Este tipo de entrevista (...) *não é livre e aberta, nem comporta um conjunto rígido de questões, existem algumas perguntas que guiam a conversa* (Sousa, 1996:198). Tendo em conta o tipo de entrevista, de acordo com os objectivos a alcançar, houve necessidade de construir um guião (Anexo X e XI).

Apesar das vantagens já apresentadas, a entrevista é um processo complexo e moroso, quer na sua preparação, como aplicação e tratamento.

Antes da realização das entrevistas, os entrevistados foram contactados e informados sobre aquilo que era pretendido. Foi ainda pedido aos sujeitos autorização para realizar o registo áudio das entrevistas, garantindo-lhes anonimato e confidencialidade na informação prestada. No caso concreto dos alunos com NEE, os pais e encarregados de educação foram contactados pessoalmente, solicitando-lhes autorização para proceder às entrevistas com os

seus educandos (Anexo XII).

Aquando da redacção das entrevistas, optou-se por questões abertas, as quais foram elaboradas de forma clara e em número suficiente (cinco questões), respeitando uma determinada ordem.

Para obter informação por parte dos alunos com NEE foi necessário um maior envolvimento, procurou-se estabelecer uma relação afectiva, criando um clima de confiança e de abertura. No início de cada entrevista, foi pedido aos alunos com NEE que expressassem as suas opiniões com sinceridade.

No entender de Bogdan e Biklen (1994:137), *o processo de entrevista requer flexibilidade*. Seguindo esta perspectiva, foi permitido aos entrevistados liberdade nas respostas. No entanto, tornou-se necessário controlar se todas as questões definidas foram respondidas. Sempre que os entrevistados se desviaram dos objectivos em questão, houve necessidade de intervir, reencaminhando a conversa de encontro com os objectivos estipulados.

Como refere Afonso (2005:99), ao longo da entrevista é fundamental saber ouvir, (...) *aceitar as pausas, e, em geral, aceitar tudo o que é dito numa atitude de neutralidade atenta e empática*. Assim, durante as entrevistas foram respeitados os silêncios que por vezes ocorreram ao longo do discurso, fornecendo aos entrevistados tempo suficiente para a formulação das suas respostas. Esta atitude permitiu respeitar o ritmo individual dos entrevistados, particularmente dos alunos com NEE.

Recorreu-se à utilização do gravador para que, no momento da transcrição, não houvesse perda de informação.

As entrevistas decorreram num gabinete, em ambiente natural. As questões foram colocadas de forma neutra, permitindo aos entrevistados expressar livremente a sua opinião.

3.3.2 – Selecção e caracterização da amostra

No processo de selecção da amostra, optou-se pela técnica de amostragem não probabilística propositada, uma vez que, para alcançar os

objectivos do estudo foi necessário procurar sujeitos que reunissem determinadas características específicas (Sousa, 2005). A amostra foi seleccionada tendo em conta os objectivos de cada fase da investigação.

Na Fase I, para conhecer o posicionamento dos professores, pais e encarregados de educação face à temática, recorreu-se à administração, análise e tratamento de questionários. Foram inquiridos trinta professores do 1ºCEB do ensino regular e dos apoios educativos, do Agrupamento de Escolas de Oliveira do Bairro e seis pais e encarregados de educação de alunos do 1ºCEB com NEE. Importa referir que estes alunos estiveram envolvidos na Fase II e III da investigação.

Para a implementação do Programa no âmbito da temática, na Fase II seleccionaram-se duas turmas do 3º ano de escolaridade (turma - A e turma - B) da Escola do 1ºCEB de Oliveira do Bairro. Nesta fase da investigação, participaram os dois professores titulares das turmas e respectivos alunos. É de salientar que o Programa foi aplicado a todos os alunos, contudo a investigação centrou-se apenas em seis alunos com NEE que se encontravam incluídos nas turmas. Os professores titulares foram seleccionados pelo facto de se encontrarem a leccionar o terceiro ano de escolaridade (no qual se aborda a temática da “Sexualidade e Reprodução Humana”) e incluírem nas suas turmas alunos com NEE.

Com o objectivo de avaliar o impacte do Programa implementado, na Fase III foram realizadas entrevistas aos dois professores titulares e aos seis alunos com NEE.

Ainda nesta fase, foi feita a divulgação dos trabalhos desenvolvidos mediante a realização de uma sessão de trabalho, destinada aos professores titulares e dos apoios educativos, pertencentes à escola onde decorreu a investigação.

Nas tabelas que se seguem (3.5 e 3.6), apresenta-se a caracterização da amostra sobre a qual incidiu o estudo na Fase II e III.

Tabela 3.5 – Caracterização da amostra da turma A

		ALA2 ³	ALA3	ALA10	ALA16
Alunos	Idade	9 anos	10 anos	11 anos	10 anos
	Sexo	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino
	Ano de Escolaridade	3º ano	3º ano	3º ano	3º ano
	Problemas do aluno	- Deficiência Motora (Spina Bífida com Melomeningo-celo; hidrocefalia; curvatura grave da coluna; bexiga e intestinos neurogénicos). - Défice de atenção/concentração.	- Dificuldades de aprendizagem. - Desenvolvimento cognitivo inferior ao esperado para a sua faixa etária.	- Dificuldades de aprendizagem. - Desenvolvimento cognitivo inferior ao esperado para a sua faixa etária. - Problemas emocionais. - Défice de atenção/concentração.	- Dificuldades de aprendizagem. - Desenvolvimento cognitivo inferior ao esperado para a sua faixa etária. - Problemas emocionais. - Défice de atenção/concentração.
	Medidas do Regime Especial	- Decreto - Lei 319/91: a)-Equipamentos Especiais de Compensação d)-cadeira de rodas. b)-Adaptações Materiais – c) adaptações no mobiliário (mesa com rebordo). f)-Condições Especiais de Avaliação – tipo de prova ou instrumento de avaliação; duração. i)-Ensino Especial – Currículo Escolar Próprio.	- Decreto - Lei 319/91: c)-Adaptações Curriculares. f)- Condições Especiais de Avaliação – tipo de prova ou instrumento de avaliação.	- Decreto - Lei 319/91: f)- Condições Especiais de Avaliação – tipo de prova ou instrumento de avaliação; duração. i)-Ensino Especial – Currículo Escolar Próprio.	- Decreto - Lei 319/91: c)-Adaptações Curriculares. f)- Condições Especiais de Avaliação – tipo de prova ou instrumento de avaliação; adequação na organização de turmas.

³ ALA2 significa aluno (AL) da turma A (A) com o número de Programa 2 (2).

Enc. de Educação	Idade	33 anos	40 anos	50 anos	51 anos
	Sexo	Masculino	Feminino	Feminino	Masculino
	Parentesco	Pai	Mãe	Mãe	Pai
	Formação Académica	2ºCEB	1ºCEB	1ºCEB	1ºCEB
Professor da turma - A (PA)	Idade	52 anos			
	Sexo	Masculino			
	Formação Académica	Bacharelato/Curso do Magistério Primário			
	Tempo de serviço no Ensino Especial	Sem tempo de serviço no Ensino Especial			
	Tempo de serviço no 1ºCEB	Mais de 20 anos			

Tabela 3.6 – Caracterização da amostra da turma B

		ALB7⁴	ALB11
Alunos	Idade	10 anos	11 anos
	Sexo	Masculino	Masculino
	Escolaridade	3º ano	3º ano
	Problemas do aluno	- Dificuldades de aprendizagem. - Problemas emocionais. - Défice de atenção/concentração.	- Dificuldades de aprendizagem. - Problemas emocionais.
	Medidas do Regime Especial	- Decreto - Lei 319/91: c)- Adaptações Curriculares. f)- Condições Especiais de Avaliação – tipo de prova ou instrumento de avaliação.	- Decreto - Lei 319/91: c)- Adaptações Curriculares. f)- Condições Especiais de Avaliação – tipo de prova ou instrumento de avaliação.
Enc. de Educação	Idade	32 anos	42 anos
	Sexo	Feminino	Masculino
	Parentesco	Mãe	Pai
	Formação Académica	2ºCEB	2ºCEB

⁴ ALB7 significa aluno (AL) da turma B (B) com o número de Programa 7 (7).

Professor da turma B – (PB)	Idade	34 anos
	Sexo	Feminino
	Formação Académica	Licenciatura em ensino básico – 1ºCEB
	Tempo de serviço no ensino especial	1 ano
	Tempo de serviço no 1ºCEB	10 anos

3.3.3 – Análise de dados

Após a aplicação dos vários instrumentos, foi necessário proceder à análise dos dados recolhidos.

Em todo o processo de recolha e tratamento dos dados, salvaguardou-se o anonimato de cada um dos sujeitos envolvidos. Para tal, o nome dos sujeitos foi substituído por um código conhecido apenas pela própria investigadora.

No presente estudo, a análise dos dados foi delineada de acordo com o tipo de questões elaboradas, bem como os instrumentos utilizados.

Para o tratamento das questões fechadas efectuou-se uma análise estatística – quantitativa, em que se apresentam os dados sob a forma numérica, distribuídos por frequência. Actualmente, os dados quantitativos podem ser tratados a nível informático através do programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) (Pereira, 2004). Na investigação em causa, tendo em conta a quantidade de dados sujeitos a análise, recorreu-se ao programa EXCEL, no qual foram criados gráficos - diagramas de colunas, onde se introduziram os dados recolhidos pelos instrumentos aplicados. Após a introdução dos dados, foi feita uma verificação geral de todo o processo. Este procedimento permitiu verificar se os dados foram introduzidos correctamente. Através da apresentação dos dados em diagramas de colunas foi possível realçar os aspectos mais relevantes do estudo (Pardal e Correia, 1995).

No que respeita ao tratamento das questões abertas, procedeu-se a uma análise de conteúdo, com objectivo de categorizar os diferentes tipos de resposta. Berelson (1952, 1968, citado por Carmo e Ferreira, 1998:251), definiu análise de

conteúdo como *uma técnica de investigação que permite fazer uma descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tendo por objectivo a sua interpretação*. Esta técnica de investigação, para além de permitir analisar os conteúdos expressos pelos indivíduos, possibilita trabalhar uma vasta quantidade de informação. Existem alguns programas no mercado para efectuar este tipo de análise: NUD.IST, ASKSAM, ETHNO, etc... (Pereira, 2004). Apesar deste facto, tendo em conta a quantidade de dados a tratar, optou-se pela análise de conteúdo clássica.

Procedeu-se à análise de conteúdo, seguindo as várias etapas propostas por Bardin (1977, citado por Carmo e Ferreira, 1998). Após terem sido definidos os objectivos da investigação, procedeu-se à escolha dos documentos sujeitos a análise – constituição de um *corpus*. Depois de várias leituras do conteúdo dos documentos sujeitos a análise, foram registadas unidades de análise, que posteriormente foram agrupadas em categorias.

Sousa (2005:270) define categorias como (...) *classes ou agrupamentos de unidades de conteúdo, organizadas em conformidade com as características comuns dessas unidades*. Nesta investigação, as categorias não foram definidas antecipadamente, ou seja, foram-se construindo à medida que surgiam as unidades de análise - procedimento exploratório.

No entender de Carmo e Ferreira (1998), as categorias devem ter determinadas características: exaustivas; exclusivas; objectivas e pertinentes.

Tendo por base este princípio, na análise de conteúdo foram adoptados vários procedimentos.

Após várias leituras do texto sujeito a análise, de acordo com os objectivos a atingir, foi incluído nas categorias todo o conteúdo que se pretendia classificar - exaustivas.

Os elementos comuns foram agrupados apenas numa categoria e não em várias - exclusivas.

Procurou-se ainda construir um número adequado de categorias, evitando que estas fossem demasiadamente detalhadas ou vagas, estabelecendo sempre uma relação com o conteúdo que se pretendia classificar – objectivas e pertinentes.

Uma vez definidas as categorias, procedeu-se à interpretação dos resultados obtidos.

Em relação ao tratamento dos dados das entrevistas, foram seguidos os procedimentos defendidos por Lessard-Hébert, Goyette e Doutin (1994, citado por Pereira e Miranda, 2003); após a gravação das entrevistas, os dados foram registados por escrito (transcrição) e de seguida reduzidos em categorias para posteriormente serem tratados.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), existem princípios éticos que orientam a investigação qualitativa. Como tal, no decorrer do estudo houve uma constante preocupação com as questões éticas. Os sujeitos envolvidos foram informados de forma explícita da natureza do estudo e dos seus objectivos, tendo aderido voluntariamente. As suas identidades foram protegidas, o anonimato foi salvaguardado. Quanto à fidelidade e validade dos dados, o processo de análise incluiu todas as etapas, explicitando-as de forma pormenorizada, garantindo a sua repetição.

CAPÍTULO 4

LEITURA E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste capítulo proceder-se-á à leitura e interpretação dos dados respeitantes às diferentes fases da investigação.

Apresenta-se de início a forma como se encontram organizados os dados, posteriormente segue-se a leitura e interpretação dos mesmos.

4.1 – Organização dos dados

Na Tabela 4.1 pode constatar-se que os dados recolhidos estão organizados de acordo com as fases da investigação.

Tabela 4.1 – Organização dos dados nas diferentes fases da investigação

Fases da investigação	Organização dos dados
Fase I	<ul style="list-style-type: none">• Leitura e interpretação dos dados obtidos através da administração de questionários a professores do 1ºCEB do ensino regular e dos apoios educativos (Anexo I) e a pais e encarregados de educação dos alunos do 1º CEB com NEE (Anexo II).
Fase II	<ul style="list-style-type: none">• Leitura e interpretação dos dados obtidos através da observação de situações de aula aquando da implementação do Programa - <i>À Descoberta da Sexualidade</i>.
Fase III	<ul style="list-style-type: none">• Leitura e interpretação dos dados obtidos através da realização de entrevistas aos dois professores titulares de turma (Anexo IV) e aos seis alunos com NEE, envolvidos na Fase II da investigação (Anexo V).• Leitura e interpretação dos dados obtidos através da realização da sessão de trabalho destinada aos professores do 1ºCEB do ensino regular e dos apoios educativos pertencentes à escola onde decorreu a investigação.

4.2 – Leitura e interpretação dos dados da Fase I – questionário a professores

Como já foi referido no capítulo 3, durante a Fase I desta investigação foram administrados questionários a trinta professores do 1ºCEB do ensino regular e dos apoios educativos (Anexo I), a fim de conhecer o seu posicionamento relativamente à temática da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE. Os professores inquiridos encontravam-se a

leccionar no 1ºCEB e exerciam funções de docência no ensino regular ou nos apoios educativos, nas escolas pertencentes ao Agrupamento de Oliveira do Bairro.

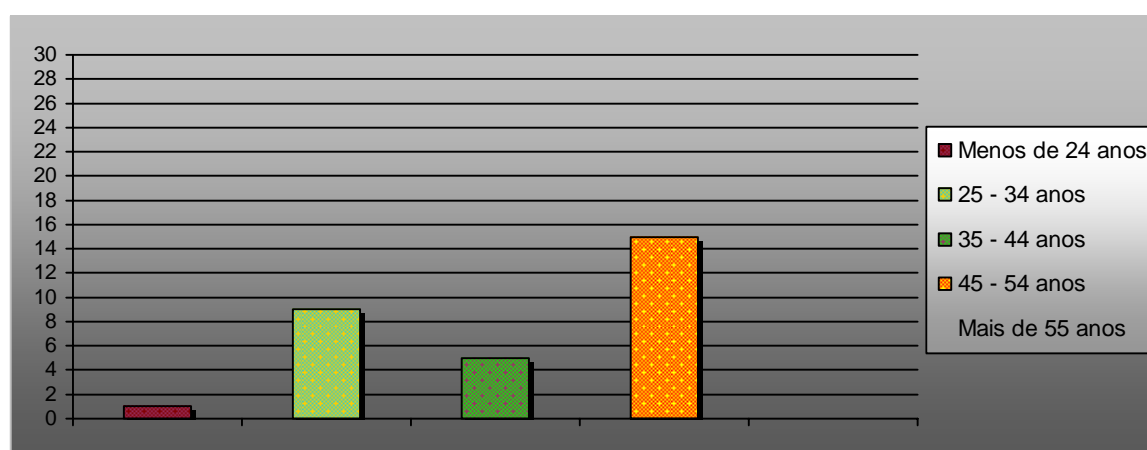
De seguida, dar-se-á início à leitura e interpretação dos dados referentes aos questionários a professores.

4.2.1 – Dados pessoais dos professores – Parte I do questionário

No que respeita à idade (questão 1), quinze dos professores inquiridos pertenciam à faixa etária dos 45 aos 54 anos; nove tinham idade compreendida entre os 25 e os 34 anos e cinco posicionavam-se entre os 35 e os 44 anos. Apenas um dos professores inquiridos tinha idade igual ou inferior a 24 anos. É de referir que nenhum dos inquiridos, à data do questionário, apresentava idade igual ou superior a 55 anos.

O gráfico que se segue apresenta os dados obtidos em relação à idade dos professores.

Gráfico 4.2.1 – Idade dos professores

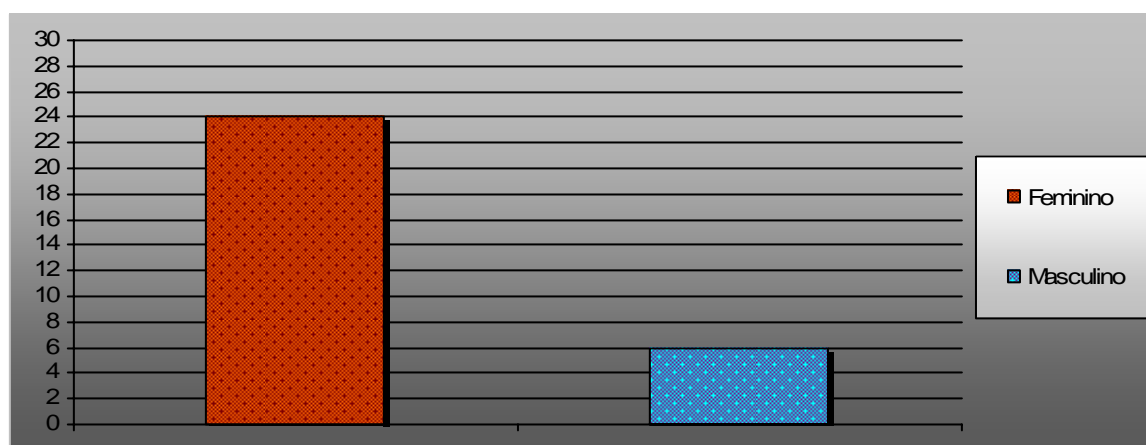


Os dados evidenciam que metade dos professores inquiridos pertence à faixa etária dos 45 aos 54 anos (N=15). Existe também um número significativo de professores com idades compreendidas entre os 25 e os 34 anos (N=9) e os 35 e 44 anos (N=5). Apenas um dos professores inquiridos apresenta idade igual ou

inferior a 24 anos (N=1).

Em relação à distribuição dos professores pelos dois sexos (questão 2), vinte e quatro dos inquiridos pertenciam ao sexo feminino e seis ao sexo masculino.

Gráfico 4.2.2 – Sexo a que pertenciam os professores

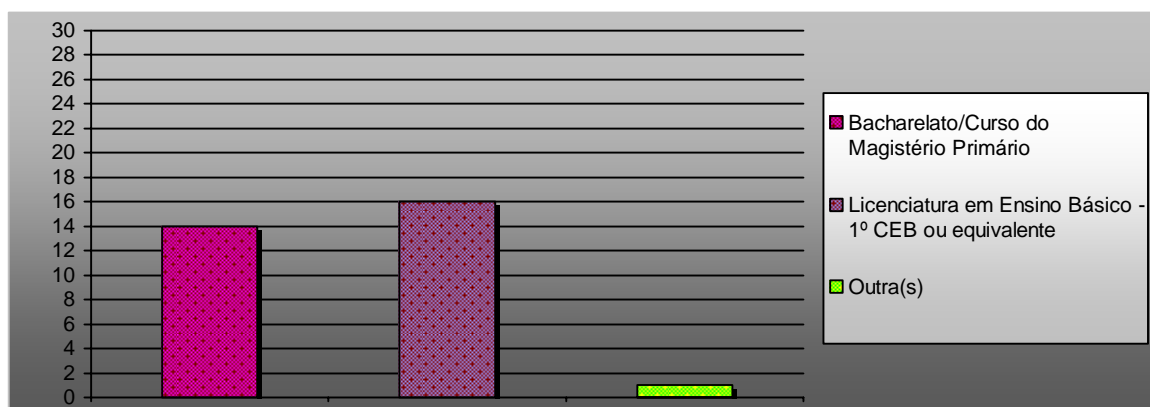


Os resultados obtidos evidenciam que a maioria dos professores inquiridos pertence ao sexo feminino (N=24). Os professores pertencentes ao sexo masculino representam uma minoria (N=6).

No que se refere à formação académica (questão 3), dezasseis dos professores referiram possuir Licenciatura em Ensino Básico – 1ºCEB ou equivalente, enquanto catorze afirmaram possuir Bacharelato ou Curso do Magistério Primário.

Nesta questão foi dada a possibilidade aos professores de acrescentarem outra resposta relacionada com a sua formação académica. Assim, um dos professores inquiridos referiu possuir Pós-Graduação em NEE.

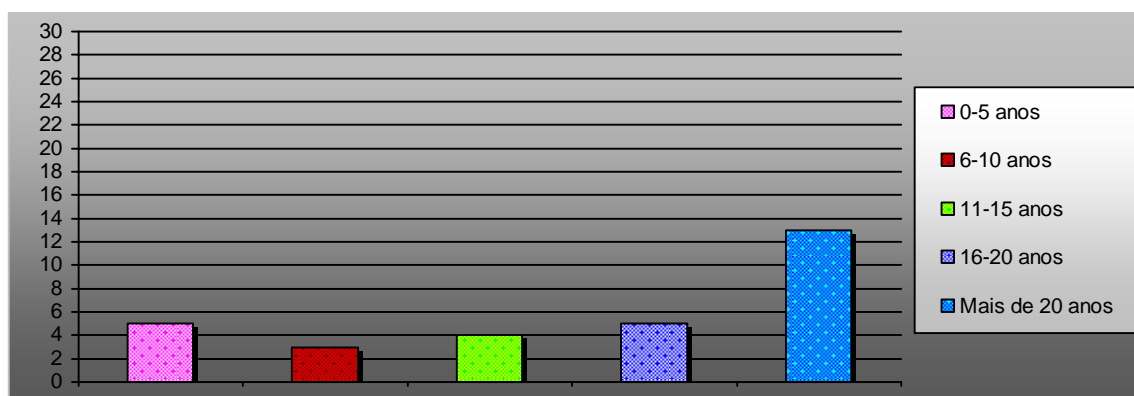
Gráfico 4.2.3 – Formação académica dos professores



Após a análise dos dados, em relação à formação académica é notória a prevalência de professores que possuem Licenciatura em Ensino Básico – 1ºCEB ou equivalente (N=16), contudo, existe ainda um número elevado de inquiridos que possui Bacharelato/Curso Magistério Primário (N=14). Apenas um dos inquiridos possui Pós-Graduação em NEE (N=1).

Relativamente ao tempo de serviço no 1ºCEB (questão 4), treze dos professores inquiridos referiram leccionar neste Ciclo há mais de 20 anos; cinco afirmaram ter entre 16 a 20 anos de tempo de serviço no 1ºCEB e outros cinco mencionaram ter 5 ou menos anos de tempo de serviço neste Ciclo. Quatro professores inquiridos referiram ter entre 11 a 15 anos de tempo de serviço no 1ºCEB. Apenas três afirmaram ter entre 6 a 10 anos de tempo de serviço neste Ciclo.

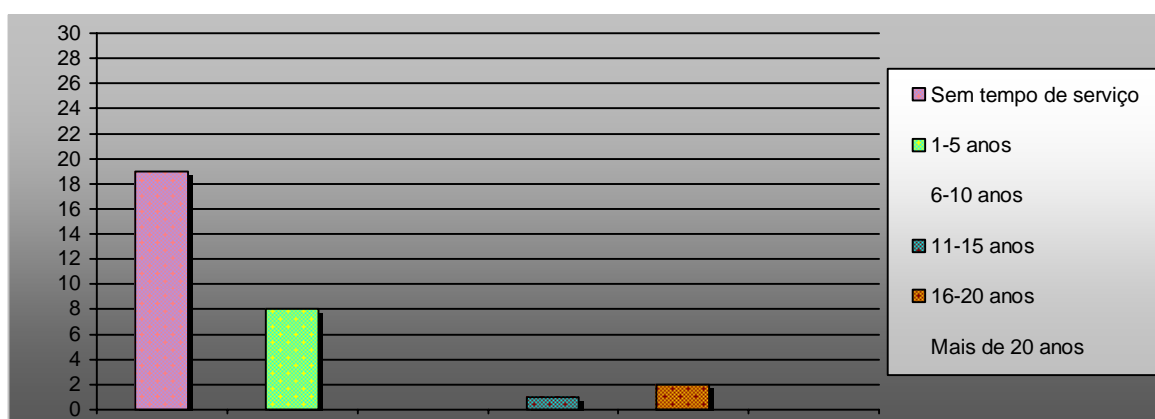
Gráfico 4.2.4 – Tempo de serviço dos professores no 1ºCEB



Os dados evidenciam que um número bastante considerável de professores inquiridos tem mais de 20 anos de tempo de serviço no 1ºCEB (N=13).

No que respeita ao tempo de serviço no Ensino Especial (questão 5), dezanove dos professores inquiridos afirmaram não possuir tempo de serviço neste Ensino; oito referiram ter entre 1 a 5 anos de serviço; dois afirmaram ter entre 16 a 20 anos de serviço e um referiu ter entre 11 a 15 anos de serviço no Ensino Especial. Nenhum dos professores inquiridos afirmou ter entre 6 a 10 anos de serviço no Ensino Especial ou mais de 20 anos de serviço neste Ensino.

Gráfico 4.2.5 – Tempo de serviço dos professores no Ensino Especial

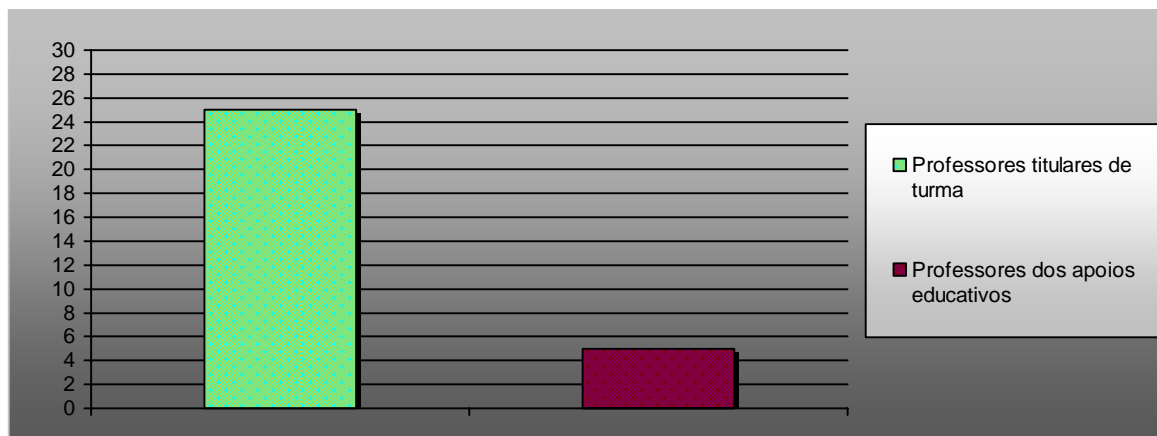


Como se pode verificar no gráfico 4.2.5, os dados evidenciam que a maioria dos professores inquiridos não possui tempo de serviço no Ensino Especial (N=19). Existe um número significativo de inquiridos que tem entre 1 a 5 anos de serviço neste Ensino (N=8). Salienta-se ainda o facto de nenhum dos professores ter mais de 20 anos de serviço no Ensino Especial.

Quanto às funções dos professores, aquando da administração do questionário (questão 6), vinte e cinco dos professores inquiridos afirmaram exercer funções como titulares de turma e cinco referiram exercer funções como

professores dos apoios educativos.

Gráfico 4.2.6 – Funções dos professores no ano lectivo 2004/2005



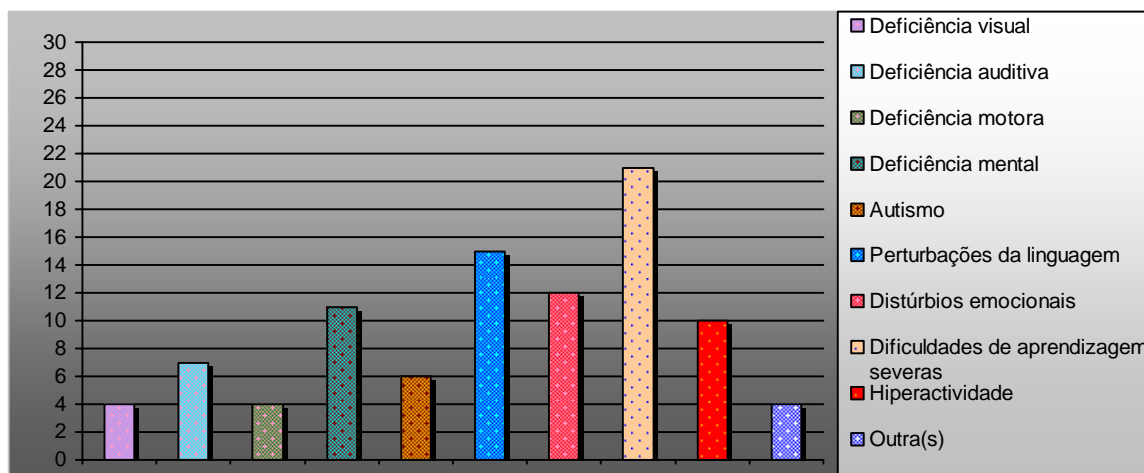
No ano lectivo 2004/2005, a maioria dos inquiridos encontrava-se a exercer funções como professor titular de turma (N=25), apenas uma minoria exercia funções como professor dos apoios educativos (N=5).

4.2.2 – “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE - Parte II do questionário

Procurou-se saber o tipo de Necessidades Educativas Especiais dos alunos que fazem ou já fizeram parte das turmas dos professores inquiridos (questão 7). Relativamente a este assunto, vinte e um dos professores inquiridos afirmaram que têm ou já tiveram na sua turma alunos com dificuldades de aprendizagem severas; quinze mencionaram as perturbações da Linguagem; doze referiram os distúrbios emocionais; onze mencionaram a deficiência mental; dez referiram a hiperactividade; sete a deficiência auditiva; seis o autismo; quatro a deficiência visual e outros quatro a deficiência motora.

Nesta questão, foi dada aos docentes a possibilidade de acrescentar outra resposta. Assim, quatro professores inquiridos referiram que têm ou já tiveram na turma alunos com multideficiência; síndrome de Down e microcefalia.

Gráfico 4.2.7 – Necessidades Educativas Especiais dos alunos que fazem ou já fizeram parte das turmas dos professores inquiridos



Depois da análise dos dados, verifica-se que um número significativo de professores inquiridos tem ou já teve na sua turma alunos com dificuldades de aprendizagem severas (N=21). Salienta-se também um número considerável de professores que tem ou já teve na sua turma alunos com perturbações da Linguagem (N=15); com distúrbios emocionais (N=12); com deficiência mental (N=11) e hiperactividade (N=10).

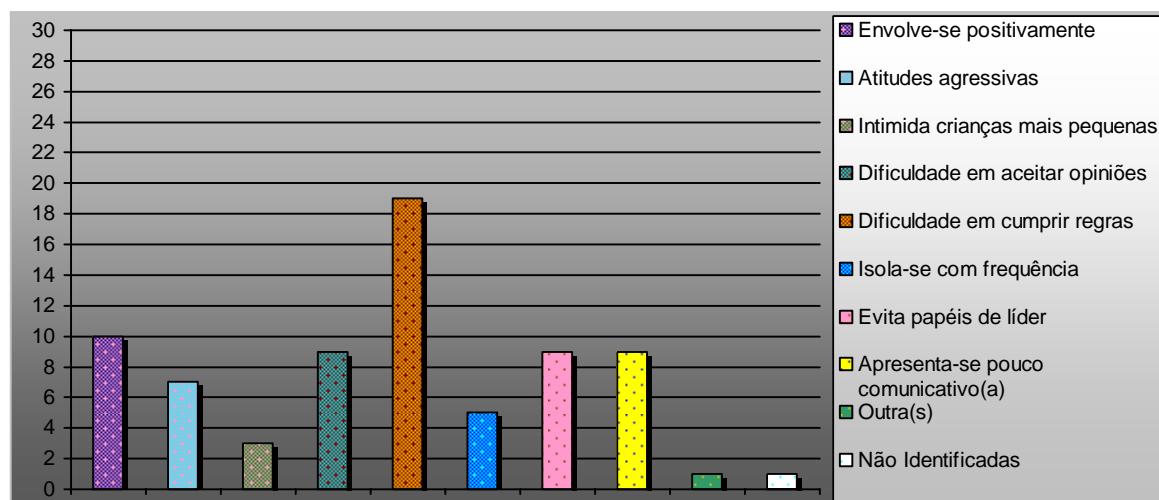
Questionaram-se os professores quanto ao tipo de atitudes adoptadas pelos alunos com NEE na relação com o(s) outro(s) (questão 8). A este respeito, dezanove dos inquiridos referiram que estes alunos revelam dificuldade no cumprimento de regras; dez afirmaram que se envolvem positivamente com o(s) outro(s); nove referiram que demonstram dificuldade em aceitar outras opiniões; outros nove afirmaram que os alunos com NEE apresentam-se pouco comunicativos e nove referiram que estes evitam papéis de líder. Sete dos inquiridos afirmaram que estes alunos têm atitudes agressivas com o(s) outro(s) e cinco referiram que estes se isolam com frequência. Apenas três dos professores inquiridos afirmaram que os alunos com NEE intimidam crianças mais pequenas.

Nesta questão, foi acrescentada outra possibilidade de resposta. Assim, um dos inquiridos referiu que os alunos com NEE posicionam-se como

espectadores, quando se relacionam com o(s) outro(s).

Obteve-se nesta questão uma resposta não identificada.

Gráfico 4.2.8 – Atitudes do aluno com NEE na relação com o(s) outro(s)



Os resultados obtidos evidenciam, que na relação com o(s) outro(s), um número considerável de alunos com NEE geralmente revela dificuldades no cumprimento de regras (N=19). É também significativo o número de alunos que no seu relacionamento costumam demonstrar dificuldade em aceitar outras opiniões (N=9); evitam papéis de líder (N=9); apresentam-se pouco comunicativos (N=9) e revelam atitudes agressivas (N=7). Apesar deste facto, verifica-se que existem alunos com NEE que se envolvem positivamente (N=10). Embora se trate de um número reduzido, existem alunos com NEE, que na sua relação com o(s) outro(s), tendem a isolar-se com frequência (N=5); intimidam crianças mais pequenas (N=3) e posicionam-se como espectadores (N=1).

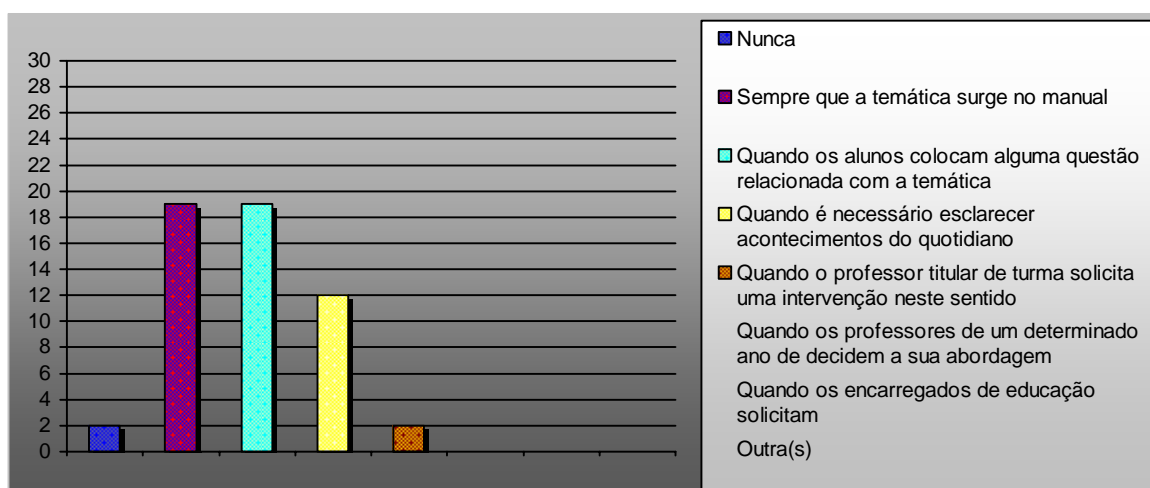
Quando inquiridos relativamente à abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE (questão 9), dezanove dos professores afirmaram que abordam o tema sempre que este surge nos manuais escolares; outros dezanove referiram que fazem a sua abordagem quando os alunos colocam alguma questão relacionada com a mesma; já doze professores afirmaram fazê-lo quando é necessário esclarecer acontecimentos do quotidiano

e dois referiram que abordam a “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE, quando o professor titular de turma solicita uma intervenção neste sentido. Outros dois afirmaram nunca abordar a temática em alunos com NEE. Nenhum professor referiu que aborda o tema quando os professores de um determinado ano de escolaridade decidem a sua abordagem ou quando é solicitado pelos encarregados de educação.

Nesta questão, os professores inquiridos não acrescentaram outra possibilidade de resposta.

Obeve-se uma resposta não identificada.

Gráfico 4.2.9 – Abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE



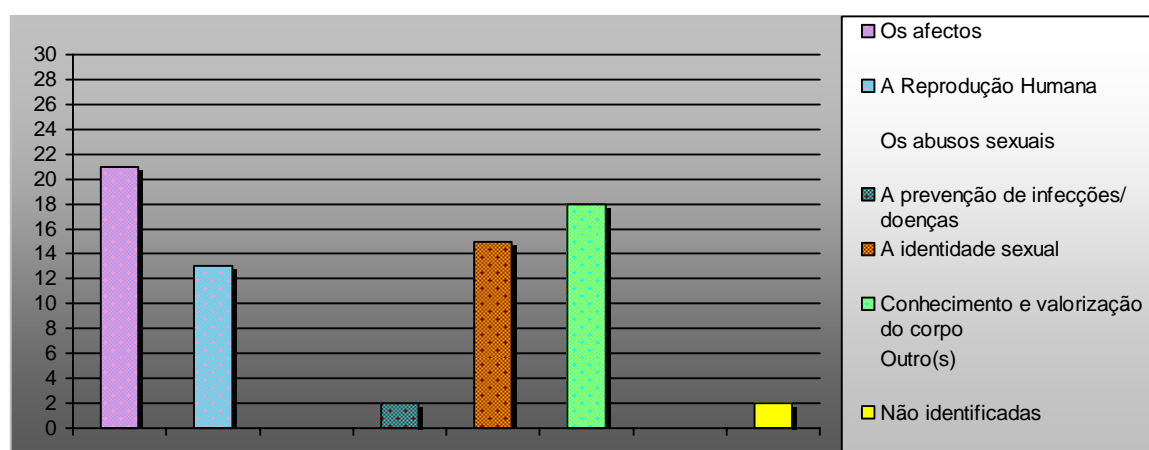
Após a análise dos dados, verifica-se que um número significativo de professores faz a abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE, sempre que a temática surge no manual escolar (N=19), ou quando os alunos colocam alguma questão relacionada com a mesma (N=19). Pode constatar-se também que alguns dos professores inquiridos abordam a temática com estes alunos quando é necessário esclarecer acontecimentos do quotidiano (N=12). Apesar de representar um número reduzido, existem professores que apenas abordam a temática em alunos com NEE, quando o professor titular de turma solicita uma intervenção neste sentido (N=2). É de realçar que alguns dos professores inquiridos nunca abordam a temática em alunos com NEE (N=2).

No âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, os professores foram questionados relativamente aos conteúdos/temas geralmente abordados em alunos com NEE (questão 10). Neste contexto, vinte e um dos inquiridos referiram os afectos; dezoito mencionaram o conhecimento e valorização do corpo; quinze referiram a identidade sexual; treze mencionaram a Reprodução Humana e dois fizeram referência à prevenção de infecções/doenças sexualmente transmissíveis. No que respeita aos abusos sexuais, nenhum dos professores inquiridos referiu abordar com regularidade este conteúdo/tema, em alunos com NEE.

Os professores inquiridos não acrescentaram outra possibilidade de resposta.

Nesta questão, obteve-se duas respostas não identificadas.

Gráfico 4.2.10 – Conteúdos/temas geralmente abordados em alunos com NEE



Os dados evidenciam que no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, os conteúdos/temas geralmente abordados em alunos com NEE são: os afectos (N=21); o conhecimento e valorização do corpo (N=18); a identidade sexual (N=15) e a Reprodução Humana (N=13). Apenas uma minoria dos professores costuma abordar a prevenção de infecções/doenças sexualmente transmissíveis (N=2). Como se verifica no gráfico 4.2.10, os professores inquiridos geralmente não abordam com estes alunos o conteúdo/tema alusivo aos abusos sexuais (N=0).

Pretendeu-se, através de uma questão aberta, conhecer o tipo de estratégias utilizadas pelos professores na abordagem da temática em alunos com NEE (questão 11). A tabela respeitante à constituição das categorias de resposta (CR), relativas à categoria de conteúdo *estratégias (E)*, consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.2.1). Em relação à categoria de conteúdo – *estratégias* foi critério de análise:

- O tipo de estratégias utilizadas pelos professores na abordagem da temática em alunos com NEE.

A análise dos dados revela a existência de várias CR relativas à categoria de conteúdo *estratégias*. Em seguida, apresentam-se as CR ilustradas com respostas dadas pelos professores inquiridos.

- **Trabalho de pesquisa; consulta/utilização/exploração de livros e outros documentos**

Na abordagem da temática em alunos com NEE, os professores afirmaram utilizar como estratégia o trabalho de pesquisa e a consulta/utilização/exploração de livros e outros documentos, constituindo por isso uma das CR.

Eis alguns exemplos das suas respostas:

Consulta de livros. (...) (P3E,11)

Parto de uma notícia do jornal (...) pesquisa em vários documentos sobre o tema. (...) (P7E,11)

Utilização de livros com gravuras. (...). (P11E,11)

(...) exploração de imagens de manuais/livros (...) (P28E,11)

- **Trabalhos de grupo**

Nesta CR integram-se as respostas de dois professores que mencionaram os trabalhos de grupo como estratégia utilizada na abordagem da temática em alunos com NEE.

Eis as suas respostas:

(...) trabalhos de grupo (...) (P15E,11)

Trabalhos de grupo (...) (P18E,11)

- **Montagem/construção da figura humana e jogos**

Nesta CR incluem-se as respostas dos professores que na abordagem da temática em alunos com NEE, afirmaram utilizar como estratégia a montagem/construção da figura humana e jogos.

Apresentam-se exemplos das suas respostas:

(...) montagem e construção da figura humana. (P1E,11)

(...) jogos (...) (P5E,11)

- **Esclarecimento das perguntas lançadas**

Inclui-se nesta CR a resposta de um professor que na abordagem da temática em alunos com NEE, afirmou utilizar como estratégia o esclarecimento das perguntas lançadas.

Veja-se a sua resposta:

(...) esclarecer o melhor possível as perguntas que são lançadas. (P10E,11)

- **Abordagem simplificada, apelando aos conhecimentos dos alunos**

Nesta CR integra-se a resposta de um professor que referiu que aborda a temática de forma simplificada, apelando aos conhecimentos dos alunos.

Apresenta-se a sua resposta:

(...) a abordagem tende a ser o mais simplificada possível, fazendo apelo aos conhecimentos dos alunos (...) (P17E,11)

- **Debate entre todos os alunos da sala**

Na abordagem da temática em alunos com NEE, apenas um dos professores referiu utilizar como estratégia o debate entre todos os alunos da sala.

A resposta do professor está incluída nesta CR:

(...) debate entre todos os alunos da sala(...) (P11E,11)

- **Estratégias baseadas nos manuais escolares, sem aprofundar o assunto**

Nesta CR integram-se as respostas de três professores que mencionaram o manual escolar como principal estratégia utilizada na abordagem da

“Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE. Dois dos professores referiram ainda que não aprofundam o assunto.

Eis as suas respostas:

Estratégias baseadas nos manuais escolares (...) (P13E,11)

De acordo com o manual e dando uma pequena explicação, mas sem aprofundar muito o assunto. (P21E,11)

Dou uma explicação sem aprofundar muito o assunto e de acordo com o manual (...) (P24E,11)

- **Aplicação de fichas diagnosticas e colocação de questões a nível oral**

Inclui-se nesta CR a resposta de um professor que na abordagem da temática em alunos com NEE, afirmou utilizar como estratégias as fichas diagnosticas e a colocação de questões a nível oral.

Eis a sua resposta:

(...) detecção de conhecimentos prévios por parte dos alunos através de fichas diagnosticas e questões colocadas oralmente. (P28E,11)

- **Diálogo/troca de conhecimentos e conversa aberta com os alunos**

Nesta CR incluem-se as respostas dos professores que afirmaram privilegiar na abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE, estratégias como o diálogo e a conversa aberta.

Seguem-se exemplos das suas respostas:

(...) diálogo/troca de conhecimentos (...) (P2E,11)

Através, essencialmente, do diálogo e conversa aberta. (P19E,11)

Diálogo com os alunos acerca da importância da Reprodução; diálogo com os alunos sobre a sua identidade sexual (...) (P28E,11)

Quase sempre através do diálogo/conversa. (P29E,11)

- **Análise de relatos ou de situações do dia-a-dia**

Integram-se nesta CR as respostas de dois professores que na abordagem da temática utilizam como estratégia a análise de relatos ou de situações do dia-

a-dia.

Apresentam-se as suas respostas:

(...) análise de relatos ou situações do dia-a-dia (...) (P5E,11)

(...) análise de situações do dia-a-dia ou (...) de relatos. (P30E,11)

- **Observação; exploração e elaboração de cartazes; análise de histórias que permitam desenvolver o tema; observação de fotos; observação e análise/exploração de imagens de manuais e gravuras de livros; utilização de meios audiovisuais**

Nesta CR incluem-se as respostas dos professores que na abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE, afirmaram recorrer a cartazes; histórias; fotos; imagens de manuais e gravuras de livros, bem como a meios audiovisuais.

Alguns exemplos das suas respostas:

(...) observação de cartazes e fotos (...) elaboração de cartazes (...)
(P2E,11)

(...) História que permita desenvolver o tema (...) (P7E,11)

Utilização de livros com gravuras (...) (P11E,11)

(...) com recurso a gravuras, cartazes (...) (P17E,11)

(...) exploração de imagens de manuais/livros e cartazes (...)
(P28E,11)

Observação/análise de imagens; análise de histórias; meios audiovisuais (...) (P30E,11)

- **Exposição oral dos conhecimentos e dúvidas por parte de todos os alunos da turma**

Inclui-se nesta CR a resposta de um professor que na abordagem do tema em alunos com NEE, afirmou utilizar como estratégia a exposição oral dos conhecimentos e dúvidas por parte de todos os alunos da turma.

Eis a sua resposta:

(...) alunos com NEE.(...) são solicitados a intervir na aula e a expor os seus conhecimentos e dúvidas, tal como os outros (P26E,11)

- **Não identificadas**

Em “não identificadas” classificam-se as respostas de três professores (P8E,11; P22E,11 e P23E,11), pelo facto de não ter sido possível identificar o tipo de estratégia utilizada na abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE.

Foram estas as suas respostas:

Não utilizo nenhuma estratégia em especial em relação a alunos com NEE. (P8E,11)

O mais natural possível, exemplificando com o nascimento por exemplo do pintainho. (P22E,11)

(...) Actualmente abordo o tema da mesma maneira que o faço para os outros (...) (P23E,11)

- **Sem resposta**

Três dos professores inquiridos não responderam a esta questão (P14E,11; P20E, 11 e P25E, 11)

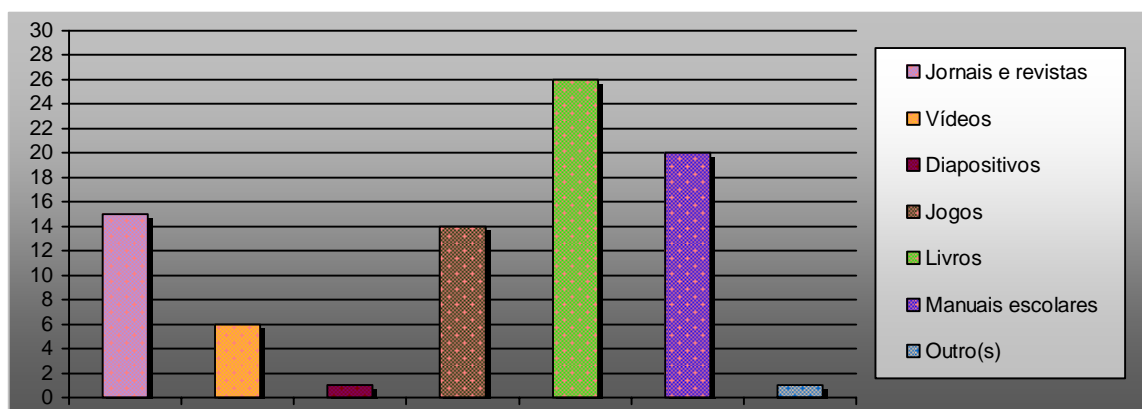
Na abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE, um número considerável de professores inquiridos (N=14) utiliza como estratégia a observação; exploração e elaboração de cartazes; a análise de histórias que permitem desenvolver o tema; a observação de fotos; a observação e análise/exploração de imagens de manuais e gravuras de livros e a utilização de meios audiovisuais. Também um número significativo de professores utiliza como estratégia o diálogo/troca de conhecimentos e a conversa aberta (N=13), assim como o trabalho de pesquisa; a consulta/utilização/exploração de livros e outros documentos (N=9). Apenas um número reduzido de professores utiliza como estratégia: a montagem/construção da figura humana e jogos (N=4); o debate entre todos os alunos da sala (N=3); os trabalhos de grupo (N=2); a análise de relatos ou de situações do dia-a-dia (N=2); o esclarecimento das perguntas lançadas (N=1); a abordagem simplificada, apelando aos conhecimentos dos alunos (N=1); a aplicação de fichas diagnosticas e a colocação de questões a nível oral (N=1), bem como a exposição oral dos conhecimentos e dúvidas por parte dos alunos da turma (N=1).

Em relação às respostas “não identificadas”, pode constatar-se que dois dos professores referem que abordam a temática em alunos com NEE, da mesma forma que o fazem com os outros alunos da turma, não recorrendo a qualquer outro tipo de estratégia (N=2).

Quando questionados acerca dos recursos materiais que utilizam na abordagem da temática (questão 12), vinte e seis dos professores referiram que recorrem a livros; vinte responderam que utilizam os manuais escolares; quinze afirmaram que utilizam jornais e revistas; catorze referiram a utilização de jogos; seis mencionaram a utilização de vídeos e um afirmou recorrer a diapositivos.

Nesta questão foi acrescentada outra possibilidade de resposta, em que um dos professores inquiridos referiu a utilização de Enciclopédias do corpo humano como recurso material utilizado na abordagem da temática.

Gráfico 4.2.11 – Recursos materiais utilizados na abordagem da temática

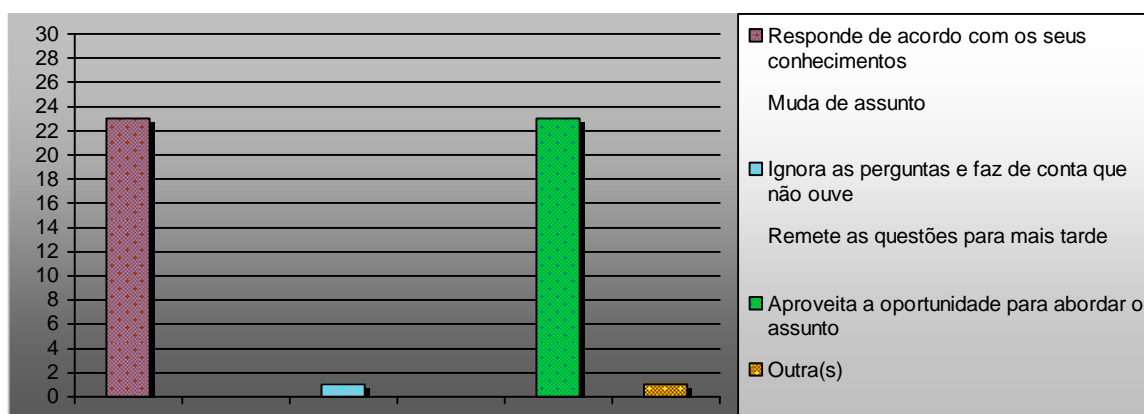


De acordo com os resultados obtidos, os livros (N=26) e manuais escolares (N=20) são os recursos materiais mais utilizados pelos professores na abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE. Os jornais e revistas (N=15), tal como os jogos (N=14) são também recursos materiais a que alguns professores recorrem aquando da abordagem do tema com estes alunos. Um número reduzido de professores afirma utilizar como recursos materiais os vídeos (N=6); os diapositivos (N=1) e as Enciclopédias do corpo humano (N=1).

No que respeita às atitudes dos professores perante questões relacionadas com a temática (questão 13), vinte e três dos inquiridos afirmaram que respondem de acordo com os seus conhecimentos; outros vinte e três responderam que aproveitam a oportunidade para abordar o assunto e um afirmou ignorar as perguntas e fazer de conta que não ouve. Nenhum dos professores referiu que muda de assunto ou remete as questões para mais tarde.

Nesta questão, um dos professores inquiridos acrescentou outra possibilidade de resposta, na qual afirmou que aborda qualquer questão sem tabus, exemplificando sempre com casos práticos.

Gráfico 4.2.12 – Atitudes dos professores perante questões relacionadas com a “Sexualidade e/ou Reprodução Humana”



Os resultados obtidos evidenciam que sempre que surgem questões relacionadas com a “Sexualidade e/ou Reprodução Humana”, um número significativo de professores aproveita a oportunidade para abordar o assunto (N=23) e responde às questões de acordo com os seus conhecimentos (N=23). Apesar de representar uma minoria, quando surgem questões neste âmbito, um dos professores afirma ignorar as perguntas e fazer de conta que não ouve (N=1). No âmbito da temática, apenas um dos professores afirma abordar qualquer questão sem tabus (N=1).

Procurou-se saber se os professores se sentiam preparados para abordar

a “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE (questão 14). Esta questão apresentava dois itens 14.1 – “Sim” e 14.2 – “Não”.

O item 14.1 desta questão, refere-se à categoria de conteúdo *preparados* (PR). A tabela respeitante à constituição das CR relativas a esta categoria de conteúdo consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.2.2). Em relação à categoria de conteúdo – *preparados* foi critério de análise:

- A preparação dos professores para a abordagem da "Sexualidade e Reprodução Humana" com alunos com NEE.

A análise dos dados revela a existência de várias CR relativas à categoria de conteúdo *preparados*. Em seguida, apresentam-se as CR ilustradas com respostas dadas pelos professores inquiridos.

- **Abordam o tema de um modo mais simplificado, adequando/adaptando os conhecimentos ao tipo de aluno**

Nesta CR integram-se as respostas dos professores que afirmaram abordar o tema de um modo mais simplificado, adequando/adaptando os conhecimentos ao tipo de aluno. Por este motivo consideraram-se preparados para abordar a “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE.

Alguns exemplos das suas respostas:

(...) adequando os conhecimentos(...) ao tipo de aluno (...)
(P1PR,14.1)

(...) de um modo mais simplificado e acessível para as crianças.
(P19PR,14.1)

- **Frequentou uma Acção de Formação sobre o tema**

Inclui-se nesta CR a resposta de uma professora que afirmou sentir-se minimamente preparada para abordar a “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE, visto ter frequentado uma Acção de Formação sobre a temática.

Eis a sua resposta:

Porque frequentei uma Acção de Formação de 30h sobre o tema e sinto-me minimamente preparada. (P2PR,14.1)

- **Consegue prestar esclarecimento às crianças, mas sem o rigor de uma disciplina**

Nesta CR integra-se a resposta de um professor que afirmou estar preparado para abordar a temática com alunos com NEE. Este refere que consegue prestar esclarecimento às crianças, contudo sem o rigor de uma disciplina.

Apresenta-se a sua resposta:

Dentro da faixa etária do 1º CEB tenho conseguido prestar esclarecimento às crianças mas nada com rigor de uma disciplina. (P17PR,14.1)

- **Trata o tema com naturalidade**

Nesta CR inclui-se a resposta de um professor que referiu tratar o tema com naturalidade, sentindo-se por isso preparado para a abordagem da temática junto dos alunos com NEE.

A sua resposta:

Encaro o tema com naturalidade e é assim que o trato. (P23PR,14.1)

- **Têm acesso a material científico e pedagógico sobre o tema**

Apenas a resposta de um professor se inclui nesta CR. Este afirmou sentir-se preparado para abordar o tema com alunos com NEE, alegando que os docentes têm acesso a material científico e pedagógico relacionado com a temática.

Foi esta a sua resposta:

(...) temos acesso a muito material sobre esta temática, quer científico, quer pedagógico. (P28PR,14.1)

- **Responde de acordo com os seus conhecimentos, solicitando por vezes ajuda a psicólogos**

Nesta CR integra-se a resposta de um professor que se considerou preparado para abordar a “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE, pois trata a temática de acordo com os seus conhecimentos, solicitando, por vezes ajuda a psicólogos.

Eis a sua resposta:

Respondo de acordo com os meus conhecimentos e já tenho pedido ajuda a psicólogos. (P6PR,14.1)

- **Não identificadas**

Em “não identificadas” classificaram-se as respostas de alguns professores, pelo facto de não ter sido possível saber o motivo pelo qual os mesmos se sentem preparados para a abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE. (P5PR,14.1; P7PR,14.1; P22PR,14.1; P26PR,14.1; P27PR,14.1 e P30PR,14.1)

- **Sem resposta**

Três dos professores inquiridos não deram resposta a esta questão. (P8PR,14.1; P11PR,14.1 e P16PR,14.1)

Mais de metade do número de professores inquiridos considera-se preparado para abordar a “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE (N=16). Nas suas respostas afirmam que já frequentaram uma acção de formação sobre o tema (N=1); conseguem prestar esclarecimento às crianças, contudo sem o rigor de uma disciplina (N=1); tratam o tema com naturalidade (N=1) e respondem de acordo com os seus conhecimentos, solicitando por vezes ajuda a psicólogos (N=1). Referem ainda que têm acesso a material científico e pedagógico sobre o tema (N=1). Um número reduzido de inquiridos afirma sentir-se preparado porque faz a abordagem do tema de modo mais simplificado, adequando/adaptando os conhecimentos ao tipo de aluno (N=4). Nesta questão, salienta-se ainda, o número de respostas não identificadas (N=6), bem como o número de professores que não respondeu (N=3). Estes dados podem revelar alguma insegurança por parte dos inquiridos relativamente à abordagem da temática em alunos com NEE.

Na questão alusiva à preparação dos professores para a abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE (questão 14), o item 14.2 – “Não” refere-se à categoria de conteúdo *não se sentem preparados* (NSP).

A tabela respeitante à constituição das CR relativas a esta categoria de conteúdo consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.2.3). Em relação à categoria de conteúdo – *não se sentem preparados* foi critério de análise:

- A falta de preparação dos professores para a abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE.

Após a análise das respostas, foram consideradas várias CR relativas à categoria de conteúdo *não se sentem preparados*.

Apresentam-se em seguida cada uma das CR, ilustradas com respostas dadas pelos professores inquiridos.

- **Os professores não têm formação nesta área**

Integram-se nesta CR as respostas dos professores que afirmaram que não sentem preparados para abordar a temática com alunos com NEE, porque não têm formação nesta área.

Algumas das suas respostas:

Nunca tive nenhuma formação nessa área. (P9NSP,14.2)

Não me sinto preparada para abordar o assunto com qualquer tipo de alunos porque não tenho formação no assunto (...) (P21NSP,14.2)

Porque não tenho formação sobre esta temática. (P29NSP,14.2)

- **Consideram o tema de difícil abordagem, pois não sabem se os alunos com NEE o entendem/compreendem. Estes alunos necessitam de um apoio especial**

Nesta CR classificam-se as respostas dos professores que afirmaram não se sentir preparados para abordar a temática com alunos com NEE, pois consideram o tema de difícil abordagem e não sabem se os alunos com NEE o entendem/compreendem. Na opinião destes professores, estes alunos necessitam de um apoio especial.

Eis algumas das suas respostas:

(...) não sei como abordar o assunto com eles, e até que ponto eles me entendem. Não me sinto também muito preparada para abordar este assunto. (P3NSP,14.2)

Porque nunca sei se realmente entenderam. (...) o tema é remetido para o final da aula(...) (P10NSP,14.2)

Talvez não esteja preparada, porque essas crianças precisam de um apoio especial. (P12NSP,14.2)

Por ser bastante difícil e não saber se compreendem ou não. (P20NSP,14.2)

- **Não possuem um Programa/documento orientador que tenha em conta as necessidades educativas especiais dos alunos**

Integram-se nesta CR as respostas dos professores que afirmaram não se sentir preparados para abordar a “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE, porque nesta área não possuem um Programa/documento orientador que tenha em conta as necessidades educativas especiais dos alunos.

Um exemplo das suas respostas:

Cada caso é um caso, e depende muito do tipo de aluno. Falta um programa para me guiar (...) (P13NSP,14.2)

- **Têm receio da reacção dos encarregados de educação**

Nesta CR incluem-se as respostas de dois professores que referiram não se sentir preparados para abordar a temática com alunos com NEE, pois afirmam ter receio da reacção dos encarregados de educação.

As suas respostas:

(...) não sei qual será a reacção dos encarregados de educação. (P21NSP, 14.2)

(...) não sei qual será a reacção dos encarregados de educação. (P24NSP, 14.2)

- **Sem resposta**

Um dos professores inquiridos não respondeu a esta questão. (P11NSP,14.2).

Depois da análise dos dados verifica-se que um número significativo de professores não se sente preparado para abordar a “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE. Estes afirmam que não têm formação na área

(N=5) e consideram o tema de difícil abordagem, pois os alunos com NEE necessitam de um apoio especial (N=5). Os professores referem ainda que, no âmbito da temática não possuem um programa/documento orientador que tenha em conta as necessidades educativas especiais dos alunos (N=2). É de referir que aquando da abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” com alunos com NEE, existem professores que têm receio da reacção dos encarregados de educação (N=2). Salienta-se também a resposta de um dos inquiridos, que perante as dificuldades sentidas, afirma que o tema é remetido para o final das aulas (N=1).

Pretendeu-se saber se os professores consideravam importante a implementação de um Programa, no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, no 1º CEB, em alunos com NEE (questão 15). Esta questão apresentava dois itens: 15.1 – “Sim” e 15.2 – “Não”.

O item 15.1 refere-se à categoria de conteúdo consideram *importante* (I). A tabela respeitante à constituição das CR, relativas a esta categoria de conteúdo, consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.2.4). Em relação à categoria de conteúdo *importante* foi critério de análise:

- A importância dada pelos professores inquiridos à implementação de um Programa, no âmbito da temática, em alunos do 1ºCEB com NEE.

A análise dos dados revela a existência de várias CR relativas à categoria de conteúdo *importante*. De seguida, apresentam-se as CR acompanhadas de respostas dadas pelos professores inquiridos.

- **No âmbito da temática, os alunos com NEE necessitam de uma abordagem diferente, simples e específica, pelo que será importante implementar com os mesmos um Programa nesta área**

Nesta CR classificam-se as respostas dos professores que consideraram importante a implementação de um Programa, no âmbito da temática, em alunos com NEE, referindo que estes necessitam de uma abordagem diferente, simples e

específica.

Eis exemplos das suas respostas:

Os alunos com NEE necessitam de uma abordagem diferente, relativamente a este e a outros temas. (P1I,15.1)

(...) este tipo de crianças requerem uma abordagem simples e específica nesta área. (P3I,15.1)

- **Torna-se importante implementar o mais cedo possível um Programa neste âmbito, em alunos com NEE, porque estes despertam mais cedo para a sexualidade e manifestam-no com gestos e atitudes**

Integram-se nesta CR as respostas dos professores que afirmaram ser importante implementar o mais cedo possível um Programa nesta área, em alunos com NEE, uma vez que estes despertam mais cedo para a sexualidade e manifestam-no com gestos e atitudes.

Alguns exemplos das suas respostas:

Os alunos(...), têm um despertar para a sexualidade muito cedo, pelo que é necessário a implementação de um Programa. (P4I,15.1)

Acho bastante importante, porque de um modo geral estes alunos despertam para a sexualidade mais cedo. (P12I,15.1)

Estas crianças despertam para a sexualidade mais cedo e manifestam-no com gestos e atitudes que não sei educar. Então considero que a implementação destes programas se faça o mais cedo possível. (P29I,15.1)

- **A implementação de um Programa nesta área, em alunos com NEE, será importante porque todos os alunos, incluindo os que apresentam necessidades educativas especiais devem estar informados e bem esclarecidos sobre a sexualidade, para evitarem e enfrentarem os perigos da sociedade actual (o abuso sexual; as doenças contagiosas; a gravidez precoce; a deturpação de condutas e sentimentos...), de forma a seguirem uma conduta correcta**

Nesta CR integram-se as respostas dos professores que consideraram importante a implementação de um Programa neste domínio, referindo que todos os alunos, incluindo os que apresentam necessidades educativas especiais, devem estar informados e bem esclarecidos sobre a sexualidade, a fim de evitarem problemas da sociedade actual (o abuso sexual; as doenças contagiosas; a gravidez precoce e deturpações de condutas e sentimentos), e seguirem uma conduta correcta.

Eis as suas respostas:

(...) as crianças com NEE têm necessidade de ser bem esclarecidas e temos de ter a certeza que entenderam para evitar males maiores na vida afectiva deles. (P10I,15.1)

(...) por vezes estas crianças são os principais alvos para o abuso sexual e deviam saber como se defender. (P14I,15.1)

Os condicionalismos actuais, a nível de comportamentos humanos (despertar mais cedo para a sexualidade, doenças contagiosas, permissividade sexual, a gravidez precoce e a deturpação de condutas e sentimentos provocada pelos media...) parece-me exigir um adequado Programa nesta área. (P17I,15.1)

Na sociedade actual a criança sofre constantes apelos dentro desta temática, pelo que é pertinente ajudá-la a seguir a conduta correcta. (P19I,15.1)

(...) porque se trata de um tema bastante importante para a boa formação de qualquer indivíduo. (P22I,15.1)

- **Um Programa nesta área, implementado em alunos com NEE, permitirá aumentar e aprofundar os seus conhecimentos, ajudando-os a conhecer/descobrir o seu corpo e a controlar melhor os seus impulsos sexuais**

Integram-se nesta CR as respostas dos professores que consideraram importante a implementação de um Programa nesta área, em alunos com NEE, pois este irá permitir aos alunos aumentar e aprofundar os seus conhecimentos neste domínio, ajudando-os a conhecer/descobrir o seu corpo e a controlar melhor os seus impulsos sexuais.

Um exemplo das suas respostas:

Porque irá aumentar os seus conhecimentos nesta temática,

ajudando-os a conhecer melhor o seu corpo e a controlar melhor os seus impulsos sexuais. (P13I,15.1)

- **O Programa irá ajudar os professores na abordagem da temática, proporcionando-lhes segurança, menos preconceitos e melhor aceitação do tema por parte dos pais/comunidade**

Classificam-se nesta CR as respostas dos professores que consideraram importante a implementação de um Programa neste domínio, pois este irá ajudá-los na abordagem da temática, proporcionando-lhes segurança, menos preconceitos e melhor aceitação do tema por parte dos pais/comunidade.

Veja-se um exemplo das suas respostas:

Para os professores se sentirem mais seguros, com menos preconceitos na abordagem desta temática e para os pais/comunidade aceitar melhor esta área na escola. (P5I,15.1)

- **Será importante implementar um Programa nesta área, em alunos com NEE porque surgem problemas neste âmbito dentro da sala de aula e existem tabus que envolvem o tema e estes alunos.**

Nesta CR incluem-se as respostas dos professores que afirmaram ser importante a implementação de um Programa, no âmbito da temática, em alunos com NEE, pois surgem problemas neste domínio dentro da sala de aula e existem tabus que envolvem o tema e estes alunos.

As suas respostas:

Surgem problemas nesse âmbito dentro da sala de aula. (P6I,15.1)

Há tabus envolvendo o tema e estas crianças. (P23I,15.1)

- **Um Programa neste âmbito deverá ser implementado, pois todos os alunos possuem a sua sexualidade, como tal, o tema deve ser tratado na escola, independentemente dos alunos apresentarem ou não necessidades educativas especiais**

Apenas a resposta de um professor foi incluída nesta CR. Este considerou importante a implementação do Programa, afirmando que todos os alunos possuem a sua sexualidade, como tal, o tema deve ser tratado na escola, independentemente dos alunos apresentarem ou não necessidades educativas

especiais.

Foi esta a sua resposta:

Porque independentemente da criança ter ou não NEE, esta possui a sua sexualidade desde o seu nascimento. Como tal, deve ser um tema tratado na escola como outro qualquer relacionado com o corpo humano. (P28I,15.1)

- **Não identificadas**

Em “não identificadas” classificam-se três das respostas dos professores inquiridos, por não ter sido possível conhecer o(s) motivo(s) pelo(s) qual(ais) estes consideraram importante a implementação de um Programa, no âmbito da temática, em alunos do 1ºCEB com NEE. (P9I,15.1; P24I,15.1 e P26I,15.1)

- **Sem resposta**

Um dos professores inquiridos não respondeu a esta questão. (P16I,15.1)

Os dados evidenciam que quase a totalidade dos professores inquiridos considera importante a implementação de um Programa, no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, em alunos do 1ºCEB com NEE (N=28). Um número bastante considerável de professores afirma que a implementação de um Programa nesta área será importante, porque todos os alunos, incluindo os que apresentam necessidades educativas especiais, devem estar informados e bem esclarecidos sobre a sexualidade, para evitarem e enfrentarem os perigos da sociedade actual (o abuso sexual; as doenças contagiosas; a gravidez precoce; a deturpação de condutas e sentimentos...), de forma a seguirem uma conduta correcta (N=9). Um dos professores inquiridos afirma que o tema deve ser tratado na escola, independentemente dos alunos apresentarem ou não necessidades educativas especiais, pelo que um Programa neste âmbito deverá ser implementado em alunos com NEE (N=1). Outros professores afirmam ainda que será importante implementar o mais cedo possível um Programa neste âmbito, porque os alunos com NEE despertam mais cedo para a sexualidade e manifestam-no com gestos e atitudes (N=4), para além deste facto, necessitam de uma abordagem diferente, simples e específica (N=3). Outros consideram que um Programa nesta área, irá permitir aos alunos com NEE aumentar e aprofundar os

seus conhecimentos sobre a temática, ajudando-os a conhecer/descobrir o seu corpo e a controlar melhor os seus impulsos sexuais (N=3). Houve ainda quem considerasse que a implementação do Programa irá ajudar os professores na abordagem da temática, proporcionando-lhes segurança, menos preconceitos e melhor aceitação do tema por parte dos pais/Comunidade (N=3). Salientam-se também os professores que afirmam que surgem problemas neste âmbito dentro da sala de aula e existem tabus que envolvem o tema e os alunos com NEE, logo, torna-se pertinente e fará sentido implementar um Programa relacionado com a temática com estes alunos (N=2).

Na questão 15, um dos professores inquiridos não considerou importante a implementação de um Programa no âmbito da temática, em alunos do 1º CEB com NEE. O item 15.2 – “Não”, refere-se à categoria de conteúdo *não importante (NI)*. A tabela respeitante à constituição da CR, relativa a esta categoria de conteúdo, consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.2.5). Em relação à categoria de conteúdo – *não importante* foi critério de análise:

- A importância dada pelos professores inquiridos relativamente à implementação de um Programa no âmbito da temática, em alunos do 1ºCEB com NEE.

Depois da análise dos dados verifica-se a existência de uma CR relativa à categoria de conteúdo *não importante*. Apresenta-se de seguida a CR ilustrada com a respectiva resposta do professor inquirido.

- **A implementação de um Programa neste âmbito, em alunos com NEE, não é importante, pois o Programa do 1º CEB é suficiente para todos os alunos, a nível de conteúdo e fundamentação**

Nesta CR inclui-se a resposta de um professor que não considerou importante a implementação de um Programa no âmbito da temática em alunos com NEE, pois na sua opinião o Programa do 1ºCEB é suficiente para todos os alunos, a nível de conteúdo e fundamentação.

Veja-se sua resposta:

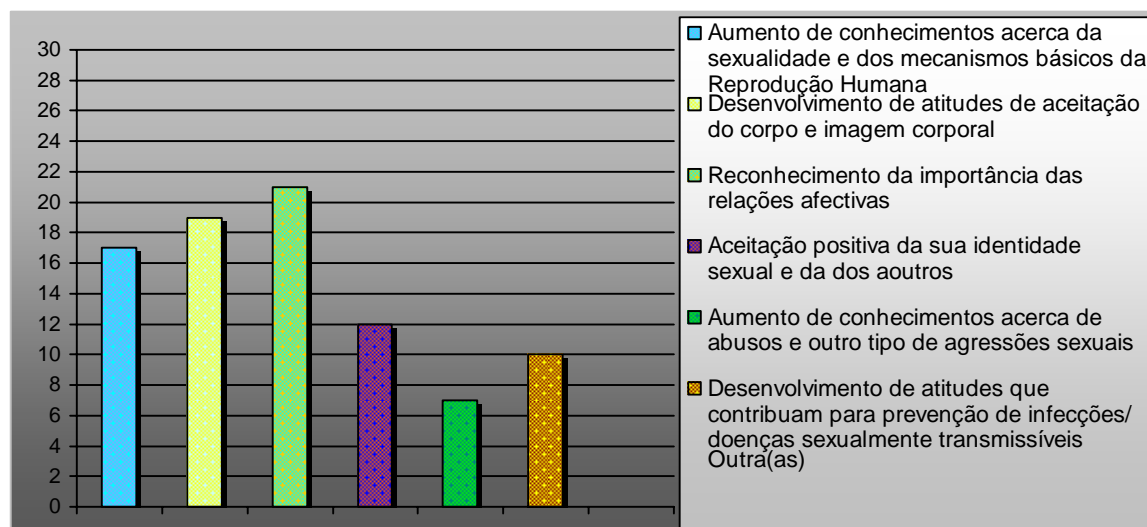
O Programa do 1º CEB é suficiente para todos os alunos, a nível de conteúdo e fundamentação. (P7NI, 15.2)

Os resultados obtidos evidenciam que apenas um dos professores inquiridos não considera importante a implementação de um Programa no âmbito da temática em alunos com NEE. Na perspectiva deste professor, o Programa do 1º CEB é suficiente para todos os alunos, quer a nível de conteúdo, quer a nível de fundamentação (N=1).

Os professores foram questionados quanto às vantagens relacionadas com a implementação de um Programa no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos do 1ºCEB com NEE (questão 16). A este respeito, vinte e um dos inquiridos afirmaram que um Programa neste domínio irá contribuir para o reconhecimento da importância das relações afectivas; dezanove consideraram que será importante a sua implementação para o desenvolvimento de atitudes de aceitação do corpo e da imagem corporal; dezassete dos professores referiram que uma das vantagens da sua implementação será o aumento de conhecimentos acerca da sexualidade e dos mecanismos básicos da Reprodução Humana; doze dos inquiridos consideraram que irá contribuir para a aceitação positiva da identidade sexual destes alunos e da dos outros; já dez referiram que um Programa nesta área irá permitir o desenvolvimento de atitudes que contribuam para a prevenção de infecções/doenças sexualmente transmissíveis e sete referiram que permitirá o aumento de conhecimentos acerca de abusos e outro tipo de agressões sexuais.

É de referir que nesta questão, nenhum dos professores inquiridos acrescentou outra possibilidade de resposta.

Gráfico 4.2.13 – Vantagens da implementação de um Programa no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos do 1ºCEB com NEE



Os dados obtidos revelam que a implementação de um Programa neste domínio irá trazer vantagens para os alunos com NEE, pois permitirá o reconhecimento das relações afectivas (N=21); o desenvolvimento de atitudes de aceitação do corpo e imagem corporal (N=19), bem como o aumento de conhecimentos acerca da sexualidade e dos mecanismos básicos da Reprodução Humana (N=17). Para além destas vantagens, poderá promover a aceitação positiva da identidade sexual dos alunos com NEE e da dos outros (N=12); possibilitar o desenvolvimento de atitudes que contribuem para a prevenção de infecções/doenças sexualmente transmissíveis (N=10), assim como o aumento de conhecimentos acerca de abusos e outro tipo de agressões sexuais (N=7).

4.3 – Leitura e interpretação dos dados da Fase I – questionário a pais e encarregados de educação dos alunos com NEE

Durante a Fase I desta investigação, tal como já foi referenciado no capítulo 3, foram administrados questionários a seis pais e encarregados de educação de alunos do 1ºCEB com NEE (Anexo II), a fim de conhecer o seu posicionamento relativamente à temática da "Sexualidade e Reprodução

Humana”. Os seus educandos participaram na Fase II do estudo.

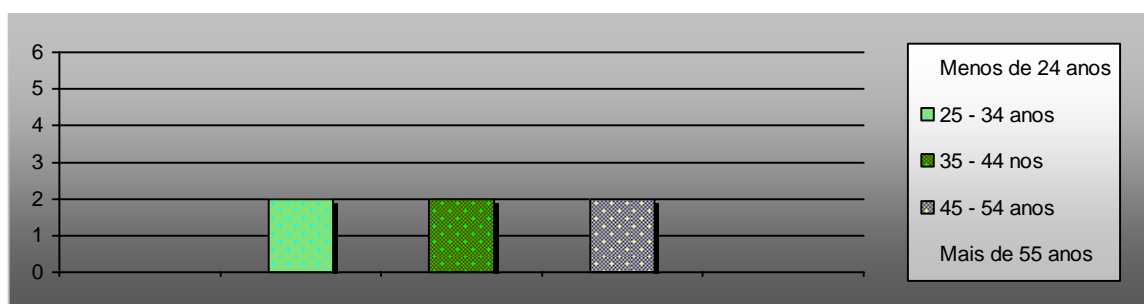
De seguida, proceder-se-á à leitura e interpretação dos dados referentes aos questionários a pais e encarregados de educação dos alunos com NEE.

4.3.1 – Dados pessoais dos pais e encarregados de educação – Parte I do questionário

No que respeita à idade (questão 1), dois dos pais e encarregados de educação inquiridos pertenciam à faixa etária dos 25 aos 34 anos; dois apresentavam idades compreendidas entre os 35 e os 44 anos e outros dois posicionavam-se entre os 45 e os 54 anos. Nenhum dos pais e encarregados de educação apresentava idade igual ou inferior a 24 anos, nem idade igual ou superior a 55 anos.

O gráfico que se segue apresenta os dados obtidos em relação à idade dos pais e encarregados de educação inquiridos.

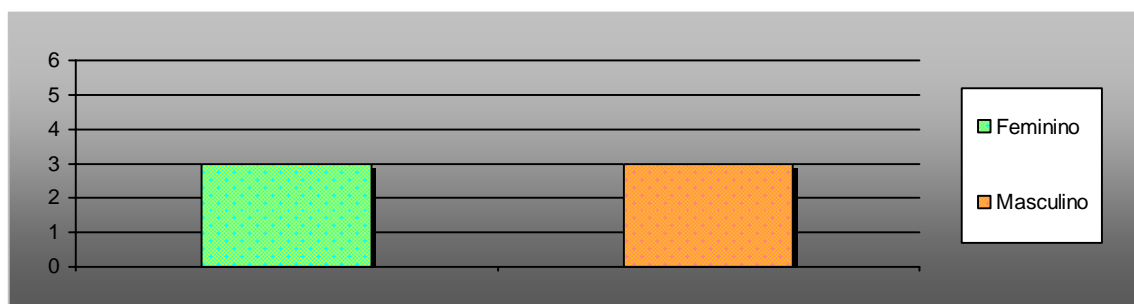
Gráfico 4.3.1 – Idade dos pais e encarregados de educação



Os resultados evidenciam que pais e encarregados de educação inquiridos têm idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos (N=6).

No que respeita à distribuição dos pais e encarregados de educação pelos dois sexos (questão 2), três dos inquiridos pertenciam ao sexo feminino e três ao sexo masculino.

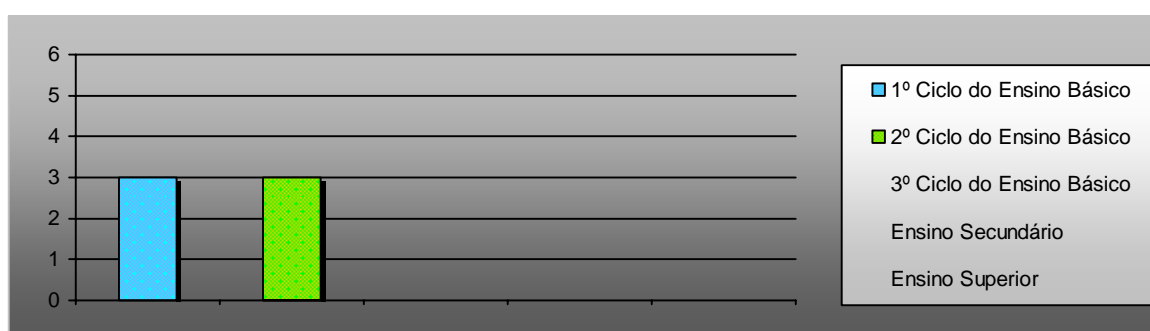
Gráfico 4.3.2 – Sexo a que pertenciam os pais e encarregados de educação



Como se verifica no gráfico 4.3.2, os pais e encarregados de educação inquiridos encontram-se distribuídos de igual modo pelos dois sexos.

Quanto à formação académica (questão 3), três dos inquiridos afirmaram possuir formação ao nível do 1ºCEB (do 1º ao 4º ano de escolaridade) e outros três ao nível do 2ºCEB (do 5º ao 6º ano de escolaridade). Nenhum dos pais e encarregados de educação referiu possuir formação académica ao nível do 3ºCEB, do Ensino Secundário ou do Ensino Superior.

Gráfico 4.3.3 – Formação académica dos pais e encarregados de educação



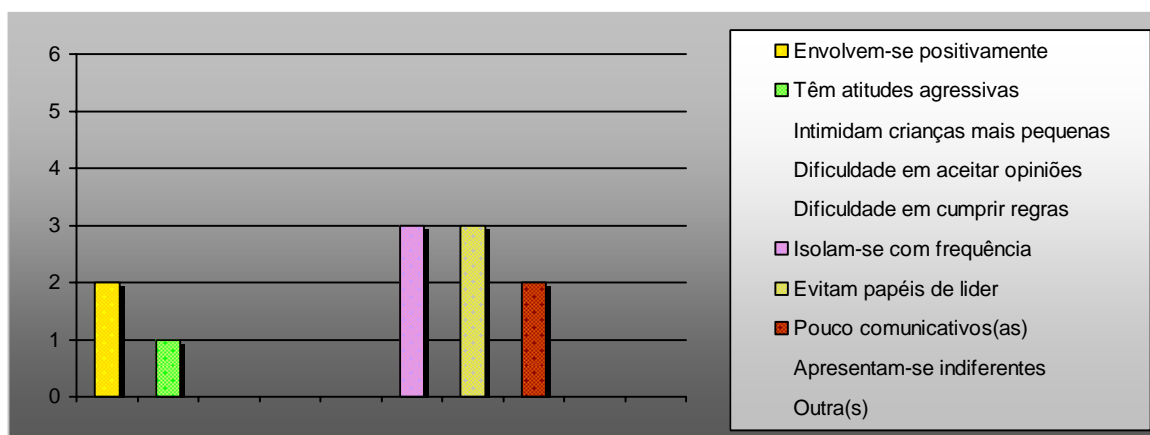
No gráfico 4.3.3 pode constatar-se que pais e encarregados de educação inquiridos possuem formação académica ao nível do 1ºCEB (N=3) e do 2º CEB (N=3).

4.3.2 – “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE – Parte II do questionário a pais e encarregados de educação

No que se refere às atitudes dos educandos na relação com o(s) outro(s) (questão 4), três dos pais e encarregados de educação referiram que estes isolam-se com frequência; outros três afirmaram que evitam papéis de líder; dois responderam que se apresentam pouco comunicativos; outros dois dos inquiridos afirmaram que os seus educandos envolvem-se positivamente e um referiu que tem atitudes agressivas. Nenhum dos pais e encarregados de educação inquiridos referiu que o seu educando, na relação com o(s) outro(s), intimida crianças mais pequenas; demonstra dificuldade em aceitar outras opiniões; revela dificuldade no cumprimento de regras ou que se apresenta indiferente.

Quanto a esta questão, os inquiridos não acrescentaram outra possibilidade de resposta.

Gráfico 4.3.4 – Atitudes dos educandos na relação com o(s) outro(s)

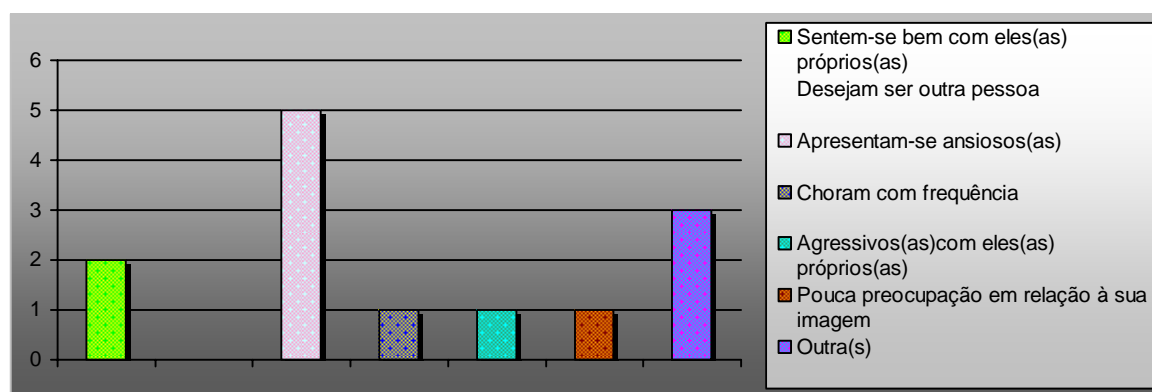


Os dados obtidos revelam que um número considerável de pais e encarregados de educação afirma que na relação com o(s) outro(s), os seus educandos isolam-se com frequência (N=3); evitam papéis de líder (N=3) e apresentam-se pouco comunicativos (N=2). Salienta-se um número de pais e encarregados de educação que refere que os seus educandos se envolvem positivamente (N=2), em contrapartida outro afirma que o seu educando manifesta atitudes agressivas no relacionamento com o(s) outro(s) (N=1).

No que respeita ao tipo de comportamento adoptado pelos educandos em relação a eles próprios (questão 5), cinco pais e encarregados de educação referiram que os seus educandos apresentam-se ansiosos; dois afirmaram que estes se sentem bem com eles próprios; um dos inquiridos referiu que o seu educando chora com frequência e outro afirmou que o seu educando é agressivo com ele próprio. Também um dos pais e encarregados de educação afirmou que o seu educando revela pouca preocupação em relação à sua imagem. Nenhum dos inquiridos referiu que o seu educando deseja ser outra pessoa.

Nesta questão, três dos pais e encarregados de educação acrescentaram outra possibilidade de resposta, afirmando que os seus educandos apresentam-se inseguros/pouco confiantes.

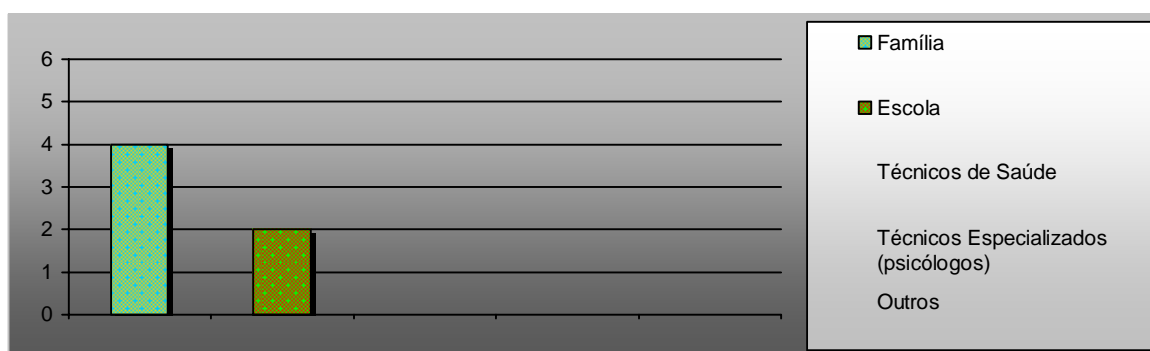
Gráfico 4.3.5 – Tipo de comportamento dos educandos em relação a eles próprios



Após a análise dos resultados, verifica-se que um número significativo de inquiridos refere que os seus educandos se apresentam ansiosos (N=5) e inseguros/pouco confiantes (N=3), em relação a eles próprios. Pais e encarregados de educação afirmam também que os seus educandos choram com frequência (N=1); que se revelam agressivos com eles próprios (N=1) e que demonstram pouca preocupação em relação à sua imagem (N=1). Contrapondo estes resultados, existem pais e encarregados de educação que referem que os seus educandos se sentem bem com eles próprios (N=2).

Quanto à responsabilidade pela abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” (questão 6), quatro dos pais e encarregados de educação consideraram que esta é da família, já dois mencionaram que é da escola. Nenhum dos pais e encarregados de educação referiu que a abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” deve ser da responsabilidade dos técnicos de saúde; dos técnicos especializados ou de outro(s).

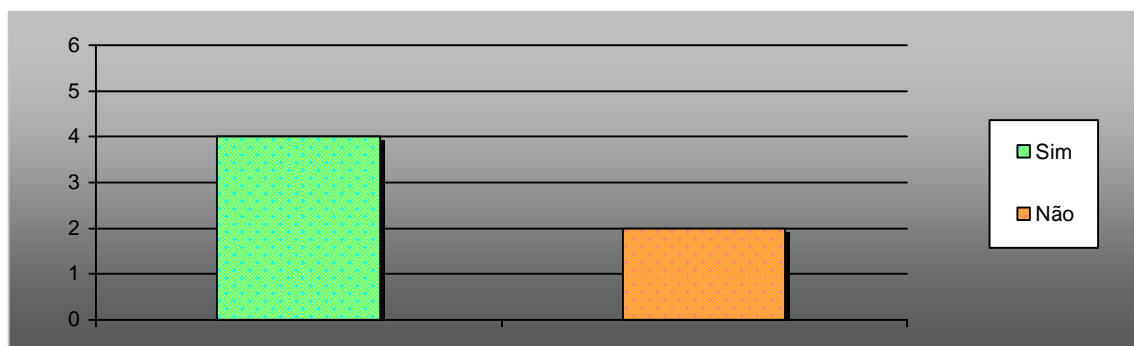
Gráfico 4.3.6 - Responsáveis pela abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana”



Se por um lado, a maioria dos pais e encarregados de educação considera que a abordagem da temática deve ser da responsabilidade da família (N=4), por outro, há quem afirme que a abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” deve ser da responsabilidade da escola (N=2). Os resultados evidenciam que a abordagem da temática deve ser da responsabilidade da família e da escola.

Questionaram-se os pais e encarregados de educação a fim de saber se os seus educandos costumam colocar questões relacionadas com a “Sexualidade e Reprodução Humana” (questão 7). A este respeito, quatro dos pais e encarregados de educação afirmaram que os seus educandos costumam colocar questões alusivas à temática e dois responderam que não.

Gráfico 4.3.7 – Colocação de questões relacionadas com a “Sexualidade e Reprodução Humana”, por parte dos educandos



De acordo com os resultados, a maioria dos pais e encarregados de educação afirma que os seus educandos costumam colocar questões relacionadas com a “Sexualidade e Reprodução Humana” (N=4).

No seguimento da questão 7 (item 7.1 - Sim), procurou-se saber, através de uma questão aberta, quais os assuntos relacionados com a temática que pais e encarregados de educação costumam conversar com os seus educandos (questão 8). A tabela respeitante à constituição das categorias de resposta (CR), relativas à categoria de conteúdo *assuntos* (A), consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.3.1). Em relação à categoria de conteúdo – *assuntos* foi critério de análise:

- Os assuntos abordados com os educandos sobre “Sexualidade e Reprodução Humana”.

A análise dos dados revela a existência de várias CR relativas à categoria de conteúdo *assuntos*. De seguida, apresentam-se as CR ilustradas com as respostas dadas pelos pais e encarregados de educação inquiridos.

- **No que respeita à “Sexualidade e Reprodução Humana”, pais e encarregados de educação costumam falar/conversar com os seus educandos sobre os(as) namorados(as)**

Incluem-se nesta CR as respostas de dois pais e encarregados de educação que relativamente à “Sexualidade e Reprodução Humana”, afirmaram falar/conversar com os seus educandos sobre os(as) namorados(as).

Foram estas as suas respostas:

Falamos sobre os namorados (...). (EE1A,8)

Costuma conversar sobre as namoradas. (EE4A,8)

- **Pais e encarregados de educação costumam conversar com os seus educandos sobre a gravidez (o parto; o sexo do bebé...)**

Nesta CR classificam-se as respostas de dois pais e encarregados de educação que afirmaram que costumam conversar com os seus educandos sobre a gravidez.

As suas respostas:

Costumamos conversar sobre a gravidez (...). (EE2A,8)

Costumo conversar com ele sobre questões relacionadas com a gravidez (o parto; o sexo do bebé...). (EE5A,8)

- **Relativamente à “Sexualidade e Reprodução Humana”, pais e encarregados de educação costumam falar com os seus educandos sobre a fecundação**

Nesta CR inclui-se apenas a resposta de um pai e encarregado de educação que afirmou que por vezes fala com o seu educando sobre a fecundação.

Veja-se a sua resposta:

Falamos (...) por vezes de como é que o bebé chega à barriga da mãe. (EE1A,8)

- **Pais e encarregados de educação costumam ser questionados pelos seus educandos sobre o período menstrual**

Integra-se nesta CR a resposta de um pai e encarregado de educação que referiu que o seu educando costuma colocar-lhe questões sobre o período menstrual.

Apresenta-se a sua resposta:

(...) pergunta-me porque é que as mulheres têm o período. (EE2A,8)

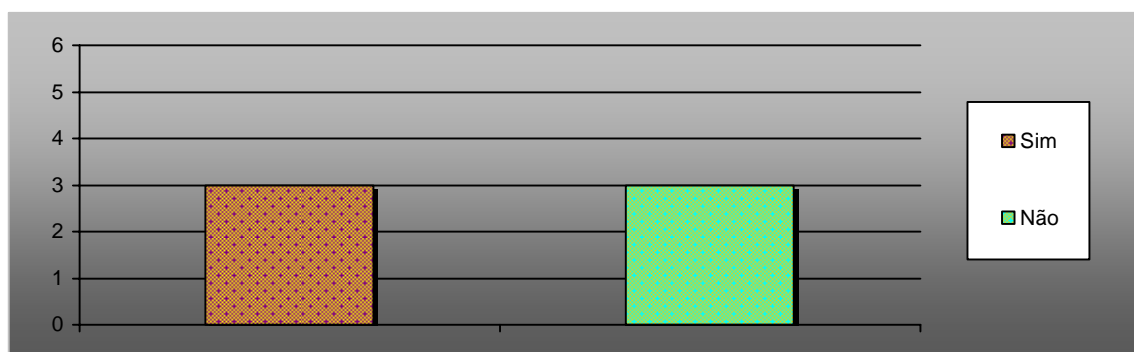
- **Sem resposta**

Dois dos pais e encarregados de educação inquiridos não responderam a esta questão, uma vez que na questão 7 (item 7.2 – Não), referiram que os seus educandos não costumam colocar questões relacionadas com a temática (EE3A,8 e EE6A,8).

Relativamente à “Sexualidade e Reprodução Humana”, pais e encarregados de educação inquiridos costumam abordar com os seus educandos assuntos tais como: o namoro (N=2); a gravidez (o parto, o sexo do bebé...) (N=2); a fecundação (N=1) e o período menstrual (N=1).

Procurou-se também saber se os educandos costumam revelar atitudes/comportamentos relacionados com a “Sexualidade e Reprodução Humana” (questão 9). No que respeita a este assunto, três dos pais e encarregados de educação afirmaram que os seus educandos costumam revelar atitudes/comportamentos relacionados com a temática; outros três referiram que estes não costumam revelar atitudes/comportamentos relacionados com a “Sexualidade e Reprodução Humana”.

Gráfico 4.3.8 – Revelação de atitudes/comportamentos relacionados com a “Sexualidade e Reprodução Humana”



Os resultados evidenciam que existem educandos que costumam revelar atitudes/comportamentos relacionados com a “Sexualidade e Reprodução Humana” (N=3) e outros não (N=3).

Na sequência da questão 9 (item 9.1 – Sim), pretendeu-se saber, através de uma questão aberta, quais as atitudes/comportamentos dos educandos em relação à “Sexualidade e Reprodução Humana” (questão 10). A tabela respeitante à constituição das categorias de resposta (CR), relativas à categoria de conteúdo *atitudes/comportamentos* (AC), consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.3.2). No que respeita à categoria de conteúdo – *atitudes/comportamentos* foi critério de análise:

- Atitudes/comportamentos dos educandos em relação à temática.

Após a análise dos dados, verifica-se a existência de três CR relativas à categoria de conteúdo *atitudes/comportamentos*. De seguida, apresentam-se as CR ilustradas com as respostas dadas pelos pais e encarregados de educação inquiridos.

- **Em relação à temática, o educando revela as seguintes atitudes/comportamentos: apalpa as mamas da mãe; abraça fortemente e beija as pessoas mais próximas**

Classifica-se nesta CR a resposta de um pai e encarregado de educação que afirmou que em relação à temática, o seu educando revela as seguintes atitudes/comportamentos: apalpa as mamas da mãe, abraça fortemente e beija as pessoas mais próximas.

A sua resposta:

Abraça fortemente as pessoas mais próximas e beija-as. Gosta de apalpar as mamas da mãe. (EE3AC,10)

- **O educando beija e corre atrás das namoradas**

Integra-se nesta CR a resposta de um pai e encarregado de educação que referiu que o seu educando beija e corre atrás das namoradas.

Foi esta a sua resposta:

Costuma beijar as namoradas e corre atrás delas. (EE4AC,10)

- **O educando coloca questões indirectas sobre a relação sexual**

Nesta CR inclui-se a resposta de um pai e encarregado de educação que referiu que o seu educando coloca questões indirectas sobre a relação sexual.

Veja-se a sua resposta:

Por vezes, faz algumas questões indirectas sobre a relação sexual. (EE5AC,8)

- **Sem resposta**

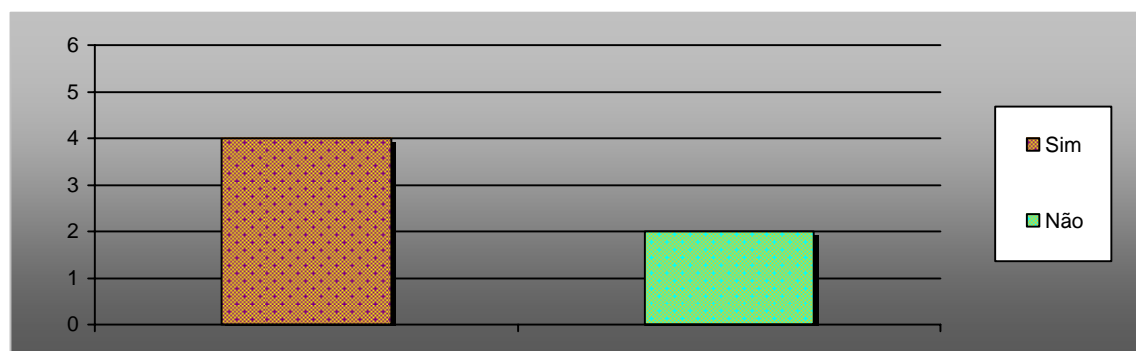
Não responderam a esta questão, três dos pais e encarregados de educação inquiridos, pois na questão 9 (item 9.2 – Não) referiram que os seus educandos não costumam revelar atitudes/comportamentos relacionados com a temática (EE1AC,10; EE2AC,10 e EE6AC,10).

Relativamente à “Sexualidade e Reprodução Humana”, pais e encarregados de educação inquiridos afirmam que os seus educandos manifestam diferentes atitudes/comportamentos. Um dos pais e encarregados de educação refere que o seu educando apalpa as mamas da mãe; abraça fortemente e beija as pessoas mais próximas (N=1); outro afirma que o seu educando beija e corre atrás das namoradas (N=1); outro ainda, refere que o seu educando coloca questões indirectas sobre a relação sexual (N=1). Os resultados obtidos evidenciam que relativamente à temática, os educandos manifestam atitudes/comportamentos relacionados com os afectos, pois procuram com alguma frequência e de forma intensa o contacto físico com o(s) outro(s). Denota-se também que revelam curiosidade sobre questões que envolvem a relação sexual.

Pais e encarregados de educação foram questionados quanto à sua preparação para abordar a “Sexualidade e Reprodução Humana” com os seus educandos (questão 11). No que respeita a esta questão, quatro dos inquiridos

afirmaram sentir-se preparados para abordar a temática com os seus educandos; já dois responderam que não se sentiam preparados para o fazer.

Gráfico 4.3.9 – Preparação dos pais e encarregados de educação para a abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” com os seus educandos

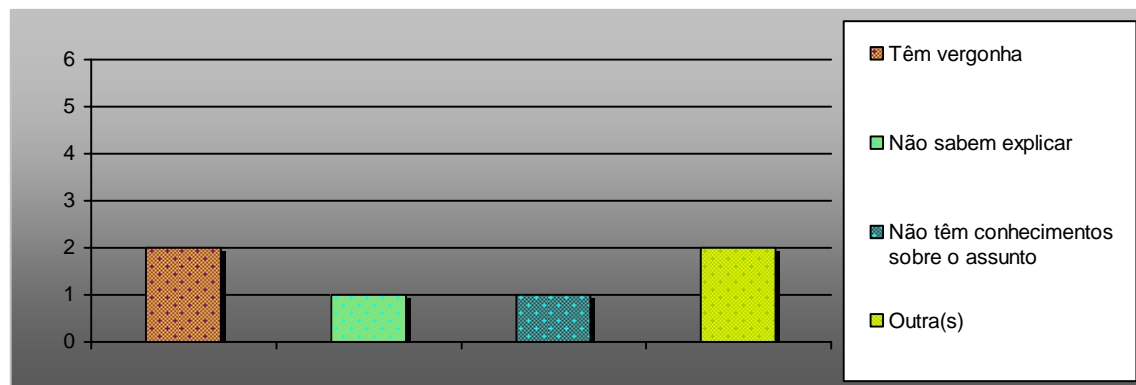


Após a análise dos dados, verifica-se que a maioria dos pais e encarregados de educação afirma que se sentem preparados para abordar a temática com os seus educandos (N=4). Contudo, há também quem afirme não se sentir preparado para falar com o seu educando sobre “Sexualidade e Reprodução Humana” (N=2).

Pretendeu-se conhecer as principais dificuldades sentidas pelos pais e encarregados de educação aquando da abordagem da temática com os seus educandos (questão 12). A este respeito, dois dos inquiridos afirmaram ter vergonha; um respondeu que não sabe explicar e outro afirmou não ter conhecimento sobre o assunto.

Nesta questão foi acrescentada outra possibilidade de resposta, à qual dois dos pais e encarregados de educação afirmaram abordar o assunto com naturalidade.

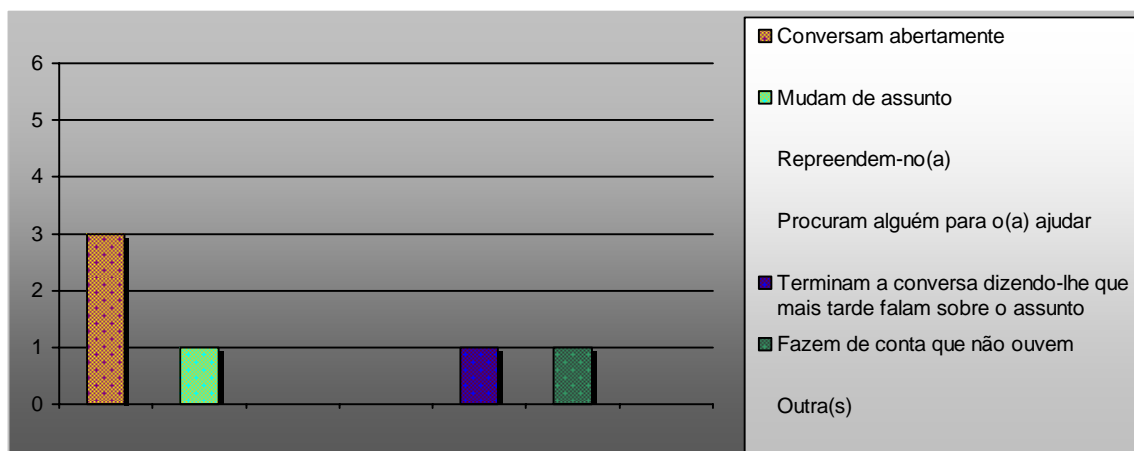
Gráfico 4.3.10 – Principais dificuldades sentidas pelos pais e encarregados de educação aquando da abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana”



Os dados evidenciam que pais e encarregados de educação sentem vergonha quando abordam a “Sexualidade e Reprodução Humana” com os seus educandos (N=2). Há quem afirme que não tem conhecimentos sobre o assunto (N=1) ou não sabe explicar (N=1). Apesar das dificuldades sentidas, alguns pais e encarregados de educação afirmam abordar o assunto com naturalidade (N=2).

Questionaram-se os pais e encarregados de educação acerca das atitudes tomadas quando os seus educandos tentam falar sobre questões relacionadas com a temática (questão 13). Relativamente a este assunto, três dos inquiridos referiram que conversam abertamente com o seu educando; um afirmou que termina a conversa dizendo-lhe que mais tarde falam sobre o assunto; outro respondeu que faz de conta que não ouve e outro afirmou que muda de assunto. Nenhum dos pais e encarregados de educação referiu que repreende o seu educando ou que procura alguém para o ajudar (professores, psicólogos, médicos, familiares...), quando este tenta falar sobre questões relacionadas com a temática.

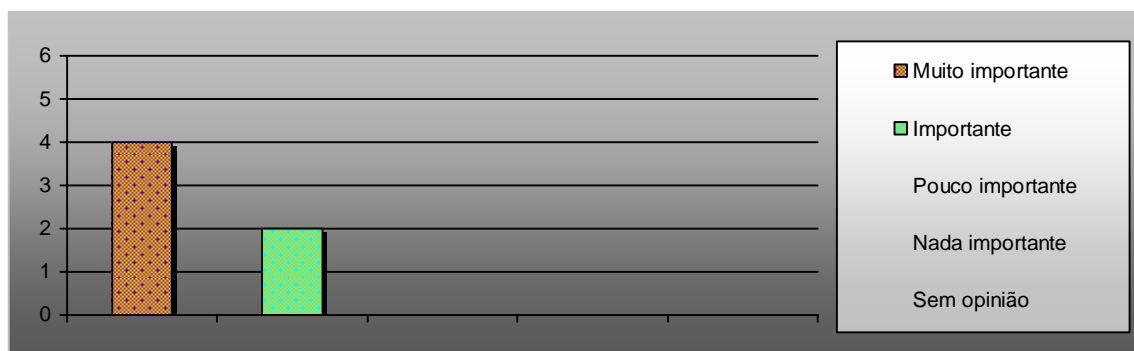
Gráfico 4.3.11 – Atitudes dos pais e encarregados de educação quando os seus educandos tentam falar sobre questões relacionadas com a temática



Os resultados evidenciam que quando os educandos tentam falar de questões relacionadas com a “Sexualidade e Reprodução Humana”, pais e encarregados de educação afirmam que conversam abertamente (N=3). Apesar deste resultado, metade do número de pais e encarregados de educação evita abordar a temática com os seus educandos, pois termina a conversa dizendo-lhes que mais tarde falam sobre o assunto (N=1); faz de conta que não ouve (N=1) ou muda de assunto (N=1).

Procurou-se saber qual a importância atribuída pelos pais e encarregados de educação à participação dos seus educandos num Programa sobre “Sexualidade e Reprodução Humana” (questão 14). No que toca a este assunto, quatro dos inquiridos consideraram muito importante a participação dos seus educandos e dois consideraram importante. Nenhum dos inquiridos considerou pouco ou nada importante a participação dos seus educandos num Programa alusivo à temática. Também nenhum dos inquiridos revelou não ter opinião sobre este assunto.

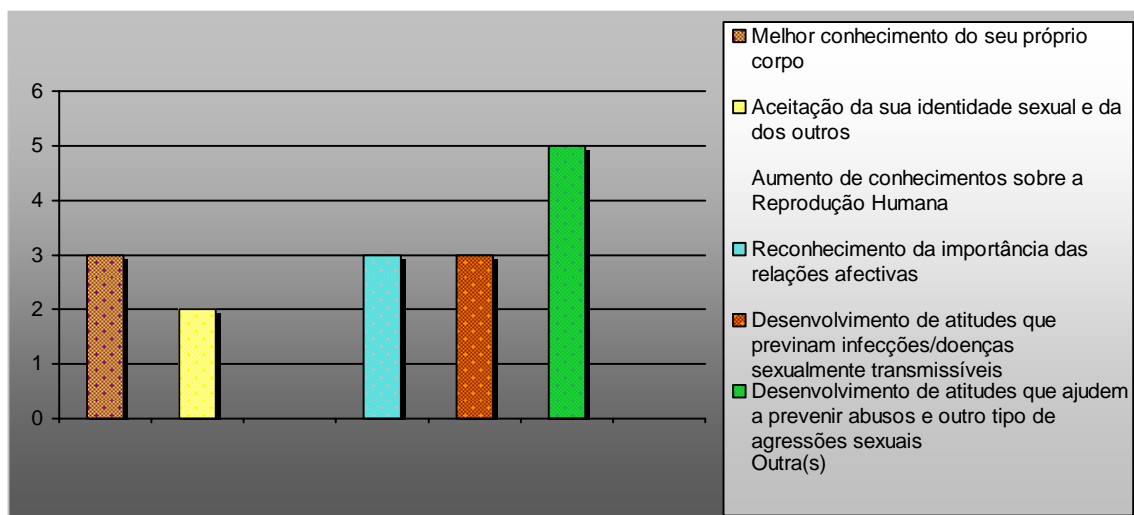
Gráfico 4.3.12 – Importância atribuída à participação dos educandos num Programa sobre “Sexualidade e Reprodução Humana”



Os dados obtidos revelam que a maioria dos pais e encarregados de educação inquiridos considera muito importante (N=4) a participação dos seus educandos num Programa sobre “Sexualidade e Reprodução Humana”. Destaca-se também o número de inquiridos que acha importante (N=2) que os seus educandos participem num Programa neste âmbito.

Quando inquiridos relativamente às vantagens que um Programa sobre “Sexualidade e Reprodução Humana” poderá trazer na vida futura dos educandos (questão 15), cinco pais e encarregados de educação consideraram como mais importantes o desenvolvimento de atitudes que ajudem a prevenir abusos e outro tipo de agressões sexuais; três referiram o melhor conhecimento do próprio corpo; três consideraram o reconhecimento da importância das relações afectivas; e outros três o desenvolvimento de atitudes que previnam infecções/doenças sexualmente transmissíveis. Dois dos pais e encarregados de educação inquiridos mencionaram como principal vantagem a aceitação da identidade sexual. De entre as vantagens apresentadas, nenhum dos pais e encarregados de educação mencionou o aumento de conhecimentos sobre a Reprodução Humana, como sendo uma das mais importantes.

Gráfico 4.3.13 – Vantagens que um Programa sobre “Sexualidade e Reprodução Humana” poderá trazer na vida futura dos educandos



De entre as vantagens que um Programa sobre “Sexualidade e Reprodução Humana” poderá trazer na vida futura dos educandos, pode constatar-se que pais e encarregados de educação consideram como mais importantes: o desenvolvimento de atitudes que ajudem a prevenir abusos e outro tipo de agressões sexuais (N=5); o melhor conhecimento do próprio corpo (N=3); o reconhecimento da importância das relações afectivas (N=3); o desenvolvimento de atitudes que previnam infecções/doenças sexualmente transmissíveis (N=3) e a aceitação da identidade sexual (N=2).

4.4 – Leitura e interpretação dos dados da Fase II – Implementação do Programa - À Descoberta da Sexualidade

Durante a Fase II da investigação, como já foi referido no capítulo 3, procedeu-se à implementação do Programa - À Descoberta da Sexualidade (Anexo VI), com o apoio dos dois professores titulares de turma envolvidos no estudo.

Aquando da implementação do Programa nas turmas, recorreu-se à técnica da observação. Procurou-se registar numa *Grade de Registo de Dados de*

Observação de Situações de Aula (adaptada de Estrela, 1994) (Anexo III), os dados referentes a cada uma das sessões do Programa, num total de catorze sessões.

Em cada uma das sessões, os dados serão apresentados e analisados pela seguinte ordem: apresentação da questão investigativa; tema(s); espaço onde decorreu a sessão e respectiva duração; intervenientes; objectivos a alcançar; finalidades; exploração didáctica; recursos materiais; observações e inferências.

De seguida, dar-se-á início à leitura e interpretação dos dados resultantes da implementação do Programa – *À Descoberta da Sexualidade*.

4.4.1 – 1ª Sessão: Quem sou eu?

Tema: A minha identificação

A sessão decorreu em contexto de sala de aula, num período de aproximadamente 15min.

Foram intervenientes os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Eis os objectivos que se pretendeu alcançar ao longo da sessão:

- Conhecer melhor o seu corpo.
- Conhecer o símbolo sexual a que pertence.
- Promover a aceitação do próprio corpo e da imagem corporal.

Através da representação gráfica, ilustração do próprio corpo e do desenho do símbolo sexual, pretendeu-se que os alunos com NEE identificassem as suas principais características físicas e ficassem a conhecer o símbolo sexual a que pertencem.

A apresentação da imagem corporal e do símbolo sexual ao grande grupo, visou desenvolver nos alunos atitudes de aceitação positiva em relação ao próprio corpo e à imagem corporal.

Iniciou-se a sessão com a apresentação da questão investigativa – *Quem*

sou eu?

Posteriormente, os alunos registaram por escrito o seu nome, idade e assinalaram com um X o sexo a que pertencem. Nesta fase, foi apresentado o símbolo sexual feminino e o masculino.

De seguida, representaram graficamente o próprio corpo e fizeram a respectiva ilustração. Depois desenharam o símbolo sexual a que pertencem.

Para finalizar a sessão, os alunos apresentaram ao grande grupo a imagem corporal e o respectivo símbolo sexual.

Ao longo da sessão foram utilizados os seguintes recursos materiais: guião do aluno (Anexo VI); cartolina com a questão investigativa; lápis; borracha e lápis de cor.

A maioria dos alunos com NEE fez a representação gráfica do próprio corpo com roupa (ALA3; ALA10; ALA16 e ALB7). Apenas dois representaram o seu corpo nu (ALA2 e ALB11). Um destes alunos desenhou no seu corpo os órgãos genitais (ALB11). Apresenta-se o seu desenho:

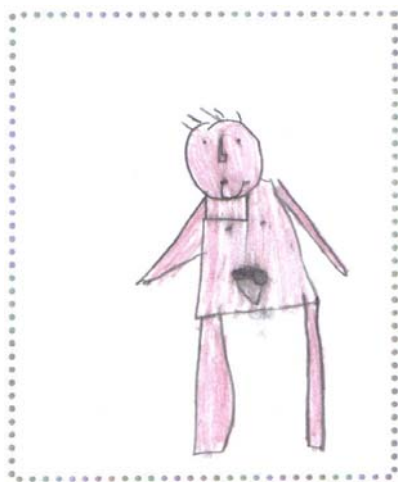


Figura 4.4.1 – Representação gráfica do corpo com órgãos genitais (ALB11)

O outro representou o seu corpo de forma pouco elaborada (não desenhou os órgãos genitais, os membros encontravam-se separados do tronco e a cabeça era de grandes dimensões em relação ao resto do corpo) (ALA2). Importa referir que este aluno era portador de uma deficiência motora – Spina Bífida com Melomeningocelo. Veja-se a sua representação:



Figura 4.4.2 – Representação gráfica do corpo do aluno portador de deficiência motora (ALA2)

Durante a apresentação da imagem corporal e do respectivo símbolo sexual ao grande grupo, os alunos com NEE relataram apenas aspectos positivos em relação às suas características físicas. Deixaram transparecer curiosidade e admiração em relação à imagem corporal dos colegas e fizeram a aplicação de conhecimentos em relação ao símbolo sexual a que pertencem. Eis exemplos das suas intervenções:

Sou magra e os meus cabelos são compridos! (ALA3);

O teu símbolo sexual não é esse! (ALA3);

Deixa ver o teu desenho! (ALA10);

Olha! Estão nus! Não têm roupa! (ALB7).

No decorrer da sessão, os alunos com NEE demonstraram entusiasmo e não revelaram dificuldades na execução das tarefas propostas.

Apenas um número reduzido de alunos fez a representação gráfica do seu corpo nu (N=2), os restantes representaram graficamente o seu corpo com roupa (N=4).

É de referir que um dos alunos com NEE desenhou o seu corpo com órgãos genitais (N=1).

O aluno portador de deficiência motora encontrava-se numa cadeira de rodas. A representação gráfica do seu corpo foi pouco elaborada. Este facto evidencia a imagem que o aluno tem do seu próprio corpo.

Os alunos com NEE deixaram transparecer curiosidade e admiração em relação à imagem corporal dos colegas.

Foi com satisfação e de forma bem sucedida que estes alunos identificaram e representaram o seu símbolo sexual.

4.4.2 – 2ª Sessão: *Somos todos iguais?*

Temas: Conhecimento do corpo e auto-estima

A segunda sessão decorreu no espaço sala de aula e teve a duração de aproximadamente 1h15min.

Foram participantes, os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Eis os objectivos desta sessão:

- Identificar características físicas (cor dos olhos, do cabelo e da pele);
- Promover a aceitação da imagem corporal;
- Identificar preferências (a cor, a brincadeira, o animal e a comida preferida);
- Reconhecer alguma(s) qualidade(s) do colega;
- Reconhecer a existência de diferenças físicas e psicológicas entre as pessoas;
- Desenvolver atitudes de valorização das relações de interajuda;
- Promover a auto-estima.

Através da identificação e comparação de características físicas e preferências dos alunos, pretendeu-se que estes reconhecessem a existência de diferenças físicas e psicológicas em cada pessoa e desenvolvessem atitudes de valorização das relações de interajuda. Procurou-se ainda promover a aceitação da imagem corporal.

Com a identificação de alguma(s) qualidade(s) que caracteriza(m) os alunos e com o preenchimento e troca de diplomas, pretendeu-se promover a auto-estima.

Deu-se início à sessão com a apresentação da questão investigativa – *Somos todos iguais?*

Em trabalho de pares, cada aluno observou o colega e identificou e registou

por escrito as suas características físicas e as do colega (a cor dos olhos, do cabelo e da pele).

De seguida, os alunos fizeram o desenho e ilustração do corpo do colega e compararam a imagem do seu corpo com a do colega. No fim de estabelecer a comparação, responderam à questão - *Tu e o(a) teu/tua colega são iguais?*. A resposta a esta questão foi assinalada com X.

Após esta tarefa, em trabalho de pares, cada aluno identificou e registou as suas preferências e as do colega (a cor; a brincadeira; o animal e a comida preferida). Estabeleceu uma comparação entre elas e respondeu à questão - *Tu e o(a) teu/tua colega gostam das mesmas coisas?*. A resposta a esta questão foi assinalada com X.

Mediante a pintura de rectângulos foram também identificadas por cada aluno a(s) qualidade(s) do colega.

Posteriormente, procedeu-se ao preenchimento e ilustração de um diploma e efectuou-se a troca do mesmo entre os alunos. É de referir que no diploma os alunos registaram por escrito o nome e a(s) qualidade(s) do colega e efectuaram a respectiva impressão digital.

Em seguida, registou-se por escrito os temas tratados e estabeleceu-se uma conversa colectiva com os alunos a fim de identificar as descobertas feitas no decorrer da sessão.

Em trabalho de grupo, os alunos elaboraram um registo - síntese (*O que descobri*) sobre as descobertas realizadas. Neste registo procuraram dar resposta à questão investigativa que inicialmente lhes foi apresentada – *Somos todos iguais?*.

No final da sessão, através da ilustração de uma imagem acompanhada de uma legenda, os alunos identificaram o grau de dificuldade das actividades que lhes foram sendo propostas.

Para a realização das actividades foram necessários alguns recursos materiais: guião do aluno (Anexo VI); cartolina com a questão investigativa; lápis; borracha; lápis de cor; almofada de tinta e quadro - negro.

Ao longo da sessão, os alunos com NEE demonstraram satisfação em

realizar trabalho de pares. Estabeleceram com os colegas uma relação positiva, comunicavam frequentemente e sorriam. Eis exemplos das suas intervenções:

Eu quero dizer as qualidades do meu colega! (ALB11);

Não somos todos iguais! (ALA2);

De que cor é o meu cabelo? (ALA10);

Olha a cadeira do Fábio! (ALA16).

Importa referir que os grupos de trabalho foram constituídos pelos professores titulares de turma, de forma heterogénea, tendo em conta o nível de aprendizagem de cada aluno.

Um dos alunos pertencente à turma - A representou graficamente o corpo do colega portador de deficiência motora, numa cadeira de rodas (ALA8). Este aluno não fez parte do estudo. Eis a sua representação:



Figura 4.4.3 – Representação gráfica do corpo do aluno com deficiência motora (ALA8)

Aquando da identificação e registo escrito das preferências, um dos alunos com NEE registou as mesmas preferências que o colega (ALA10).

A actividade referente ao preenchimento e troca de diplomas despertou especial interesse nos alunos com NEE. Durante a troca de diplomas, manifestaram alegria e interesse em receber o diploma. É de realçar que um dos alunos com NEE não queria trocar o diploma com o colega, queria ficar com o mesmo para si (ALB7). Eis dois exemplos das intervenções dos alunos:

Olha a minha impressão digital! (ALB7).

Ainda não me deste o meu diploma! (ALB11)

Tendo em conta a questão investigativa inicialmente apresentada, em trabalho de grupo foi elaborado o registo - síntese referente às descobertas realizadas ao longo da sessão.

Eis o registo - síntese dos alunos da turma A:

Somos todos diferentes! Não há ninguém igual a nós. Todos temos qualidades. Somos únicos e especiais!

Eis o registo - síntese dos alunos da turma B:

Não somos todos iguais. Todas as pessoas são diferentes! Agora, conhecemos melhor os nossos colegas. Temos muitas qualidades e somos especiais!

Relativamente ao grau de dificuldade, a maioria dos alunos com NEE considerou as actividades propostas muito fáceis (ALA2; ALA3; ALA10; ALA16 e ALB7). Um dos alunos referiu que as actividades foram fáceis (ALB11).

Em trabalho de pares, os alunos com NEE estabeleceram uma relação de cooperação com os colegas, conseguindo desta forma realizar as actividades propostas sem dificuldades.

A comparação de características físicas e preferências entre os alunos permitiu a aceitação da imagem corporal e o reconhecimento da existência de diferenças físicas e psicológicas em cada pessoa. No caso do aluno portador de deficiência motora, a representação gráfica do seu corpo incluiu a cadeira de rodas.

Apenas um dos alunos com NEE identificou e registou as mesmas preferências que o colega. De acordo com o Plano e Programa Educativo Individual, este aluno apresentava problemas emocionais, pelo que demonstrou alguma falta de segurança em revelar as suas próprias preferências.

O preenchimento e troca de diplomas despertou alegria nos alunos com NEE. Através desta actividade foi possível promover a auto-estima.

4.4.3 – 3ª Sessão: Qual é o João e qual é a Rita?

Tema: Identificação sexual

A terceira sessão teve a duração de aproximadamente 40min e decorreu no espaço sala de aula.

Nesta sessão participaram os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Com as actividades propostas pretendeu-se alcançar os seguintes objectivos:

- Reconhecer que socialmente são atribuídos brinquedos e tarefas domésticas em função do sexo;
- Adquirir flexibilidade na atribuição de papéis sexuais no que respeita aos brinquedos e às tarefas domésticas;
- Reconhecer que a identificação sexual não é feita com base na estatura física, nos brinquedos utilizados ou nas tarefas realizadas.

A partir da observação e comparação de duas imagens corporais, nas quais não estão representados os órgãos genitais, pretendeu-se consciencializar os alunos de que a identificação sexual não é feita com base no aspecto exterior (por exemplo, na estatura física).

Com o preenchimento das tabelas relativas aos brinquedos e às tarefas domésticas do João e da Rita, e com a discussão dos seus resultados, pretendeu-se que os alunos tomassem consciência que socialmente são atribuídos brinquedos e tarefas domésticas em função do sexo. Procurou-se ainda que adquirissem flexibilidade face aos papéis sexuais e compreendessem que a identificação sexual não se faz com base nos brinquedos que utilizam ou nas tarefas domésticas que realizam.

Esta sessão teve início com a apresentação da questão investigativa - *Qual é o João e qual é a Rita?*.

De seguida, foram apresentadas aos alunos duas imagens corporais onde não estão representados os órgãos genitais. Após a observação e comparação das duas imagens, com base apenas na estatura física foi proposta a seguinte

questão – *Consegues dizer qual é o João e qual é a Rita?*. Os alunos responderam à questão, assinalando com X a sua resposta.

Seguidamente foi feita a apresentação e manipulação de brinquedos (dado; cartas; corda; bola e raqueta) e procedeu-se ao preenchimento individual de uma tabela referente aos brinquedos provavelmente utilizados pelo João ou pela Rita. Na tabela, cada aluno assinalou com X os brinquedos que na sua opinião iriam ser utilizados pelo João ou pela Rita. Para a discussão dos resultados, o professor projectou a tabela e de acordo com a opinião dos alunos assinalou os brinquedos utilizados pelo João e pela Rita. Nesta etapa, os alunos chegaram à conclusão que todos os brinquedos podem ser utilizados quer pelo João quer pela Rita.

Depois de conhecerem os brinquedos utilizados pelo João e pela Rita e observarem novamente as duas imagens corporais sem órgãos genitais, foi proposta a questão – *Qual é o João e qual é a Rita?*. Pretendeu-se deste modo que os alunos tentassem identificar o João e a Rita com base na sua estatura física e nos brinquedos que utilizam. A resposta a esta questão foi assinalada com um X.

Apresentaram-se em seguida algumas tarefas domésticas e procedeu-se ao preenchimento individual de uma tabela referente às tarefas provavelmente realizadas pelo João ou pela Rita. Na tabela, cada aluno assinalou com X as tarefas que na sua opinião iriam ser realizadas pelo João ou pela Rita. Para a discussão dos resultados, o professor projectou a tabela e de acordo com a opinião dos alunos assinalou as tarefas domésticas realizadas pelo João e pela Rita. Nesta fase, os alunos chegaram à conclusão que todas as tarefas domésticas podem ser realizadas quer pelo João, quer pela Rita.

Depois de conhecerem os brinquedos e as tarefas domésticas do João e da Rita e observarem novamente as duas imagens corporais sem órgãos genitais, os alunos responderam à questão – *Qual é o João e qual é a Rita?*. Pretendeu-se deste modo que estes tentassem identificar o João e a Rita com base na sua estatura física, nos brinquedos que utilizam e nas tarefas domésticas que realizam. A resposta a esta questão foi assinalada com um X. Nesta fase, os alunos chegaram à conclusão que não é possível fazer a identificação sexual do

João e da Rita, conhecendo apenas a sua estatura física, os brinquedos que utilizam ou as tarefas domésticas que realizam.

De seguida, registou-se por escrito o tema tratado e estabeleceu-se uma conversa colectiva com os alunos a fim de identificar as descobertas feitas no decorrer da sessão.

Tendo presente a questão investigativa que inicialmente lhes foi apresentada - *Qual é o João e qual é a Rita?*, em trabalho de grupo, os alunos com NEE elaboraram um registo – síntese (*O que descobri*), procurando dar resposta a esta questão.

Para finalizar a sessão, os alunos fizeram a ilustração da imagem que representa o grau de dificuldade das actividades que lhes foram sendo propostas.

Durante a realização das actividades foram necessários alguns recursos materiais: guião do aluno (Anexo VI); cartolina com a questão investigativa; lápis; borracha; lápis de cor; brinquedos (corda, bola, dado, cartas e raqueta); retroprojector; 2 acetatos; caneta de acetato e quadro - negro.

Aquando da identificação sexual do João e da Rita, os alunos com NEE revelaram estereótipos relativamente à estatura física, aos brinquedos e às tarefas domésticas de ambos. Apresentam-se algumas das suas intervenções:

O João é o mais alto! (ALA2)

Quem salta à corda é a Rita! (ALA3)

A Rita é a mais gorda e tem sardas! (ALB7)

Quem limpa o quarto e coloca a mesa é a Rita! (ALB11)

É de salientar que os alunos com NEE consideraram a corda e a raqueta como brinquedos utilizados pela Rita e o dado, as cartas e a bola como brinquedos utilizados pelo João. No que respeita às tarefas domésticas, consideraram que a Rita deverá arrumar o quarto, regar as plantas e colocar a mesa e o João deverá arrumar os brinquedos e tratar dos animais.

Com o decorrer da sessão alguns estereótipos foram perdendo o seu impacto. Veja-se por exemplo:

No ATL os rapazes colocam a mesa! (ALA2)

O João também pode saltar à corda! (ALA16)

No final, os alunos constataram que não conseguiam identificar o João e a Rita conhecendo apenas a sua estatura física, os brinquedos que utilizam ou as tarefas domésticas que realizam.

Partindo da questão investigativa inicialmente apresentada, em grupo, foi elaborado o registo - síntese referente às descobertas realizadas ao longo da sessão.

Apresenta-se o registo - síntese dos alunos da turma A:

Os rapazes e as raparigas podem utilizar os mesmos brinquedos e fazer as mesmas tarefas domésticas. Não conseguimos descobrir qual é o João e qual é a Rita quando só conhecemos os seus brinquedos ou as tarefas domésticas que fazem.

Veja-se o registo - síntese dos alunos da turma B:

Não conseguimos descobrir qual é o João e qual é a Rita! As raparigas podem ser mais altas que os rapazes e os rapazes também podem ter sardas! Os rapazes e as raparigas podem utilizar os mesmos brinquedos e fazer as mesmas tarefas domésticas.

No que respeita ao grau de dificuldade, a maioria dos alunos com NEE considerou as actividades propostas muito fáceis (ALA2; ALA10; ALA16 ALB7 e ALB11). Um dos alunos referiu que as actividades foram fáceis (ALA3).

Ao longo da sessão, os alunos com NEE participaram activamente, demonstrando interesse em descobrir o João e a Rita. Revelaram-se autónomos e conseguiram realizar as actividades propostas.

Os alunos com NEE revelaram estereótipos relativos à estatura física do João e da Rita, aos brinquedos que utilizam e às tarefas domésticas que realizam. Tentaram descobrir o João e a Rita tendo em conta esses estereótipos. Apesar deste facto, ao longo da sessão, foi notória a alteração de ideias pré-concebidas, alguns estereótipos foram perdendo o seu impacto. Através da participação oral, denotou-se que os alunos compreenderam que a identificação sexual não é feita com base na estatura física, nos brinquedos utilizados ou tarefas realizadas.

De forma autónoma, os alunos com NEE conseguiram realizar as actividades.

Os objectivos propostos para esta sessão foram atingidos.

4.4.4 – 4ª Sessão: *Como se distinguem os rapazes das raparigas?*

Tema: O meu corpo - os órgãos genitais

A sessão decorreu em contexto de sala de aula e teve a duração de aproximadamente 2h30min.

Foram intervenientes os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Apresentam-se os objectivos desta sessão:

- Compreender que a identificação sexual é feita com base nos órgãos genitais;
- Conhecer as concepções alternativas dos alunos face à temática;
- Reconhecer a existência de órgãos genitais externos e internos;
- Conhecer a designação, função e respectiva localização dos órgãos genitais externos e dos internos.

Partindo da identificação de algumas partes do corpo do João e da Rita (nariz, olho, mão, mama, joelho, pé, umbigo, boca e braço), e com a leitura e resposta à questão - *Já sabes qual é o João e qual é a Rita?*, pretendeu-se que os alunos com NEE compreendessem que a identificação sexual não pode ser feita tendo em conta apenas estas partes do corpo.

Através das representações gráficas dos órgãos genitais do João e da Rita e do registo escrito das suas designações, pretendeu-se conhecer as concepções alternativas dos alunos com NEE face à temática. Com esta actividade, procurou-se ainda que os alunos compreendessem que a identificação sexual só pode ser feita com base nos órgãos genitais.

Aquando da resposta à questão - *Os órgãos genitais do João e da Rita são iguais ou diferentes?*, pretendeu-se que os alunos estabelecessem uma comparação entre os órgãos genitais masculinos e os femininos e reconhecessem que estes são diferentes.

Mediante a apresentação e análise de imagens dos órgãos genitais do João e da Rita, procurou-se que os alunos tomassem conhecimento da existência de órgãos genitais externos e internos, quer femininos, quer masculinos, assim como da sua designação científica, função e respectiva localização.

Com o recorte e colagem dos nomes dos órgãos genitais externos e internos, femininos e masculinos, pretendeu-se consolidar conhecimentos, no que respeita à localização e à designação científica destes órgãos.

Através do desenho e respectiva identificação dos órgãos genitais externos e internos, pretendeu-se que os alunos aprendessem a representar graficamente os órgãos genitais masculinos e os femininos e desenvolvessem um vocabulário cientificamente aceite.

De forma lúdica, através da construção dos puzzles relativos aos órgãos genitais externos e internos do João e da Rita, procurou-se consolidar e aplicar os conhecimentos desenvolvidos ao longo da sessão.

Deu-se início à sessão com a apresentação da questão investigativa – *Como se distinguem os rapazes das raparigas?*.

Em seguida, foi distribuído pelos alunos um vocabulário (este encontra-se incluído no guião do aluno – Anexo VI e apresenta definições de alguns termos científicos necessários à realização das actividades propostas. O vocabulário está organizado por ordem alfabética e ilustrado com imagens, para assim facilitar a sua consulta).

Posteriormente, os alunos com NEE identificaram diferentes partes do corpo da Rita e do João (nariz, olho, mão, mama, joelho, pé, umbigo, boca e braço). Conhecendo apenas estas partes do corpo, tentaram identificar o João e a Rita respondendo à questão - *Já sabes qual é o João e qual é a Rita?*. A resposta a esta questão foi assinalada com um X.

Após esta actividade, os alunos representaram graficamente os órgãos genitais do João e da Rita e por escrito fizeram a sua respectiva identificação, de acordo com as suas concepções.

De seguida, partindo da questão - *Os órgãos genitais do João e da Rita são iguais ou diferentes?*, foi solicitado aos alunos que estabelecessem uma comparação entre os órgãos genitais masculinos e os femininos. A resposta a

esta questão foi assinalada com um X.

Depois, foram apresentadas e analisadas imagens dos órgãos genitais do João e da Rita (estas imagens encontram-se no CD – Anexo VI, na pasta referente às actividades de apoio a esta sessão). Estas imagens representavam os órgãos genitais externos e internos, suas respectivas designações científicas e localização. À medida que foram sendo apresentadas as imagens referentes aos órgãos genitais, os alunos consultaram o vocabulário e identificaram as respectivas funções de cada um destes órgãos.

Com as imagens projectadas, procedeu-se ao recorte de etiquetas com os nomes dos órgãos genitais externos e internos da Rita e do João e efectuou-se a sua colagem junto dos mesmos.

Numa fase seguinte, ainda com as imagens projectadas, os alunos fizeram a representação gráfica dos órgãos genitais externos e internos da Rita e do João e registaram por escrito a sua designação científica.

Logo de seguida, o professor dividiu a turma em quatro grupos. Por cada grupo distribuiu um puzzle com imagens do corpo do João e da Rita (um puzzle com a representação dos órgãos genitais externos do João e outro com os da Rita; um puzzle com a representação dos órgãos genitais internos do João e outro com os da Rita). Posteriormente, cada grupo construiu um dos puzzles e fez a identificação dos órgãos genitais, aplicando etiquetas com os nomes correspondentes nos sítios certos – trabalho de grupo. Para terminar, os elementos de cada grupo fizeram a apresentação do puzzle à turma. Nesta etapa, foi eleito um porta-voz que com a ajuda dos colegas identificou o nome dos órgãos genitais e fez a sua respectiva localização – trabalho de grupo.

Para concluir, registou-se por escrito o tema tratado e estabeleceu-se uma conversa colectiva com os alunos a fim de identificar as descobertas feitas no decorrer da sessão.

Partindo da questão investigativa inicialmente apresentada – *Como se distinguem os rapazes das raparigas?*, em trabalho de grupo, os alunos elaboraram um registo – síntese (*O que descobri*), procurando dar resposta a esta questão.

No final da sessão, através da ilustração de uma imagem acompanhada de

uma legenda, os alunos identificaram o grau de dificuldade das actividades que lhes foram sendo propostas.

Os recursos materiais necessários para a realização das actividades foram: guião do aluno (Anexo VI); cartolina com a questão investigativa; lápis; borracha; lápis de cor; tela e datashow; CD – Anexo VI; computador; cola; tesoura; 4 puzzles + etiquetas com a identificação dos órgãos genitais masculinos e femininos; bostik e quadro - negro.

No início da sessão, os alunos com NEE tentaram fazer a identificação sexual do João e da Rita com base em algumas partes do corpo. Continuaram a revelar estereótipos em relação à estatura física de ambos. Um exemplo das suas intervenções:

O João é o mais alto! (ALA16).

Aquando da representação gráfica dos órgãos genitais do João e da Rita e do registo escrito da sua designação, os alunos com NEE revelaram concepções alternativas. Em relação aos órgãos genitais masculinos, todos os alunos representaram graficamente o pénis e o escroto, contudo não conseguiram identificar e localizar estes dois órgãos. A maioria dos alunos atribuiu a ambos os órgãos a designação de pénis (ALA2; ALA3; ALA10 e ALA16). Veja-se o exemplo que se segue referente a ALA10:

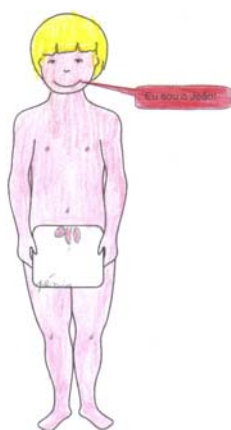


Figura 4.4.4 – Representação gráfica e designação atribuída aos órgãos genitais externos masculinos (ALA10)

É de referir que dois alunos com NEE não registaram o nome dos órgãos genitais masculinos (ALB7 e ALB11). Por sua vez, o aluno portador de deficiência

motora representou estes órgãos separados. Eis a sua representação gráfica:

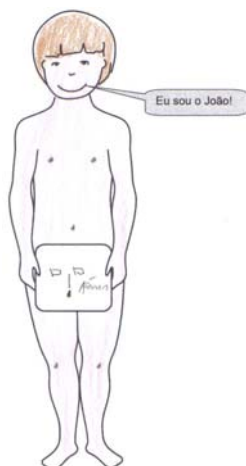


Figura 4.4.5 – Representação gráfica e designação atribuída aos órgãos genitais externos masculinos (ALA2)

Os desenhos alusivos aos órgãos genitais femininos foram pouco elaborados ou mesmo imperceptíveis. Quanto à designação dos órgãos genitais externos femininos, os alunos com NEE atribuíram-lhe o nome de um órgão genital interno – vagina/"bagina", em vez de vulva (ALA2; ALA3; ALA10 e ALA16). Eis dois exemplos:

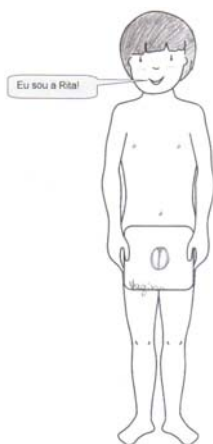


Figura 4.4.6 – Representação gráfica e designação atribuída aos órgãos genitais externos femininos (ALA3)



Figura 4.4.7 – Representação gráfica e designação atribuída aos órgãos genitais externos femininos (ALA16)

Dois alunos com NEE não registaram o nome dos órgãos genitais femininos (ALB7 e ALB11).

Quando confrontados com a questão - *Os órgãos genitais do João e da*

Rita são iguais ou diferentes?, todos os alunos constataram e responderam que estes são diferentes.

Durante a apresentação e análise de imagens dos órgãos genitais do João e da Rita, os alunos com NEE demonstraram-se atentos e curiosos. De início, emitiam risos e articulavam com dificuldade o nome científico dos órgãos genitais. Pronunciavam “bagina”, em vez de vagina; “prostáta” e não próstata; “utéro” em vez de útero. Com o decorrer das actividades, os alunos foram-se familiarizando com os termos científicos. Com naturalidade, começaram a verbalizar correctamente o nome dos órgãos genitais.

Mediante a consulta do vocabulário, os alunos com NEE ficaram a conhecer as funções de cada um destes órgãos. A exploração do vocabulário foi feita de acordo com a dos dicionários ilustrados, que normalmente são utilizados por estes alunos.

Enquanto recortavam e colavam as etiquetas com o nome dos órgãos genitais, os alunos dialogavam e estabeleciam entre si uma relação de interajuda.

Na representação gráfica dos órgãos genitais internos femininos e dos masculinos, apesar das imagens se encontrarem projectadas, os alunos necessitaram de alguma ajuda por parte do professor. Por sua vez, desenhar os órgãos genitais externos foi tarefa mais fácil e bem sucedida. Nesta actividade, bem como no recorte e colagem do nome dos órgãos genitais do João e da Rita, o aluno portador de deficiência motora, necessitou de mais tempo para a sua execução.

Eis os desenhos efectuados por este aluno:

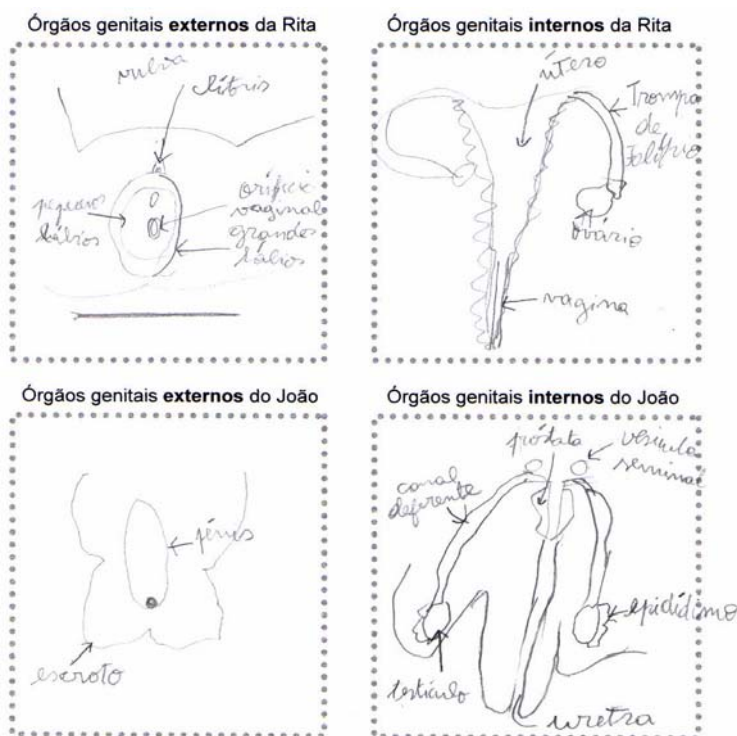


Figura 4.4.8 – Representação gráfica dos órgãos genitais externos e internos, masculinos e femininos e sua respectiva designação científica (ALA2)

Durante a construção dos puzzles, os alunos estabeleceram uma relação de cooperação. Dada a clareza das imagens e o tamanho das peças dos puzzles, os alunos fizeram as construções rapidamente e sem dificuldade. Aquando da apresentação dos puzzles à turma, foi notório o interesse e satisfação dos alunos em participar nesta actividade.

Tendo em conta a questão investigativa inicialmente apresentada, em trabalho de grupo foi elaborado o registo - síntese referente às descobertas realizadas ao longo da sessão.

Apresenta-se o registo - síntese dos alunos da turma A:

Só conseguimos distinguir um rapaz de uma rapariga se conhecermos os seus órgãos genitais.

Os órgãos genitais das raparigas não são iguais aos dos rapazes.

Os rapazes e as raparigas têm órgãos genitais externos e internos.

Veja-se o registo - síntese dos alunos da turma B:

Para distinguir um rapaz de uma rapariga é preciso conhecer os órgãos genitais.

Os órgãos genitais dos rapazes são diferentes dos órgãos genitais das raparigas.

Existem órgãos genitais externos e órgãos genitais internos.

Apesar da existência de alguma dificuldade na representação gráfica dos órgãos genitais internos masculinos e femininos, os alunos com NEE consideraram as actividades propostas fáceis (ALA3) e muito fáceis (ALA2; ALA10; ALA16; ALB7 e ALB11).

No início da sessão, os alunos com NEE tentaram fazer a identificação sexual do João e da Rita com base em algumas partes do corpo. Continuaram a revelaram estereótipos em relação à identificação sexual dos rapazes e das raparigas. Estes estereótipos relacionaram-se com a estatura física.

Foi também evidente a existência de concepções alternativas no que respeita aos órgãos genitais femininos e masculinos, na sua representação gráfica, designação e localização.

Dois alunos com NEE não registaram o nome dos órgãos genitais masculinos e femininos, o que poderá revelar algum preconceito ou falta de conhecimento, por parte destes alunos em relação à temática.

Conforme decorria a sessão, os alunos foram tomando conhecimento dos termos científicos utilizados e de forma natural fizeram a sua aplicação.

Os alunos com NEE não revelaram dificuldade na utilização do vocabulário. A sua consulta foi feita de acordo com a dos dicionários ilustrados, que normalmente são utilizados por estes alunos.

Apenas a representação gráfica dos órgãos genitais internos masculinos e femininos ofereceu alguma dificuldade aos alunos com NEE. Nesta tarefa houve necessidade de um apoio acrescido por parte do professor, assim como mais tempo para a concretização da tarefa. As restantes representações gráficas foram elaboradas com alguma facilidade e de forma bem sucedida.

A construção dos puzzles teve um carácter lúdico e pedagógico. Para além de ter permitido a consolidação e aplicação dos conhecimentos, proporcionou alegria e uma relação de cooperação entre os elementos de cada grupo.

4.4.5 – 5ª Sessão: Ao longo da vida, o que acontece ao nosso corpo?

Tema: Mudanças do corpo ao longo da vida

A sessão teve lugar no espaço sala de aula e uma a duração de aproximadamente 1h10min.

Nela participaram os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Com as actividades propostas pretendeu-se alcançar os seguintes objectivos:

- Reconhecer a existência de mudanças do corpo ao longo da vida;
- Identificar as principais mudanças do corpo ao longo da vida, em especial as que caracterizam o período da adolescência;
- Perceber em que consiste a menstruação, a erecção e a ejaculação.

Com o desenho e ilustração do corpo nas diferentes fases da vida (1 ano; 8 anos; 16 anos; 30 anos e 80 anos), pretendeu-se que os alunos reconhecessem a existência de mudanças do corpo com a evolução da idade.

Através da apresentação e análise de imagens que ilustram o corpo nas diferentes fases da vida, pretendeu-se que os alunos identificassem as principais mudanças do corpo em cada uma das fases. Procurou-se também que identificassem e compreendessem as principais alterações físicas que ocorrem no período da adolescência, em ambos os sexos.

A partir da análise de imagens que representam o período da infância e da adolescência em ambos os sexos e do preenchimento dos textos que apresentam lacunas referentes a esta temática, pretendeu-se que os alunos consolidassem e aplicassem os conhecimentos desenvolvidos anteriormente.

Iniciou-se a sessão com a apresentação da questão investigativa – *Ao longo da vida, o que acontece ao nosso corpo?*

Em seguida, foi distribuído pelos alunos o vocabulário (este encontra-se incluído no guião do aluno – Anexo VI e apresenta definições de alguns termos científicos necessários à realização das actividades propostas). Sempre que necessário, foi feita a sua consulta.

Posteriormente, os alunos efectuaram o desenho e ilustração do corpo nas

diferentes fases da vida (1 ano; 8 anos; 16 anos; 30 anos e 80 anos).

Após esta tarefa, analisaram as representações gráficas do próprio corpo e enunciaram oralmente as principais mudanças registadas em cada uma das fases da vida.

Seguidamente, foram apresentadas e depois analisadas imagens que ilustram o corpo nas diferentes fases da vida, dando-se principal destaque ao período da adolescência (as imagens encontram-se no CD – Anexo VI, na pasta referente às actividades de apoio a esta sessão). Nesta fase, fez-se referência à menstruação, à erecção e à ejaculação - trabalho de grupo. Durante esta actividade, os alunos consultaram o vocabulário para conhecer o significado de alguns termos científicos.

Na actividade seguinte, foram analisadas duas imagens que representam a Rita, uma na fase da infância e outra na fase da adolescência. Em seguida, os alunos efectuaram o preenchimento de um texto com lacunas referentes às mudanças do corpo da Rita no período da adolescência – trabalho de pares.

Depois, foram analisadas duas imagens que representam o João, uma na fase da infância e outra na fase da adolescência. Tal como na actividade anterior, os alunos efectuaram o preenchimento de um texto que apresentava lacunas referentes às mudanças do corpo do João no período da adolescência – trabalho de pares.

De seguida, registou-se por escrito o tema tratado e estabeleceu-se uma conversa colectiva com os alunos a fim de identificar as descobertas feitas no decorrer da sessão.

Em trabalho de grupo, os alunos elaboraram um registo - síntese (*O que descobri*) sobre as descobertas realizadas. Neste registo procuraram dar resposta à questão investigativa que inicialmente lhes foi apresentada - *Ao longo da vida, o que acontece ao nosso corpo?*.

Para finalizar a sessão, os alunos fizeram a ilustração da imagem que representa o grau de dificuldade das actividades propostas.

Nesta sessão foram utilizados os seguintes recursos materiais: guião do aluno (Anexo VI); cartolina com a questão investigativa; lápis; borracha; lápis de cor; tela e datashow; computador; CD – Anexo VI e quadro - negro.

Nas representações gráficas do corpo em cada uma das fases da vida, os alunos com NEE evidenciaram algumas das principais características do corpo: a barba (ALA2; ALB7); o bigode (ALA2; ALB11); o aumento dos órgãos genitais (ALB7; ALB11); a calvície (ALA2; ALB11); a presença de óculos (ALA2; ALA10; ALB7); o aumento da estatura física (ALA3; ALB11); a presença da bengala (ALA3; ALA10); o aumento das mamas (ALA3) e as rugas (ALA3). Eis alguns exemplos das suas representações:

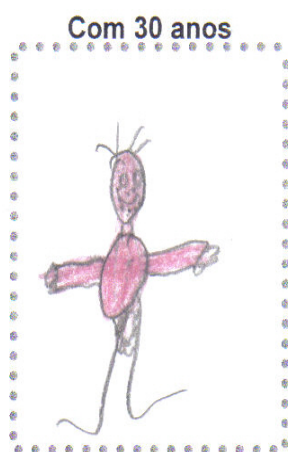


Figura 4.4.9 – Representação gráfica do corpo aos 30 anos (ALB7)

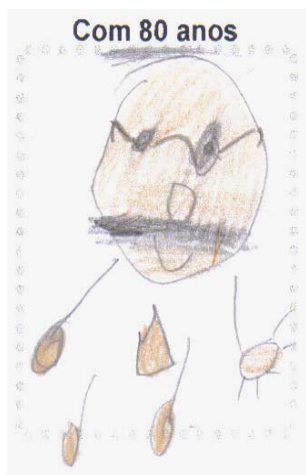


Figura 4.4.10 – Representação gráfica do corpo aos 80 anos (ALA2)



Figura 4.4.11 – Representação gráfica do corpo aos 80 anos (ALA3)

Salienta-se um aluno com NEE que em cada uma das fases da vida, evidenciou nos seus desenhos apenas mudanças do corpo ao nível da estatura física (ALA16).

No decorrer desta actividade, os alunos com NEE fizeram algumas intervenções:

Com 80 anos, vou ter cabelos brancos! (ALA2)

O meu avô já não tem dentes! (ALA16)

Quando for velho, vou ficar manco e sem cabelo! (ALB7)

Demonstraram especial interesse e curiosidade durante a análise das imagens referentes à adolescência, pelo que se revelaram bastante participativos. Apresentam-se algumas das suas intervenções:

Porque é que as mulheres têm o período? (ALA3)

A ejaculação dói? (ALA10)

A minha irmã, às vezes, muda o penso higiénico! (ALA16)

O meu pénis já ficou duro! (ALA16)

Às vezes aparecem-me borbulhas no peito e nas costas! (ALB11)

Durante a sessão, os alunos tiveram oportunidade de manusear pensos higiénicos. Recorrendo a um exemplar real, foi explicado o seu modo de utilização. Apesar de não se encontrar planificada, esta actividade despertou um especial interesse quer nos rapazes, quer nas raparigas.

Aquando do preenchimento dos textos com lacunas, os alunos com NEE estabeleceram uma relação positiva com os seus pares. Conversaram entre si e desenvolveram uma relação de interajuda, conseguindo desta forma realizar a

actividade com sucesso.

Partindo da questão investigativa inicialmente apresentada, em trabalho de grupo, foi elaborado um registo - síntese referente às descobertas realizadas ao longo da sessão.

Eis o registo - síntese dos alunos da turma A:

Ao longo da vida o nosso corpo muda.

É durante a adolescência que o nosso corpo muda mais.

Eis o registo - síntese dos alunos da turma B:

Ao longo da vida o nosso corpo vai mudando.

Durante a adolescência, o nosso corpo muda muito.

As mudanças do corpo acontecem nos rapazes e nas raparigas.

Sempre que surgiram termos científicos, os alunos tiveram oportunidade de consultar o vocabulário que lhes foi cedido no início da sessão, no qual se encontravam presentes todos os termos numa linguagem acessível e cientificamente aceite.

Nesta sessão, os alunos com NEE revelaram-se mais participativos que os restantes alunos das turmas envolvidas no estudo.

Consideraram as actividades propostas muito fáceis (ALA2; ALA3; ALA10; ALA16; ALB7 e ALB11).

Aquando da representação gráfica do corpo nas diferentes fases da vida, metade do número de alunos com NEE desenhou o seu corpo nu (N=3). Nos desenhos, representaram os órgãos genitais (N=2) e algumas das principais características do corpo: a barba; o bigode; o aumento dos órgãos genitais; a calvície; a presença de óculos; o aumento da estatura física; a presença da bengala; o aumento das mamas e as rugas. Um aluno com NEE, em cada uma das fases da vida, apenas evidenciou nos desenhos mudanças do corpo ao nível da estatura física (N=1).

O trabalho de pares permitiu a interajuda e facilitou o preenchimento dos textos que apresentavam lacunas relacionadas com a temática.

Ao longo da sessão foi notória a elevada participação dos alunos com NEE. Estes revelaram curiosidade e interesse em relação às mudanças do corpo, em

ambos os sexos, especialmente na adolescência, pelo que colocaram algumas questões relativas a este período, mais concretamente sobre a erecção, a ejaculação e a menstruação.

4.4.6 – 6ª Sessão: *O que devemos fazer para cuidar do nosso corpo?*

Tema: Hábitos de higiene e vida saudável

Esta sessão teve a duração de aproximadamente 25min e decorreu no espaço sala de aula.

Foram intervenientes os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Eis os objectivos que se pretenderam alcançar:

- Identificar os hábitos de higiene e vida saudável que os alunos têm com o seu próprio corpo.
- Reconhecer a necessidade de cuidar do corpo para ter uma vida saudável.

A partir da observação e exploração de imagens alusivas à temática procurou-se que os alunos identificassem os hábitos de higiene e vida saudável que no dia-a-dia têm com o seu corpo e reconhecessem o quanto é importante cuidar do corpo para ter uma vida saudável.

A sessão teve início com a apresentação da questão investigativa – *O que devemos fazer para cuidar do nosso corpo?*

De seguida, os alunos observaram e exploraram um conjunto de imagens acompanhadas de frases alusivas à temática. Nesta etapa, foi solicitado aos alunos que identificassem os cuidados que têm com o seu corpo através da pintura dos rectângulos onde se encontravam as frases que acompanhavam as imagens. A pintura dos rectângulos foi feita de acordo com a legenda (verde – sempre; amarelo – às vezes; vermelho – nunca).

Depois, cada aluno apresentou oralmente à turma os cuidados que tem com o seu corpo.

Em seguida, fez-se o registo escrito do tema que foi tratado e estabeleceu-se uma conversa colectiva sobre as descobertas feitas ao longo da sessão. Nesta fase, os alunos reconheceram que para ter uma vida saudável é necessário cuidar do corpo.

Tendo presente a questão investigativa apresentada no início da sessão – *O que devemos fazer para cuidar do nosso corpo?*, em trabalho de grupo, os alunos elaboraram um registo – síntese (*O que descobri*), procurando dar resposta a esta questão.

Por último, fizeram a ilustração da imagem que representa o grau de dificuldade das actividades propostas.

Foram utilizados nesta sessão os seguintes recursos materiais: guião do aluno (Anexo VI); cartolina com a questão investigativa; lápis; borracha; lápis de cor e quadro - negro.

No decorrer da sessão, os alunos com NEE deram a conhecer os cuidados que tinham com o seu corpo. Eis algumas das suas intervenções:

Só tomo banho duas vezes por semana! (ALA3)

Às vezes, esqueço-me de lavar os dentes! (ALA16)

Tomo banho todos os dias! (ALB7)

Como sempre muitos doces! (ALB11)

Com base na questão investigativa inicialmente apresentada, em trabalho de grupo, foi elaborado o registo - síntese referente às descobertas realizadas ao longo da sessão.

Eis o registo – síntese da turma A:

Se queremos ter uma vida saudável devemos cuidar do nosso corpo: praticar desporto; tomar banho todos os dias; ir ao médico...

Eis o registo – síntese da turma B:

Para cuidar do nosso corpo devemos: lavar os dentes e tomar banho todos os dias; ir ao médico de vez em quando; praticar desporto...

Os alunos com NEE consideraram as actividades propostas muito fáceis (ALA2; ALA3; ALA10; ALA16; ALB7 e ALB11).

Por parte dos alunos com NEE, denota-se a falta de alguns cuidados com o próprio corpo, no que respeita fundamentalmente à higiene e à alimentação.

Os alunos revelaram interesse em participar nas actividades propostas e reconheceram que é importante cuidar do corpo para ter uma vida saudável.

4.4.7 – 7ª Sessão: O que sentimos?

Tema: Os sentimentos

A sétima sessão decorreu no espaço sala de aula e teve a duração de aproximadamente 1h30min.

Nela participaram os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Pretendeu-se atingir os seguintes objectivos:

- Reconhecer a existência de diferentes tipos de sentimentos.
- Identificar expressões utilizadas para exprimir sentimentos.
- Facilitar a expressão de sentimentos.

A partir da leitura e exploração de uma história alusiva à temática, procurou-se que os alunos reconhecessem diferentes tipos de sentimentos.

Através da ilustração, do recorte e colagem de figuras que representam diferentes sentimentos, pretendeu-se que os alunos identificassem as expressões utilizadas para expressar esses sentimentos.

Com a ilustração, construção e lançamento do *cubo dos sentimentos*, pretendeu-se, de forma lúdica, facilitar a expressão de sentimentos por parte dos alunos com NEE.

Deu-se início à sessão com a apresentação da questão investigativa – *O que sentimos?*

Procedeu-se de seguida à leitura e exploração da história - *Uma aventura no Pavilhão do Conhecimento* (a história encontra-se no CD – Anexo VI, na pasta referente às actividades de apoio a esta sessão) – trabalho de grupo. Numa fase seguinte, os alunos identificaram os diferentes tipos de sentimentos presentes na história.

Posteriormente, efectuou-se a ilustração, o recorte e a colagem de figuras que representavam os sentimentos da Rita ao longo da história.

De seguida, em trabalho de pares, os alunos efectuaram a ilustração, o recorte e a construção do *cubo dos sentimentos*.

Após esta tarefa, com os seus pares, os alunos realizaram um jogo com o *cubo dos sentimentos*. Cada aluno lançou o *cubo dos sentimentos*. Quando o cubo parou de rodar, através da mímica, o aluno que lançou o cubo, expressou para o colega o sentimento representado na face que se encontrava voltada para cima. De acordo com o sentimento representado nesta face do cubo, o aluno relatou para o colega uma situação durante a qual vivenciou esse mesmo sentimento.

Fez-se de seguida, o registo escrito do tema que foi tratado e estabeleceu-se uma conversa colectiva sobre as descobertas feitas ao longo da sessão.

Em trabalho de grupo, os alunos elaboraram um registo - síntese (*O que descobri*), procurando dar resposta à questão investigativa apresentada no início da sessão - *O que sentimos?*.

Para avaliar a sessão, os alunos fizeram a ilustração da imagem que representa o grau de dificuldade das actividades propostas.

Utilizaram-se nesta sessão os seguintes recursos materiais: guião do aluno (Anexo VI); cartolina com a questão investigativa; lápis; borracha; lápis de cor; tela e datashow; computador; CD – Anexo VI; tesoura; cola e quadro – negro.

Os alunos com NEE identificaram sem dificuldade os diferentes tipos de sentimentos presentes na história - *Uma aventura no Pavilhão do Conhecimento*. Conseguiram estabelecer uma correspondência entre os sentimentos e as figuras utilizadas para expressar esses sentimentos.

Durante a construção do *cubo dos sentimentos*, os alunos estabeleceram uma relação de interajuda; partilharam tarefas no que respeita à ilustração, ao recorte e à construção do cubo. Nesta actividade, o aluno com deficiência motora necessitou de mais tempo para a concretização das tarefas e de um apoio acrescido por parte do professor.

Aquando da realização do jogo com o *cubo dos sentimentos*, os alunos

com NEE deixaram transparecer alegria e entusiasmo. Mimaram os sentimentos com expressividade e relataram algumas experiências pessoais. Eis exemplos das suas intervenções:

O meu gato Pantufas morreu. Eu fiquei triste! (ALA3)

Na minha festa de anos, o meu pai deu-me uma bicicleta e eu fiquei muito feliz! (ALB7).

Tendo em conta a questão investigativa inicialmente apresentada, em trabalho de grupo foi elaborado o registo - síntese referente às descobertas realizadas ao longo da sessão.

Veja-se o registo – síntese da turma A:

Através do rosto, conseguimos ver os sentimentos das pessoas.

Todos nós podemos sentir: alegria; medo; tristeza; curiosidade...

Veja-se o registo – síntese da turma B:

Todas as pessoas têm sentimentos. Cada um de nós pode sentir: tristeza; felicidade; curiosidade; medo; amor; ódio; vergonha; ciúmes...

Na opinião dos alunos com NEE as actividades propostas foram muito fáceis (ALA2; ALA3; ALA10; ALA16; ALB7 e ALB11).

A temática despertou interesse nos alunos com NEE.

Através das actividades propostas, os alunos conseguiram identificar diferentes tipos de sentimentos e as respectivas expressões utilizadas para os expressar.

A construção do *cube dos sentimentos* e o jogo proporcionaram entusiasmo e facilitaram a expressão de sentimentos, bem como o relato de experiências pessoais.

4.4.8 – 8ª Sessão: O que sentimos?

Tema: Os sentimentos - O amor

A sessão decorreu em contexto de sala de aula, num período de aproximadamente 50min.

Foram intervenientes os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Através das actividades propostas, pretendeu-se atingir os seguintes objectivos:

- Sensibilizar os alunos para o sentimento do amor.
- Facilitar a expressão do sentimento do amor.
- Reconhecer que é possível gostar de várias pessoas.
- Tomar consciência que existem diferentes maneiras de gostar.

Com a leitura e interpretação musical da canção - *A Cinderela*, pretendeu-se sensibilizar os alunos para o sentimento do amor.

Mediante a realização de um desenho que demonstra o sentimento de amor por outra pessoa, procurou-se ajudar os alunos a expressar esse mesmo sentimento.

Com a apresentação e explicação do desenho à turma pretendeu-se que os alunos tomassem consciência de que é possível gostar de várias pessoas, de forma diferente.

Iniciou-se à sessão com a leitura e interpretação musical da canção - *A Cinderela* (a letra da canção encontra-se no CD – Anexo VI, na pasta referente às actividades de apoio a esta sessão) – trabalho de grupo.

Em seguida, os alunos realizaram um desenho para demonstrar o sentimento de amor por uma pessoa. Após esta tarefa, fizeram a apresentação do desenho à turma. Nesta fase, os alunos reconheceram que é possível gostar de várias pessoas, de forma diferente.

Posteriormente, os alunos deram a conhecer o que sentem quando gostam de alguém. Nesta fase, ilustraram o(s) rectângulo(s) correspondente(s) ao(s) seu(s) sentimento(s).

Fez-se de seguida o registo escrito do tema que foi tratado e estabeleceu-se uma conversa colectiva sobre as descobertas feitas ao longo da sessão.

Em grupo, elaborou-se um registo – síntese (*O que descobri*), procurando dar resposta à questão investigativa apresentada no início da sessão anterior – *O que sentimos?*

Por fim, através da ilustração de uma imagem acompanhada de uma legenda, os alunos identificaram o grau de dificuldade das actividades que lhes foram sendo propostas.

Os recursos materiais necessários à realização da sessão foram: guião do aluno (Anexo VI); lápis; borracha; lápis de cor; tela e datashow; computador; CD – Anexo VI e quadro - negro.

Os alunos com NEE aderiram com entusiasmo às actividades propostas.

Evidenciaram um especial interesse pela leitura e interpretação musical da canção - *A Cinderela*. Cantavam e olhavam atentamente as imagens que ilustravam a letra da canção.

Durante a realização do desenho referente à(s) pessoa(s) amada(s), os alunos com NEE partilharam os seus sentimentos. Segredaram ao ouvido do colega ou do professor, o nome da pessoa por quem tinham um sentimento especial. Contudo, aquando da explicação do desenho à turma, houve alunos que sentiram vergonha e recusaram identificar a pessoa amada, bem como expressar o seu sentimento (ALA2; ALA16 e ALB7). Apresentam-se exemplos de intervenções destes alunos:

É uma amiga muito especial! (ALA2)

Não posso dizer quem é! (ALB7)

Eis exemplos dos seus desenhos:



Figura 4.4.12 – Representação gráfica da pessoa amada (ALA2)



Figura 4.4.13 – Desenho referente à pessoa amada (ALB7)

Houve alunos que nos desenhos representaram e identificaram a(s) pessoa(s) amada(s), expressando o seu sentimento. Veja-se um dos casos:



Figura 4.4.14 – Representação gráfica e identificação das pessoas amadas (ALA10)

Quando questionados sobre o que sentem quando gostam de alguém, todos os alunos com NEE referiram que se sentem felizes (ALA2; ALA3; ALA10; ALA16; ALB7 e ALB11). Outros referiram que se sentem envergonhados (ALA3; ALA16 e ALB7) ou nervosos (ALA2; ALA16 e ALB11). Um dos alunos com NEE referiu que se sente pensativo (ALA2) e outro afirmou sentir-se confuso quando gosta de alguém (ALA10).

Partindo da questão investigativa apresentada na sessão anterior, em trabalho de grupo foi elaborado o registo - síntese referente às descobertas realizadas ao longo desta sessão.

Apresenta-se o registo – síntese da turma A:

O amor é um sentimento muito importante e forte. Podemos amar de várias maneiras. Todas as pessoas têm o direito de amar e de serem amadas.

Apresenta-se o registo – síntese da turma B:

O amor é um sentimento muito forte e especial. Podemos amar

várias pessoas. Para as pessoas se amarem, não precisam de fazer sexo. Há diferentes maneiras de amar.

Todos os alunos com NEE consideraram as actividades muito fáceis (ALA2; ALA3; ALA10; ALA16; ALB7 e ALB11).

Foi notória a alegria dos alunos com NEE ao terem oportunidade de expressar e partilhar com o(s) outro(s) os seus sentimentos.

Quando confrontados com o sentimento do amor, houve alunos que sentiram vergonha em expressá-lo ao grande grupo.

Salienta-se o facto de todos os alunos com NEE referirem que se sentem felizes quando gostam de alguém.

4.4.9 – 9ª Sessão: O que fazer para prevenir o abuso sexual?

Tema: O abuso sexual

A nona sessão decorreu no espaço sala de aula e teve a duração de aproximadamente 50min.

Foram participantes os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Eis os objectivos que se pretenderam alcançar:

- Desenvolver conhecimentos acerca do abuso sexual.
- Desenvolver capacidades para interpretar e adequar as reacções pessoais nos diferentes contextos de interacção social.
- Identificar e saber aplicar respostas adequadas em situação de abuso sexual.

Com a leitura e análise de frases relacionadas com o abuso sexual, procurou-se que os alunos desenvolvessem alguns conhecimentos acerca desta temática.

A partir da leitura e exploração de uma história relacionada com a temática, pretendeu-se conhecer as reacções pessoais dos alunos face às situações vividas pela personagem principal da história – a Rita.

Através da exploração de imagens relacionadas com a história e da leitura das respectivas legendas que as acompanham, pretendeu-se que os alunos identificassem e aplicassem respostas adequadas em situação de abuso sexual.

Ao pintar um itinerário no labirinto, procurou-se de forma lúdica, alertar e prevenir os alunos para situações de abuso sexual que possam ocorrer no seu dia-a-dia.

Esta sessão teve início com a apresentação da questão investigativa – *O que fazer para prevenir o abuso sexual?*

De seguida, procedeu-se à leitura e análise de frases relacionadas com a temática do abuso sexual (as frases encontram-se no CD – Anexo VI, na pasta referente às actividades de apoio a esta sessão) – trabalho de grupo.

Posteriormente, efectuou-se a leitura e exploração de uma história relacionada com a temática (a história encontra-se no CD – Anexo VI, na pasta referente às actividades de apoio a esta sessão) – trabalho de grupo. Nesta fase, os alunos expressaram as suas reacções pessoais perante a situação vivida pela personagem principal da história – a Rita.

Numa fase seguinte, os alunos exploraram imagens relacionadas com a história e efectuaram a leitura das respectivas legendas que as acompanhavam. Depois, assinalaram com um X a imagem correspondente à atitude que a Rita deverá ter face à situação vivida na história.

Após esta tarefa, os alunos pintaram o itinerário que a Rita deveria efectuar para chegar a casa em segurança.

No final da sessão, registou-se por escrito o tema que foi tratado.

Depois de uma conversa colectiva, efectuou-se um registo – síntese (*O que descobri*) sobre as descobertas feitas ao longo da sessão – trabalho de grupo. No registo, os alunos procuraram dar resposta à questão investigativa que lhes foi apresentada no início da sessão – *O que fazer para prevenir o abuso sexual?*

Para finalizar a sessão, os alunos fizeram a ilustração da imagem que representa o grau de dificuldade das actividades propostas.

Os recursos materiais utilizados nesta sessão foram: guião do aluno (Anexo VI); cartolina com a questão investigativa; tela e datashow; computador; CD – Anexo VI; lápis; borracha; lápis de cor e quadro - negro.

A temática do abuso sexual despertou interesse nos alunos com NEE. Estes demonstraram-se atentos e participativos durante as actividades que foram sendo propostas. Expressaram as reacções pessoais no que respeita à história que envolvia a Rita e relataram algumas situações por eles vividas, evidenciando as suas preocupações, medos em relação ao abuso sexual. Alguns exemplos das suas intervenções:

Eu acho que a Rita não deve entrar no carro! (ALA2)

Tenho medo de andar sozinha na rua! (ALA3)

O abuso sexual pode acontecer a qualquer pessoa? Um bebé também pode ser abusado? (ALA10)

Uma vez, um senhor seguiu-me até à minha casa! (ALB7)

Com base na questão investigativa apresentada no início da sessão, em trabalho de grupo foi elaborado o registo - síntese referente às descobertas realizadas.

Eis o registo - síntese da turma A:

Descobrimos que não devemos aceitar coisas, nem convites de pessoas estranhas. Também não devemos falar sobre sexualidade com qualquer pessoa. O abuso sexual pode acontecer a qualquer um de nós!

Eis o registo - síntese da turma B:

Não devemos aceitar presentes de pessoas que não conhecemos. Existem pessoas que fazem mal às crianças. Quando uma pessoa nos faz mal, devemos contar o que aconteceu a alguém que confiamos!

Todos os alunos com NEE consideraram as actividades propostas muito fáceis (ALA2; ALA3; ALA10; ALA16; ALB7 e ALB11).

Atendendo aos resultados obtidos, é notório o interesse dos alunos com NEE por esta temática.

Através das actividades propostas, no âmbito da temática, os alunos tiveram a oportunidade de expressar as suas vivências e preocupações, bem como desenvolver respostas adequadas em situação de abuso sexual.

4.4.10 – 10ª Sessão: *Por que razão nascem os bebés?*

Tema: A fecundação

A sessão teve a duração de aproximadamente 1h30m e decorreu no espaço sala de aula.

Nela participaram os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Foram objectivos desta sessão:

- Conhecer e compreender o mecanismo da fecundação.

Com a observação e exploração de imagens que ilustram a fecundação, pretendeu-se dar a conhecer aos alunos este mecanismo básico da Reprodução Humana.

Com o preenchimento e análise de um espaço referente às dúvidas, pretendeu-se que os alunos ficassem a compreender o mecanismo da fecundação.

Através da pintura do itinerário dos espermatozóides até ao óvulo; da observação e análise de imagens que ilustram a união de duas células sexuais e do preenchimento do mapa de conceitos alusivo ao mecanismo da fecundação, pretendeu-se efectuar a aplicação e consolidação dos conhecimentos.

Deu-se início à sessão com a apresentação da questão investigativa – *Por que razão nascem os bebés?*

Em seguida, foi distribuído pelos alunos o vocabulário (este encontra-se incluído no guião do aluno – Anexo VI e apresenta definições de alguns termos científicos necessários à realização das actividades propostas). Sempre que necessário, foi feita a sua consulta.

Depois, fez-se a apresentação e exploração de imagens que ilustram o mecanismo da fecundação (estas imagens encontram-se no CD – Anexo VI, na pasta referente às actividades de apoio a esta sessão). Durante esta actividade, os alunos consultaram o vocabulário para conhecer o significado de alguns termos científicos.

Após esta etapa, em trabalho de pares, os alunos efectuaram o preenchimento do espaço - *As nossas dúvidas*.

De seguida, o professor fez o esclarecimento das dúvidas existentes e em grupo, os alunos explicaram oralmente o conceito de fecundação.

Numa fase seguinte, pintaram o itinerário dos espermatozóides até ao óvulo.

Posteriormente, foram apresentadas e analisadas duas imagens que ilustravam a união do espermatozóide com o óvulo. Nesta fase, foi colocada aos alunos a questão - *O espermatozóide conseguiu unir-se ao óvulo?*. A resposta a esta questão foi assinalada com um X.

Por último, em trabalho de pares, os alunos preencheram um mapa de conceitos alusivo ao mecanismo da fecundação.

Em seguida, fez-se o registo escrito do tema que foi tratado e estabeleceu-se uma conversa colectiva, a partir da qual se elaborou um registo – síntese (*O que descobri*) sobre as descobertas feitas ao longo da sessão – trabalho de grupo. No registo, os alunos procuraram dar resposta à questão investigativa que lhes foi apresentada no início da sessão – *Por que razão nascem os bebés?*.

Por último, os alunos fizeram a ilustração da imagem que representa o grau de dificuldade das actividades propostas.

Nesta sessão foram necessários os seguintes recursos materiais: guião do aluno (Anexo VI); cartolina com a questão investigativa; tela e datashow; computador; CD – Anexo VI; lápis; borracha; lápis de cor e quadro - negro.

Aquando da apresentação da questão investigativa – *Por que razão nascem os bebés?*, os alunos emitiram risos e deixaram transparecer admiração e curiosidade relativamente à questão. Um exemplo das suas intervenções:

Oh! Vamos saber como nascem os bebés! (ALA10)

Após a exploração das imagens alusivas ao mecanismo da fecundação, os alunos registaram por escrito algumas das suas dúvidas ou curiosidades. Veja-se por exemplo:

Como é que o pénis consegue entrar dentro da vagina? (ALA2; ALA10 e ALA16)

Como é que o pénis larga os espermatozóides? (ALA16)

Como nascem os bebés? (ALB7)

Quando existem três óvulos, nascem três gémeos? (ALB11)

À medida que colocavam as questões, os alunos faziam outras intervenções:

O pénis liberta milhões de espermatozóides? Milhões?! (ALA2)

Os bebés nascem porque o homem e a mulher fazem sexo! (ALA3)

Eu vou ser pai e a Rafaela Sofia vai ser mãe! (ALA10)

Ao longo da sessão, os alunos com NEE começaram a aplicar correctamente os termos científicos. Apresenta-se um exemplo:

Olha os espermatozóides e o óvulo! (ALB11)

A actividade referente à ilustração do itinerário dos espermatozóides até ao óvulo não ofereceu dificuldade aos alunos.

Durante o preenchimento do mapa de conceitos, os alunos com NEE estabeleceram uma relação de interajuda com os seus pares, conseguindo desta forma realizar a actividade com sucesso.

Tendo em conta a questão investigativa apresentada no início da sessão, em trabalho de grupo foi elaborado o registo - síntese referente às descobertas realizadas. Apresenta-se:

O registo – síntese da turma A:

Os bebés nascem porque o espermatozóide consegue unir-se ao óvulo, formando o ovo ou zigoto, que depois se divide e dá origem ao bebé.

O registo – síntese da turma B:

Um bebé nasce porque a célula sexual masculina (espermatozóide) une-se com a célula sexual feminina (óvulo). Esta união chama-se fecundação.

Os alunos com NEE consideraram as actividades propostas muito fáceis (ALA2; ALA3; ALA10; ALA16; ALB7 e ALB11).

A temática desenvolvida despertou curiosidade nos alunos com NEE.

Durante a execução das actividades, estes revelaram-se participativos. Deixaram transparecer um interesse especial pela relação sexual, tendo feito algumas intervenções e colocado um número significativo de questões

relacionadas com este assunto.

Ao longo da sessão, os alunos com NEE foram aplicando correctamente os termos científicos.

O trabalho de pares permitiu que os alunos debatessem ideias e estabelecessem entre si uma relação de interajuda.

A ilustração do itinerário e o preenchimento do mapa de conceitos contribuíram para a compreensão do mecanismo da fecundação.

4.4.11 – 11ª Sessão: *O que acontece ao bebé na barriga da mãe?*

Tema: A gravidez

Esta sessão decorreu no espaço sala de aula e teve a duração de aproximadamente 2h20min.

Foram participantes os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Pretendeu-se com as actividades propostas atingir os seguintes objectivos:

- Conhecer as concepções alternativas dos alunos face à temática.
- Conhecer e compreender os elementos essenciais acerca da gravidez.

Com a representação gráfica e ilustração do bebé dentro do útero da mãe da Rita, pretendeu-se conhecer o modo como os alunos pensam que se encontra o embrião/feto durante a gravidez.

A partir da observação e exploração de imagens do embrião/feto em diferentes fases da gravidez e da análise de uma tabela com as suas principais características em cada uma das fases do desenvolvimento intra-uterino, pretendeu-se que os alunos tomassem consciência do crescimento/ desenvolvimento do embrião/feto durante a gravidez.

Através da análise; recorte e colagem de imagens que ilustram algumas fases da gravidez, procurou-se que os alunos reconhecessem as principais características do embrião/feto em cada uma destas fases.

Com a identificação de alguns cuidados e perigos inerentes à gravidez, pretendeu-se que os alunos tomassem consciência que a mãe terá de cuidar da

saúde do seu corpo para que o bebé seja saudável.

Partindo da identificação da célula sexual masculina e da célula sexual feminina, bem como da exploração de um esquema de imagens que ilustram ambas as células sexuais e os respectivos cromossomas, procurou-se dar a conhecer aos alunos o modo como se determina o sexo do bebé.

Ao traçar o itinerário que um espermatozóide realiza até chegar ao óvulo, pretendeu-se que os alunos tomassem consciência que para ocorrer a gravidez é necessário a união da célula sexual masculina com a célula sexual feminina.

A partir da identificação do cromossoma presente em cada célula sexual, procurou-se que os alunos identificassem o sexo do bebé.

Ao apresentar e explorar imagens de ecografias 4D, pretendeu-se que os alunos tomassem conhecimento que as ecografias para além de permitirem a visualização do bebé dentro do útero da mãe, possibilitam a avaliação do seu estado de saúde e a identificação do seu sexo.

Esta sessão teve início com a apresentação da questão investigativa – *O que acontece ao bebé na barriga da mãe?*

De seguida, foi distribuído pelos alunos o vocabulário (este encontra-se incluído no guião do aluno – Anexo VI e apresenta definições de alguns termos científicos necessários à realização das actividades propostas). Sempre que necessário, foi feita a sua consulta.

Inicialmente, os alunos fizeram a representação gráfica e ilustração do bebé dentro do útero da mãe da Rita.

Após esta etapa foi feita a apresentação e exploração de imagens do embrião/feto em diferentes fases da gravidez. De seguida, efectuou-se a análise de uma tabela com as principais características do embrião/feto em cada uma das fases do desenvolvimento intra-uterino (as imagens e a tabela encontram-se no CD – Anexo VI, na pasta referente às actividades de apoio a esta sessão) – trabalho de grupo.

Posteriormente, procedeu-se à análise, ao recorte e colagem de imagens que ilustravam diferentes fases da gravidez (1; 3; 5; 7 e 9 meses).

Logo de seguida, os alunos identificaram os cuidados e perigos inerentes à gravidez. Com a cor verde, ligaram à barriga da mãe as imagens que

representavam os cuidados de saúde que esta deve ter com o seu corpo para que o bebé seja saudável. Com a cor vermelha, ligaram à barriga da mãe as imagens que representavam perigos para a sua saúde e para a do bebé. No final desta tarefa, em trabalho de grupo foram analisados e discutidos os resultados obtidos.

Para descobrir o sexo do bebé, os alunos começaram por identificar o nome da célula sexual masculina e da célula sexual feminina e registaram os mesmos por escrito. Seguidamente, fez-se a exploração de um esquema de imagens que ilustravam ambas as células sexuais e os respectivos cromossomas. Os alunos, com o apoio do professor, exploraram o esquema, ficando a conhecer o modo como se determina o sexo do bebé – trabalho de grupo.

Em seguida, os alunos traçaram o itinerário que um espermatozóide realiza até chegar ao óvulo. Para efectuar o itinerário, foi necessário contar e pintar o número de quadrículas, bem como seguir a direcção das setas.

Depois da identificação do cromossoma presente em cada célula sexual, os alunos completaram frases com lacunas, identificando o sexo do bebé.

Ainda nesta sessão, os alunos foram distribuídos por quatro grupos. Por cada grupo foi distribuída uma imagem de ecografia 4D e etiquetas com o nome de diferentes partes do corpo do bebé. Em seguida, cada grupo explorou uma imagem de ecografia 4D e nesta identificou as diferentes partes do corpo do bebé. Numa fase seguinte, na imagem da ecografia, sob as diferentes partes do corpo do bebé, os alunos aplicaram as etiquetas com os respectivos nomes. Para terminar, cada grupo colocou a imagem da ecografia no friso e fez a sua apresentação à turma – trabalho de grupo.

Para concluir, fez-se o registo escrito do tema que foi tratado. Em seguida, estabeleceu-se uma conversa colectiva, a partir da qual se elaborou um registo – síntese (*O que descobri*) sobre as descobertas feitas ao longo da sessão – trabalho de grupo. No registo, os alunos procuraram dar resposta à questão investigativa que lhes foi apresentada no início da sessão – *O que acontece ao bebé na barriga da mãe?*

No final da sessão, através da ilustração de uma imagem acompanhada de uma legenda, os alunos identificaram o grau de dificuldade das actividades que lhes foram sendo propostas.

Nesta sessão foram utilizados os seguintes recursos materiais: guião do aluno (Anexo VI); cartolina com a questão investigativa; lápis; borracha; computador; CD – Anexo VI; tela e datashow; tesoura; cola; quatro imagens de ecografias 4D; etiquetas com a identificação de diferentes partes do corpo do bebé; bostik; lápis de cor e quadro - negro.

Na representação gráfica do bebé dentro do útero da mãe, a maioria dos alunos com NEE não representou o cordão umbilical, nem a placenta (ALA3; ALA10; ALB7 e ALB11). Nestas representações, o bebé encontra-se dentro do útero sem qualquer ligação à mãe.

Veja-se o exemplo de uma das representações:



Figura 4.4.15 – Representação gráfica do bebé dentro do útero sem qualquer ligação à mãe (ALB7)

Apenas dois alunos com NEE representaram o bebé dentro do útero com o cordão umbilical ligado à placenta (ALA2 e ALA16). Eis uma das representações:



Figura 4.4.16 – Representação gráfica do bebé dentro do útero com o cordão umbilical ligado à placenta (ALA16)

Durante a apresentação e exploração de imagens do embrião/feto em diferentes fases da gravidez e análise da tabela com as suas principais características em cada uma das fases do desenvolvimento intra-uterino, os alunos demonstraram-se atentos e interessados. Colocaram várias questões relacionadas com a temática. Apresentam-se exemplos das suas intervenções:

O bebé faz cocó dentro da barriga da mãe? (ALA3)

Para que serve o cordão umbilical? (ALB11)

A actividade referente à descoberta do sexo do bebé despertou interesse e curiosidade. Eis a intervenção de um aluno:

Como é que o médico vê o sexo do bebé? (ALA3)

Através da exploração de um esquema ilustrado, os alunos compreenderam como se determina o sexo do bebé e fizeram a aplicação dos conhecimentos desenvolvidos. Apresentam-se exemplos das suas intervenções:

Daniela! Tens cromossomas XX! (ALA10)

O bebé é do sexo masculino, porque tem XY! É um rapaz! (ALB7)

A apresentação e exploração de imagens de ecografias 4D, despertou um especial interesse nos alunos. No decorrer desta actividade, estes estabeleceram no grupo de trabalho uma relação de interajuda e revelaram prazer no manuseamento dos recursos materiais. Participaram activamente e não revelaram dificuldade na concretização das tarefas propostas. Para que os alunos constatassem que a identificação do sexo do bebé só pode ser feita com base nos órgãos genitais, a última imagem de ecografia a ser colocada no friso foi aquela que representava o órgão genital do bebé.

Partindo da questão investigativa apresentada no início da sessão, em trabalho de grupo foi elaborado o registo - síntese referente às descobertas realizadas.

Eis o registo – síntese da turma A:

Durante a gravidez, o bebé cresce dentro da barriga da mãe. Para que o bebé tenha saúde, a mãe deve cuidar do seu corpo. Através de uma ecografia, o médico consegue ver o sexo do bebé e saber se ele está bem de saúde.

Eis o registo – síntese da turma B:

O bebé cresce dentro do útero da mãe e alimenta-se pelo cordão umbilical. Para que o bebé seja saudável, a mãe deve cuidar do seu corpo. O médico utiliza as ecografias para saber o sexo do bebé e para ver o que acontece com ele durante a gravidez.

Sempre que surgiram termos científicos, os alunos tiveram oportunidade de consultar o vocabulário que lhes foi cedido no início da sessão.

Os alunos com NEE consideraram as actividades propostas fáceis (ALA10) ou muito fáceis (ALA2; ALA3; ALA16; ALB7 e ALB11).

A temática da gravidez suscitou interesse e curiosidade nos alunos com NEE. Ao longo da sessão, estes apresentaram-se atentos e participativos.

Na representação gráfica do bebé dentro do útero, a maioria dos alunos com NEE não representou o cordão umbilical, nem a placenta. Nestas representações, o embrião/feto encontra-se dentro do útero sem qualquer ligação à mãe (N=4).

As actividades alusivas à determinação do sexo do bebé e às ecografias, revelaram-se bastante divertidas para estes alunos. A exploração de esquemas ilustrados; o manuseamento de diferentes recursos materiais e o trabalho de grupo, permitiram aos alunos com NEE realizar as tarefas propostas com sucesso e aplicar os conhecimentos anteriormente desenvolvidos.

4.4.12 – 12ª Sessão: *Como nascem os bebés?*

Tema: O parto

A sessão teve lugar no espaço sala de aula e uma duração de aproximadamente 45min.

Nela participaram os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Eis os objectivos que se pretenderam alcançar:

- Conhecer e compreender os diferentes momentos do parto.

Ao completar uma imagem alusiva a um bebé dentro do útero da mãe, pretendeu-se que os alunos ficassem a conhecer a posição em que o mesmo se coloca quando se prepara para nascer.

Através da análise de frases; da observação, recorte e colagem de imagens alusivas aos diferentes momentos do parto, pretendeu-se que os alunos ficassem a conhecer e a compreender as fases da última etapa do processo reprodutivo – o parto.

Iniciou-se a sessão com a apresentação da questão investigativa – *Como nascem os bebés?*

De seguida, foi distribuído pelos alunos o vocabulário (este encontra-se incluído no guião do aluno – Anexo VI e apresenta definições de alguns termos científicos necessários à realização das actividades propostas). Sempre que necessário, foi feita a sua consulta.

Numa etapa seguinte, os alunos completaram a imagem de um bebé dentro do útero da mãe. Para tal, efectuaram a ligação dos números de 1 a 97. Após esta tarefa, observando a imagem, identificaram a posição em que o bebé se coloca quando se prepara para nascer.

Posteriormente, os alunos leram frases e observaram imagens alusivas aos diferentes momentos do parto. De acordo com as frases, efectuaram o recorte das imagens e fizeram a sua colagem nos quadrados correspondentes – trabalho de pares. Durante esta actividade, os alunos consultaram o vocabulário para conhecer o significado de alguns termos científicos.

Fez-se de seguida, o registo escrito do tema que foi tratado e estabeleceu-se uma conversa colectiva sobre as descobertas feitas ao longo da sessão.

Em trabalho de grupo, os alunos elaboraram um registo - síntese (*O que descobri*), procurando dar resposta à questão investigativa apresentada no início da sessão – *Como nascem os bebés?*

Após a elaboração do registo - síntese, os alunos identificaram o grau de dificuldade das actividades que lhes foram sendo propostas, ilustrando uma imagem acompanhada de uma legenda.

Eis os recursos materiais necessários para a realização da sessão: guião do aluno (Anexo VI); cartolina com a questão investigativa; tesoura; cola; lápis;

borracha; lápis de cor e quadro - negro.

Durante a sessão, os alunos observaram atentamente as imagens referentes aos diferentes momentos do parto. Revelaram curiosidade no que respeita ao rebentamento do saco amniótico; à expulsão do novo ser e ao corte do cordão umbilical. Apresentam-se exemplos das suas intervenções:

O que é esse líquido? (ALA2)

Como é que o bebé consegue sair pela vagina? (ALA3)

Porque é que cortam o cordão umbilical? (ALB7)

Dói quando se corta o cordão umbilical? (ALA16)

No decorrer das actividades, os alunos fizeram alusão a situações familiares, chegando a focar um caso de interrupção involuntária da gravidez. Eis exemplos de algumas intervenções:

Eu nasci de cesariana! (ALB7)

O bebé da minha tia vai nascer em Julho! (ALB11)

A minha irmã nasceu morta! (ALB11)

Foi também evidente o entusiasmo dos alunos ao realizar trabalho de pares.

Com base na questão investigativa apresentada no início da sessão, em trabalho de grupo foi elaborado o registo - síntese referente às descobertas realizadas.

Veja-se o registo – síntese da turma A:

Quando o bebé está para nascer, coloca-se de cabeça voltada para baixo. O útero faz movimentos que rebentam o saco amniótico e o líquido amniótico sai pela vagina. A vagina alarga-se e a mãe faz força para o bebé sair. O bebé sai pela vagina da mãe. Depois, o médico corta o cordão umbilical e a mãe expulsa a placenta.

Apresenta-se o registo – síntese da turma B:

Quando se prepara para nascer, o bebé coloca-se de cabeça para baixo. A mãe sente movimentos fortes no útero. O saco amniótico rebenta e o líquido sai pela vagina. A vagina alarga-se e a mãe faz força para o bebé sair. Depois do bebé nascer, o médico corta o cordão umbilical e do corpo da mãe sai a placenta.

Em relação às actividades propostas, os alunos com NEE não demonstraram dificuldades na sua realização e consideraram as mesmas muito fáceis (ALA2; ALA3; ALA10; ALA16; ALB7 e ALB11).

Nesta sessão, os alunos com NEE demonstraram curiosidade por alguns momentos do parto: o rebentamento do saco amniótico; a expulsão do novo ser e o corte do cordão umbilical.

Estes alunos fizeram o relato de situações familiares relacionadas com a temática e revelaram entusiasmo no trabalho de pares.

4.4.13 – 13ª Sessão: *O que é a SIDA?*

Tema: A SIDA

A sessão desenvolveu-se no espaço sala de aula e teve a duração de aproximadamente 60min.

Foram participantes, os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Eis os objectivos que se pretenderam alcançar:

- Tomar consciência da existência de doenças sexualmente transmissíveis, concretamente a SIDA.
- Conhecer o significado da palavra SIDA e o modo como se transmite a doença.
- Identificar e desconstruir concepções alternativas no que respeita à transmissão da SIDA.
- Desenvolver atitudes de reflexão face a comportamentos inerentes a esta doença.

Com a leitura e análise de frases alusivas à temática, procurou-se que os alunos tomassem consciência da existência da SIDA; conhecessem o seu significado e o modo como se transmite a doença.

Através da identificação e análise de frases verdadeiras e falsas relacionadas com a temática, pretendeu-se identificar e desconstruir as

concepções alternativas dos alunos e simultaneamente desenvolver atitudes reflexivas de forma a adoptar comportamentos informados em relação à SIDA.

Deu-se início à sessão com a apresentação da questão investigativa – *O que é a SIDA?*

Logo de seguida, foi distribuído pelos alunos o vocabulário (este encontra-se incluído no guião do aluno – Anexo VI e apresenta definições de alguns termos científicos necessários à realização das actividades propostas). Sempre que necessário, foi feita a sua consulta.

Em trabalho de grupo, procedeu-se à leitura e análise de frases alusivas à temática (as frases encontram-se no CD – Anexo VI, na pasta referente às actividades de apoio a esta sessão).

Numa fase seguinte, foi apresentado o caso de uma criança seropositiva – *O Manuel é um menino seropositivo. Ele anda no 3º ano de escolaridade e pertence à turma do João e da Rita.* De seguida, os alunos fizeram a leitura de frases relacionadas com o caso do *Manuel* e assinalaram com um X se as frases eram verdadeiras ou falsas. No final desta actividade, em grupo, fez-se a análise de cada uma das frases.

Para concluir, registou-se por escrito o tema tratado e estabeleceu-se uma conversa colectiva com os alunos a fim de identificar as descobertas feitas no decorrer da sessão.

Partindo da questão investigativa inicialmente apresentada – *O que é a SIDA?*, em trabalho de grupo, os alunos elaboraram um registo – síntese (*O que descobri*), procurando dar resposta a esta questão.

Por último, os alunos fizeram a ilustração da imagem que representa o grau de dificuldade das actividades propostas.

Eis os recursos materiais necessários para a realização desta sessão: guião do aluno (Anexo VI); cartolina com a questão investigativa; computador; tela e datashow; CD – Anexo VI; lápis; borracha; lápis de cor e quadro - negro.

Em relação à SIDA, os alunos com NEE revelaram conhecimento da sua existência, no entanto, deixaram transparecer concepções alternativas no que respeita ao seu significado, ao modo como se transmite a doença e às formas de

prevenção. Apresentam-se algumas intervenções dos alunos:

A SIDA é uma doença dos drogados! (ALA16)

Não devemos brincar com um menino que tenha SIDA! (ALB7)

Quando se utiliza preservativo já não se apanha a SIDA! (ALA10)

Durante a sessão, os alunos colocaram várias questões alusivas à temática e manifestaram admiração pelo número de pessoas que morrem infectadas com esta doença. Eis exemplos das suas intervenções:

Os bebés também apanham SIDA?! (ALA3)

Não há cura para esta doença?! (ALB7)

Só num dia morrem todas essas pessoas?! (ALB11)

Após a análise das frases verdadeiras e falsas foi notória a mudança de opinião dos alunos em relação ao caso do *Manuel*. Veja-se um exemplo:

Todos os meninos devem brincar com o Manuel! Não tem mal nenhum!
(ALA2)

Tendo em conta a questão investigativa apresentada no início da sessão, em trabalho de grupo foi elaborado o registo - síntese referente às descobertas realizadas.

Apresenta-se o registo – síntese da turma A:

A SIDA é uma doença provocada por um vírus chamado VIH. Esta doença é transmitida quando o sangue de uma pessoa infectada entra em contacto com o sangue de outra pessoa que não está infectada. Qualquer pessoa pode ser infectada com a SIDA! Todos devemos ter cuidados: não partilhar seringas; escovas de dentes...

Veja-se o registo – síntese da turma B:

A SIDA é uma doença provocada por um vírus que se chama VIH. Qualquer um de nós pode ser infectado com a SIDA! Por isso devemos ter alguns cuidados: não utilizar seringas e as escovas de dentes de outras pessoas, nas relações sexuais utilizar o preservativo... A SIDA transmite-se através do sangue e das relações sexuais.

Os alunos com NEE não demonstraram dificuldade na execução das tarefas e consideraram as actividades muito fáceis (ALA2; ALA3; ALA10; ALA16; ALB7 e ALB11).

Os objectivos propostos para esta sessão foram atingidos.

A temática despertou interesse nos alunos com NEE. Ao longo da sessão, estes apresentaram-se atentos e participativos.

Demonstraram ter conhecimento da existência da SIDA, contudo revelaram concepções alternativas no que respeita ao seu significado, ao modo como se transmite a doença e às formas de prevenção.

Com o desenrolar das actividades, os alunos com NEE desenvolveram atitudes reflexivas face a esta doença, adoptando comportamentos informados.

4.4.14 – 14ª Sessão: Jogo – À Descoberta da Sexualidade

Temas: Conhecimento do corpo – os órgãos genitais; hábitos de higiene e vida saudável; mudanças do corpo; identificação sexual; os sentimentos; os sentimentos – o amor; o abuso sexual; a fecundação; a gravidez e o parto

A sessão teve lugar no espaço sala de aula e a sua duração ficou ao critério dos professores titulares das turmas.

Foram intervenientes os alunos das turmas envolvidas no estudo (turma A e turma B), incluindo os alunos com NEE; os professores titulares e a investigadora.

Com as actividades propostas pretendeu-se atingir os seguintes objectivos:

- Consolidar; aprofundar e aplicar os conhecimentos desenvolvidos ao longo do Programa - *À Descoberta da Sexualidade*.
- Desenvolver atitudes de valorização das relações de cooperação.

De forma lúdica, através do jogo de computador - *À Descoberta da Sexualidade* (Anexo VI) pretendeu-se consolidar; aprofundar e aplicar os conhecimentos desenvolvidos ao longo do Programa.

Recorrendo ao trabalho de grupo, procurou-se também desenvolver atitudes de valorização das relações de cooperação.

No início da sessão, os alunos foram distribuídos por pequenos grupos (no máximo 4 elementos). Os professores titulares de turma constituíram os grupos de forma heterogénea, tendo em conta o nível de aprendizagem dos alunos. Em cada grupo, foi dada a oportunidade a todos os alunos de participar.

Depois de introduzir o CD no computador, para começar a jogar os alunos seleccionaram um dos temas do jogo (*O nosso corpo; Como nascemos e crescemos?; João ou Rita?; Os nossos sentimentos; O abuso sexual*). De seguida, com o botão esquerdo do rato clicaram sobre o tema escolhido.

Após a escolha do tema, no início de cada actividade foi apresentada a forma como esta deveria ser realizada. Os alunos seguiram as instruções que lhes foram dadas ao longo do jogo.

Para jogar, os alunos posicionaram o cursor sobre a resposta pretendida e clicaram uma vez com o botão esquerdo do rato.

Sempre que surgiam as figuras que representavam as respostas certas ou erradas, para voltar às actividades, os alunos clicavam uma vez sobre as figuras, utilizando o botão esquerdo do rato.

Para passar à fase seguinte do jogo, os alunos tiveram de chegar ao final de cada actividade e clicar uma vez no botão esquerdo do rato.

Foram necessários nesta sessão os seguintes recursos materiais: computador, colunas e CD – Anexo VI.

O jogo - *À Descoberta da Sexualidade* despertou entusiasmo nos alunos com NEE. Estes colocaram-se junto dos computadores e começaram de imediato a jogar.

As imagens e os sons presentes no jogo despertaram nos alunos um especial interesse.

Durante a aplicação do jogo, os alunos estabeleceram entre si uma relação

de cooperação. Debateram ideias e partilharam tarefas, enquanto uns alunos liam, os outros clicavam no botão do rato.

As imagens e os sons presentes no jogo avivaram o interesse dos alunos, contribuindo de forma significativa para a concretização dos objectivos propostos para esta sessão.

Ao trabalhar em grupo, os alunos com NEE tiveram a possibilidade de desenvolver atitudes de valorização das relações de cooperação.

Através do jogo, de forma lúdica, os alunos com NEE consolidaram, aprofundaram e aplicaram conhecimentos acerca dos temas desenvolvidos ao longo do Programa.

Após a realização das sessões e do jogo, os alunos efectuaram o preenchimento do diploma de participação no Programa - *À Descoberta da Sexualidade*.

4.5 – Leitura e interpretação dos dados da Fase III – entrevista aos professores

Na Fase III, com objectivo de avaliar o impacto do Programa implementado foram realizadas entrevistas aos dois professores titulares (Anexo IV) das turmas envolvidas no estudo. Como já foi referido anteriormente (capítulo 3), estes professores encontravam-se a leccionar o 3º ano de escolaridade, na escola do 1ºCEB de Oliveira do Bairro, pertencente ao Agrupamento de Escolas de Oliveira do Bairro. Nas suas turmas estavam incluídos alunos com necessidades educativas especiais.

De seguida, dar-se-á início à leitura e interpretação dos dados resultantes das entrevistas aos professores.

4.5.1 – Opinião dos professores sobre o Programa implementado

Procurou-se saber a opinião dos professores titulares em relação ao Programa implementado nas suas turmas (questão 1). A tabela respeitante à constituição das CR, relativas à categoria de conteúdo *opinião dos professores* (OP), consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.5.1). Em relação à categoria de conteúdo – *opinião dos professores* foi critério de análise:

- A opinião dos professores titulares sobre o Programa implementado nas suas turmas.

Depois da análise dos dados, verifica-se a existência de três CR relativas à categoria de conteúdo *opinião dos professores*. Em seguida, apresentam-se as CR ilustradas com as respostas dadas pelos professores.

- **O Programa estava adequado aos alunos; a temática estava bem sequenciada e com rigor científico; de forma simples, os alunos desenvolveram várias competências relacionadas com o tema**

Inclui-se nesta CR a resposta do professor A (PA). Na sua opinião, o Programa implementado estava adequado aos alunos. A temática estava bem sequenciada e com rigor científico. De forma simples, o Programa permitiu aos alunos desenvolver várias competências relacionadas com o tema.

Veja-se a sua resposta:

(...) o Programa estava adequado aos alunos(...) a temática abordada estava muito bem sequenciada, com rigor científico(...) de forma simples, os alunos foram adquirindo as várias Competências nele implementadas. (PAOP, 1)

- **A temática foi bem desenvolvida**

Integra-se nesta CR a resposta do professor B (PB) que relativamente ao Programa afirmou que a temática foi bem desenvolvida.

Eis como respondeu:

(...) esta temática foi bem desenvolvida.(...) (PBOP, 1)

- **O Programa teve bastantes aspectos positivos e devia ser aplicado ao longo do ano**

Nesta CR inclui-se a resposta do professor B, na sua opinião o Programa teve bastantes aspectos positivos e devia ser aplicado ao longo do ano.

Apresenta-se a sua resposta:

(...) O Programa devia ser aplicado ao longo do ano. Teve bastantes aspectos positivos (...). (PBOP,1)

De acordo com os resultados obtidos junto dos professores, o Programa implementado estava adequado aos alunos com NEE que participaram no estudo. A temática foi abordada de forma simples, sequenciada e com rigor científico, o que permitiu aos alunos desenvolver várias competências relacionadas com o tema (PAOP,1). O Programa teve bastantes aspectos positivos e a temática foi bem desenvolvida. Este deveria ser aplicado ao longo do ano (PBOP,1).

4.5.2 – Adequação das actividades às necessidades educativas especiais dos alunos

Questionaram-se os professores titulares no sentido de saber se as actividades desenvolvidas no Programa estavam adequadas às necessidades educativas especiais dos alunos envolvidos no estudo (questão 2). A tabela referente à constituição das categorias de resposta (CR), relativas à categoria de conteúdo *adequação das actividades às necessidades* (AAN), consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.5.2). Em relação à categoria de conteúdo – *actividades adequadas às necessidades* foi critério de análise:

- A adequação das actividades desenvolvidas no Programa, em relação às necessidades educativas especiais dos alunos envolvidos no estudo.

Os resultados da análise revelam a existência de duas CR relativas à categoria de conteúdo *actividades adequadas às necessidades*. Seguidamente, apresentam-se as CR acompanhadas das respostas dadas pelos professores

entrevistados.

- **As actividades estavam adequadas às necessidades educativas especiais dos alunos, pois estes tinham desenvolvida a competência da leitura e da escrita, o que lhes permitiu realizar as tarefas propostas com facilidade**

Apenas a resposta do professor A foi incluída nesta CR. Este considerou as actividades do Programa adequadas às necessidades educativas especiais dos alunos, uma vez que estes tinham desenvolvida a competência da leitura e da escrita, o que lhes permitia realizar as tarefas propostas com facilidade.

Eis como respondeu:

(...) quanto aos alunos com Necessidades Educativas Especiais,(...) eles sabiam ler e escrever, tinham a competência da leitura e da escrita desenvolvida o que lhes permitia realizar as tarefas propostas com facilidade, por isso, parecem estar bem adequadas. (PAAAN,2)

- **As actividades desenvolvidas no Programa estavam adequadas às necessidades educativas especiais dos alunos. Estas eram simples e estavam acompanhadas de imagens adequadas**

Nesta CR classifica-se a resposta do professor B que referiu que as actividades desenvolvidas estavam adequadas aos alunos com NEE, pois eram simples e estavam acompanhadas de imagens adequadas.

Veja-se a sua resposta:

(...) foram actividades simples. Estavam adequadas àqueles alunos (...) tinham imagens (...) adequadas (...). (PBAAN,2)

Na opinião dos professores titulares, as actividades desenvolvidas no Programa estavam adequadas às necessidades educativas especiais dos alunos envolvidos no estudo (PAAAN,2 e PBAAN,2). Um dos professores referiu que estes alunos tinham desenvolvida a competência da leitura e da escrita, conseguindo realizar as tarefas propostas com facilidade (PAAAN,2). Por seu turno, o outro professor, referiu que as actividades desenvolvidas eram simples e estavam acompanhadas de imagens adequadas (PBAAN,2).

4.5.3 – Atitudes dos alunos com NEE durante a implementação do Programa

Os professores titulares foram entrevistados acerca das atitudes dos alunos com NEE, durante a implementação do Programa (questão 3). A tabela referente à constituição das categorias de resposta (CR), relativas à categoria de conteúdo *atitudes durante a implementação do Programa* (ADIP), consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.5.3). No que respeita à categoria de conteúdo – *atitudes durante a implementação do Programa* foi critério de análise:

- As atitudes dos alunos com NEE durante a implementação do Programa.

Após a análise dos dados verifica-se a existência de duas CR relativas à categoria de conteúdo *atitudes durante a implementação do Programa*. Seguidamente, apresentam-se as CR acompanhadas das respectivas respostas dadas pelos professores entrevistados.

- **Durante a implementação do Programa, os alunos com NEE sentiram-se capazes de realizar as actividades e acompanhar os colegas da turma. Empenharam-se e revelaram-se bastante motivados, demonstrando uma atitude positiva em relação ao trabalho**

Integra-se nesta CR a resposta do professor A, que afirmou que durante a implementação do Programa, os alunos com NEE sentiram-se capazes de realizar as actividades e acompanhar os colegas da turma. Acrescentou ainda que estes alunos se empenharam e revelaram-se bastante motivados, demonstrando uma atitude positiva em relação ao trabalho.

A sua resposta:

Verifiquei que os alunos se empenharam e se mostraram bastante motivados(...) ao contrário das actividades curriculares normais em que têm mais dificuldades e se retraem, procuram ficar à parte, uma vez que se sentem inferiorizados em relação aos colegas. Neste caso não, pelo contrário, sentiam que conseguiam realizar as actividades e que conseguiam acompanhar o resto da turma, logo sentiram uma atitude positiva em relação ao trabalho. (PAADIP, 3)

- **Apresentaram-se bastante participativos e demonstraram mais curiosidade do que nas actividades que normalmente lhes são propostas**

Classifica-se nesta CR a resposta do professor B, o qual afirmou que durante a implementação do Programa, os alunos com NEE apresentaram-se bastante participativos, demonstrando mais curiosidade do que nas actividades que normalmente lhes são propostas.

Veja-se como respondeu:

Os alunos com NEE estavam bastante participativos, tentavam sempre perguntar, saber mais, (...). Nas actividades normais eles não têm tanta curiosidade em saber, como aqui neste Programa (...)
(PBADIP,3)

Aquando da implementação do Programa - *À Descoberta da Sexualidade*, os alunos com NEE sentiram-se capazes de realizar as actividades propostas e acompanhar os colegas da turma. Revelaram-se empenhados e bastante motivados, deixando transparecer uma atitude positiva em relação ao trabalho (PAADIP,3). Apresentaram-se bastante participativos, demonstrando mais curiosidade do que nas actividades que normalmente lhes são propostas (PBADIP,3).

4.5.4 – Principais contributos do Programa para a vida futura dos alunos com NEE

No que respeita ao Programa - *À Descoberta da Sexualidade*, entrevistaram-se os professores titulares sobre os principais contributos que este poderá trazer para a vida futura dos alunos com NEE (questão 4). Consta dos anexos do capítulo 4, a tabela respeitante à constituição das categorias de resposta (CR), relativas à categoria de conteúdo *contributos do Programa* (CP) (Tabela 4.5.4). Em relação a esta categoria de conteúdo foi critério de análise:

- Os principais contributos do Programa para a vida futura dos alunos com NEE.

A análise dos dados revela a existência de duas CR relativas à categoria de conteúdo *contributos do Programa*. Em seguida, apresentam-se as CR ilustradas pelas respostas dadas pelos professores.

- **As tarefas desenvolvidas ao longo do Programa irão alargar horizontes, uma vez que permitiram a identificação de ideias estereotipadas e possibilitaram a mudança de opiniões dos alunos**

Nesta CR classifica-se a resposta do professor A. Este referiu que as tarefas desenvolvidas ao longo do Programa irão alargar horizontes, uma vez que permitiram a identificação de ideias estereotipadas e possibilitaram a mudança de opiniões dos alunos.

Foi esta a sua resposta:

(...)Considero que um Programa de sexualidade(...) vai ser muito importante para a vida deles. (...) as tarefas que foram desenvolvidas(...) vão alargar os horizontes. Aquela história de jogar a bola é para o rapaz, brincar com bonecas é para a menina, isso não faz(...) sentido,(...) pelo que eu vi, os alunos tinham essa ideia. Essa opinião foi alterada(...). (PACP,4)

- **O Programa proporcionou aos alunos com NEE informação que no futuro irá ajudar a evitar uma gravidez precoce; os abusos sexuais e o aparecimento de certas doenças**

Integra-se nesta CR a resposta do professor B que considerou que o Programa contribuiu para informar os alunos com NEE, ajudando-os no futuro a evitar uma gravidez precoce, os abusos sexuais e o aparecimento de certas doenças.

Veja-se a resposta do professor:

Acho que vai contribuir bastante. Vão estar mais informados para evitar uma gravidez precoce,(...) para evitar certas doenças e até mesmo os abusos sexuais.(...) Ficaram bastante bem informados,(...) vai ser proveitoso para a vida futura deles. (PBCP,4)

Do ponto de vista de ambos os professores titulares, o Programa será muito importante/proveitoso para a vida futura dos alunos com NEE (PACP,4 e PBCP,4). Irá alargar horizontes, uma vez que permitiu a identificação de ideias estereotipadas e possibilitou a mudança de opiniões dos alunos (PACP,4).

Proporcionou informação que no futuro irá ajudar os alunos com NEE a evitar uma gravidez precoce; os abusos sexuais e o aparecimento de certas doenças (PBCP,4).

4.5.5 – Implementação do Programa num contexto semelhante

Procurou-se saber qual a opinião dos professores titulares sobre a implementação do Programa num contexto semelhante (questão 5). Nos anexos do capítulo 4, apresenta-se a tabela referente à constituição das CR, relativas à categoria de conteúdo *Programa num contexto semelhante* (PCS) (Tabela 4.5.5). Em relação a esta categoria de conteúdo foi critério de análise:

- A opinião dos professores titulares sobre a implementação do Programa noutra turma onde se encontrem alunos com as mesmas necessidades educativas especiais.

Os dados obtidos evidenciam duas CR relativas à categoria de conteúdo *Programa num contexto semelhante*. Apresentam-se de seguida as CR acompanhadas das respostas dadas pelos professores titulares.

- **O Programa está adequado aos alunos com NEE, pelo que a sua implementação num contexto semelhante é possível, importante e benéfica para todos os alunos, particularmente para os que apresentam necessidades educativas especiais**

Nesta CR classificam-se as respostas do professor A e do professor B. Estes consideraram que o Programa estava adequado e aplicável aos alunos com NEE, pelo que a sua implementação num contexto semelhante é possível, importante e benéfica para todos os alunos, em particular para os que apresentam necessidades educativas especiais.

Apresentam-se as suas respostas:

É perfeitamente possível e(...) benéfico para os alunos,...). podia ser implementado, quer com alunos do currículo normal, quer com alunos com Necessidades Educativas Especiais.(...) O Programa,

(...) quer a nível científico, quer a nível pedagógico está muito bem adequado. (PAPCS, 5)

Acho que vai ser bom(...) todos os alunos vão gostar,(...) esta temática é interessante para eles,(...) é importante(...). Acho que vai ser muito importante(...) para os alunos com Necessidades Educativas Especiais,(...) acho que está um Programa bastante aplicável a eles. (PBPCS, 5)

- **O Programa poderia ser implementado no âmbito da Área Projecto, quer com alunos do currículo normal, quer com alunos com Necessidades Educativas Especiais**

Apenas a resposta do professor A foi incluída nesta CR. De acordo com a sua opinião, o Programa poderia ser implementado no âmbito da Área Projecto, quer com alunos do currículo normal, quer com alunos com Necessidades Educativas Especiais.

Eis como respondeu:

(...) Eu acho que este Programa, (...) como um tema de Área Projecto, (...) podia ser implementado, quer com alunos do currículo normal, quer com alunos com Necessidades Educativas Especiais. (...)(PAPCS, 5)

Na perspectiva de ambos os professores titulares é possível, importante e benéfica a implementação deste Programa noutra turma onde se encontrem alunos com as mesmas necessidades educativas especiais. De acordo com as suas opiniões, o Programa está adequado aos alunos com NEE (PAPCS,5 e PBPCS,5). Foi ainda referido por um dos professores, a possibilidade de implementar o Programa no âmbito da Área Projecto, quer com alunos do currículo normal, quer com alunos com Necessidades Educativas Especiais (PAPCS,5).

4.6 – Leitura e interpretação dos dados da Fase III – entrevista aos alunos com NEE

Na Fase III da investigação realizaram-se entrevistas aos seis alunos com

NEE (Anexo V) que participaram no Programa - *À Descoberta da Sexualidade* (Fase II). Através das entrevistas pretendeu-se avaliar junto destes alunos o impacto do Programa implementado.

Como já foi referido anteriormente (capítulo 3), os alunos com NEE frequentavam o 3º ano de escolaridade, na Escola do 1ºCEB de Oliveira do Bairro, pertencente ao Agrupamento de Escolas de Oliveira do Bairro. Encontravam-se incluídos nas duas turmas que participaram na Fase II da investigação – turma A e turma B. Na turma A estavam incluídos quatro alunos com NEE e na turma B dois alunos com NEE.

Seguidamente, dar-se-á início à leitura e interpretação dos dados resultantes das entrevistas aos alunos com NEE.

4.6.1 – Opinião dos alunos com NEE sobre o Programa implementado

Pretendeu-se conhecer a opinião dos alunos com NEE relativamente ao Programa - *À Descoberta da Sexualidade* (questão 1). A tabela respeitante à constituição das CR, relativas à categoria de conteúdo *opinião dos alunos* (OA), consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.6.1). Em relação à categoria de conteúdo – *opinião dos alunos* foi critério de análise:

- A opinião dos alunos com NEE sobre o Programa implementado.

Os resultados obtidos revelam a existência de duas CR relativas à categoria de conteúdo *opinião dos alunos*. De seguida, apresentam-se as CR acompanhadas das respostas dadas pelos alunos com NEE.

- **Os alunos com NEE consideraram o Programa interessante; bom e “fixe”**

Classificam-se nesta CR as respostas dos alunos com NEE que consideraram o Programa interessante; bom e “fixe”.

Eis alguns exemplos das suas respostas:

Achei muito bom(...). (ALA3OA, 1)
“Fixe”. (ALA10OA, 1)

Achei interessante(...). (ALA16OA, 1)

- **Gostaram muito do Programa e queriam voltar a participar**

Incluem-se nesta CR as respostas de dois alunos com NEE que afirmaram que gostaram muito do Programa e queriam voltar a participar.

As suas respostas:

Gostei muito.(...) Eu gostava de participar outra vez. (ALB7OA, 1)

Achei fixe. Gostei muito e queria participar outra vez. (ALB11OA, 1)

Os alunos com NEE consideraram o Programa - *À Descoberta da Sexualidade* interessante (ALA16OA,1); bom (ALA2OA,1 e ALA3OA,1) e “fixe” (ALA10OA,1 e ALB11OA,1). Durante a entrevista, dois alunos com NEE referiram que gostaram muito do Programa e queriam voltar a participar (ALB7OA,1 e ALB11OA,1).

4.6.2 – Conhecimentos, atitudes e valores desenvolvidos pelos alunos com NEE durante a implementação do Programa

No âmbito da temática, pretendeu-se saber quais os conhecimentos, atitudes e valores desenvolvidos pelos alunos com NEE durante a implementação do Programa (questão 2). A tabela referente à constituição das CR, relativas à categoria de conteúdo *conhecimentos, atitudes e valores* (CAV), consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.6.2). No que respeita a esta categoria de conteúdo foi critério de análise:

- Os conhecimentos, atitudes e valores desenvolvidos pelos alunos com NEE durante a implementação do Programa.

Os resultados da análise revelam a existência de três CR relativas à categoria de conteúdo *conhecimentos, atitudes e valores*. Apresentam-se em seguida as CR acompanhadas das respostas dadas pelos alunos com NEE.

- **Os alunos com NEE desenvolveram conhecimentos, atitudes e valores em relação ao próprio corpo**

Classificam-se nesta CR as respostas dos alunos com NEE que durante a entrevista mostraram ter desenvolvido conhecimentos, atitudes e valores em relação ao próprio corpo.

Veja-se como responderam:

Aprendi os órgãos sexuais (...). (ALA3CAV, 2)

Como é que se vê o sexo do homem e da mulher (...). (ALA10CAV)

(...) devemos ter cuidado com o nosso corpo. (ALA16CAV, 2)

Aprendi que somos todos diferentes (...) descobrimos os órgãos sexuais. (ALB7CAV, 2)

Aprendi muitas coisas! (...) como é que se distinguem as raparigas e os rapazes. (ALB11CAV, 2)

- **Desenvolveram conhecimentos relacionados com os mecanismos básicos da Reprodução Humana: fecundação; gravidez e parto**

As respostas incluídas nesta CR referem-se aos alunos com NEE, que durante a entrevista, evidenciaram conhecimentos alusivos aos mecanismos básicos da Reprodução Humana: fecundação, gravidez e parto.

Foi assim que responderam:

(...) aprendi que quando o espermatozóide se junta ao óvulo, isso faz com que nasça um novo ser. (ALA2CAV,2)

(...) como é que se desenvolve o bebé dentro da barriga da mãe (...). (ALA10CAV,2)

Aprendi muitas coisas! Como é que nascem os bebés (...). (ALB11CAV, 2)

- **Desenvolveram conhecimentos e atitudes em relação ao abuso sexual e à SIDA**

Consideram-se nesta CR as respostas dos alunos com NEE que revelaram ter desenvolvido conhecimentos e atitudes em relação ao abuso sexual e à SIDA.

Eis alguns exemplos das suas respostas:

Aprendi que a sexualidade é uma coisa igual às outras (...) precisamos de ter muito cuidado! (...) pode ter muitos perigos, por exemplo a SIDA (...). (ALA2CAV,2)

Aprendi (...), não aceitar coisas das outras pessoas, não aceitar boleia das pessoas que nós não conhecemos. (ALA3CAV,2)

O abuso sexual. Aprendi que não se deve (...) apanhar boleia. (ALA10CAV,2)

Depois da implementação do Programa, quase a totalidade dos alunos com NEE mostrou ter desenvolvido conhecimentos, atitudes e valores em relação ao próprio corpo (ALA3CAV,2; ALA10CAV,2; ALA16CAV,2; ALB7CAV,2 e ALB11CAV,2). Revelaram também conhecimentos e atitudes em relação à SIDA (ALA2CAV,2) e ao abuso sexual (ALA3CAV,2; ALA10CAV,2; ALA16CAV,2 e ALB7CAV,2). Metade do número de entrevistados revelou conhecimentos acerca dos mecanismos básicos da Reprodução Humana: fecundação (ALA2CAV,2), gravidez (ALA10CAV,2) e parto (ALB11CAV,2).

4.6.3 – Actividades preferidas dos alunos com NEE e os motivos das suas escolhas

Relativamente ao Programa – *À Descoberta da Sexualidade*, procurou-se saber quais as actividades que os alunos com NEE mais gostaram de fazer e os motivos das suas escolhas (questão 3). Apresenta-se nos anexos do capítulo 4, a tabela referente à constituição das CR, relativas à categoria de conteúdo *actividades preferidas dos alunos* (APA) (Tabela 4.6.3). Em relação a esta categoria de conteúdo foi critério de análise:

- As actividades preferidas dos alunos com NEE e os motivos das suas escolhas.

A análise dos resultados revela a existência de três CR relativas à categoria de conteúdo *actividades preferidas dos alunos*. De seguida, apresentam-se as CR

ilustradas com as respostas dadas pelos alunos com NEE.

- **Os alunos com NEE demonstraram preferência pelas actividades referentes ao conhecimento do corpo; aos sentimentos; à identificação sexual e ao abuso sexual. Na opinião destes alunos, estas actividades foram giras, divertidas e permitiram o conhecimento de regras**

Nesta CR classificam-se as respostas dos alunos com NEE que demonstraram preferência pelas actividades referentes ao conhecimento do corpo; aos sentimentos; à identificação sexual e ao abuso sexual. Os alunos mencionaram os motivos das suas escolhas, afirmando que estas actividades foram giras, divertidas e permitiram o conhecimento de regras.

Apresentam-se as suas respostas:

Foi desenhar o nosso corpo. Porque achei muito divertido. (ALA3APA,3)

(...) O jogo(...) aquele de fazer as caretas, de mandar o dado(...). Porque era giro, por causa das caretas. (ALA16APA,3)

Gostei da qual é a Rita e qual é o João e gostei daquela(...) que a menina não podia aceitar doces de uma pessoa estranha(...). Gostei muito dessa(...) para aprender quais são as regras e quais são as coisas que se devem fazer num caso desses. (ALB7APA,3)

- **O jogo de computador – À Descoberta da Sexualidade foi considerado uma das actividades preferidas dos alunos com NEE, porque foi divertido, fácil e permitiu fazer descobertas/aprendizagens**

Nesta CR integram-se as respostas dos alunos com NEE que manifestaram preferência pelo jogo de computador. No seu entender, o jogo – À Descoberta da Sexualidade foi divertido, fácil e permitiu fazer descobertas/aprendizagens.

As suas respostas:

O jogo de computador. Porque tínhamos que fazer o jogo e descobrir o que era verdadeiro ou falso(...). (ALA10APA,3)

(...) De estar no computador, estar a ver as coisas, de aprender mais. Gostei muito(...). (ALA16APA,3)

Foi o jogo. Porque achei divertido! Foi fácil! (ALB11APA,3)

- **Um aluno com NEE afirmou ter gostado de fazer todas as actividades do Programa**

Nesta CR classifica-se a resposta de um aluno que afirmou ter gostado de fazer todas as actividades desenvolvidas ao longo do Programa.

Apresenta-se a sua resposta:

Todas! (...) Gostei de fazer todas porque não tinha mal nenhum.
(ALA2APA,3)

No que respeita às actividades preferidas, os resultados da análise evidenciam que metade do número de alunos com NEE revelou preferência pelo jogo de computador - *À Descoberta da Sexualidade*, afirmando que este foi divertido, fácil (ALB11APA,3) e permitiu fazer descobertas/aprendizagens (ALA10APA,3 e ALA16APA,3). Verifica-se também que os alunos com NEE demonstraram preferência pelas actividades referentes ao conhecimento do corpo (ALA3APA,3); aos sentimentos (ALA16APA,3); à identificação sexual e ao abuso sexual (ALB7APA,3). Estas actividades foram consideradas giras (ALA16APA,3) e divertidas (ALA3APA,3). Um aluno afirmou que a actividade do abuso sexual, permitiu conhecer as regras a aplicar neste caso (ALB7APA,3). É de referir que um dos alunos com NEE afirmou ter gostado de fazer todas as actividades desenvolvidas ao longo do Programa (ALA2APA,3).

4.6.4 – Actividades menos preferidas pelos alunos com NEE e os motivos das suas escolhas

Procurou-se saber junto dos alunos quais as actividades que menos gostaram de fazer ao longo do Programa e o porquê das suas escolhas (questão 4). A tabela referente à constituição das CR, relativas à categoria de conteúdo *actividades menos preferidas* (AMP), apresenta-se nos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.6.4). No que respeita esta categoria de conteúdo foi critério de análise:

- As actividades que os alunos com NEE menos gostaram de fazer ao

longo do Programa e o porquê das suas escolhas.

Da análise dos dados resultaram várias CR relativas à categoria de conteúdo *actividades menos preferidas*. Em seguida, apresentam-se as CR acompanhadas das respostas dadas pelos alunos.

- **Os alunos com NEE demonstraram menos preferência pelas actividades alusivas aos sentimentos; ao parto e ao conhecimento do corpo - os órgãos genitais**

Incluem-se nesta CR as respostas dos alunos com NEE que consideraram como menos preferidas as actividades referentes aos sentimentos, ao parto e ao conhecimento do corpo - os órgãos genitais.

As suas respostas:

A dos órgãos sexuais. (ALA3AMP,4)

(...) Aquela do amor.(...). (ALA10AMP, 4)

Foi aquela dos sentimentos. (...). (ALB7AMP,4)

Foi como é que nascem os bebés (...). (ALB11AMP,4)

- **Durante a realização das actividades referentes aos sentimentos e aos órgãos genitais, os alunos com NEE sentiram vergonha**

Nesta CR classificam-se as respostas dos alunos que afirmaram sentir vergonha durante a realização das actividades alusivas aos sentimentos e aos órgãos genitais, pelo que consideraram estas como as menos preferidas.

Foram estas as suas respostas:

A dos órgãos sexuais. Porque tive vergonha! (ALA3AMP,4)

Foi aquela dos sentimentos. Porque às vezes sinto-me um bocado envergonhado! (...). (ALB7AMP,4)

- **Um aluno com NEE não sabia como nascem os bebés, pelo que considerou a actividade alusiva ao parto, como a menos preferida**

Nesta CR integra-se a resposta de um aluno com NEE que considerou como menos preferida a actividade alusiva ao parto, referindo que não sabia

como nascem os bebés.

A resposta do aluno:

Foi como é que nascem os bebés (...). Porque não sabia como é que nascem os bebés! (...). (ALB11AMP,4)

- **Um aluno com NEE não especificou claramente o motivo pelo qual referiu a actividade dos sentimentos - o amor, como a menos preferida**

Apenas a resposta de um aluno foi incluída nesta CR. Apesar de ter referido a actividade dos sentimentos – o amor como a menos preferida, não especificou claramente o motivo da sua escolha.

Foi assim que respondeu:

(...) Aquela do amor. É uma seca! (...). (ALA10AMP,4)

- **Dois alunos com NEE afirmaram ter gostado de fazer todas as actividades que foram propostas ao longo do Programa**

Incluem-se nesta CR as respostas de dois alunos com NEE que afirmaram ter gostado de fazer todas as actividades propostas ao longo do Programa.

Como responderam:

Nenhuma! Porque gostei de fazer todas (...). (ALA2AMP,4)

Gostei de todas! (ALA16AMP,4)

Os resultados evidenciam que os alunos com NEE demonstraram menos preferência pelas actividades alusivas aos sentimentos (ALA10AMP,4; ALB7AMP,4), ao parto (ALB11AMP,4) e ao conhecimento do corpo – os órgãos genitais (ALA3AMP,4). No que respeita às actividades referentes ao tema dos sentimentos e dos órgãos genitais, os alunos com NEE afirmaram sentir vergonha (ALA3AMP,4 e ALB7AMP,4). Salienta-se um aluno que demonstrou menos preferência pela actividade dos sentimentos – o amor, contudo não especificou claramente o motivo da sua escolha, (ALA10AMP,4). É de referir que os dois alunos que mencionaram como menos preferidas as actividades relacionadas com os sentimentos (ALA10AMP,4 e ALB7AMP,4), apresentavam no Plano e Programa Educativo Individual, problemas emocionais. Apenas um aluno afirmou

não saber como nascem os bebés, motivo pelo qual considerou a actividade relacionada com o parto, como a menos preferida (ALB11AMP,4). Verifica-se ainda que dois alunos com NEE não fizeram referência a actividades menos preferidas, pois afirmaram ter gostado de fazer todas as actividades desenvolvidas ao longo do Programa, (ALA2AMP,4 e ALA16AMP,4).

4.6.5 – Futuras participações dos alunos com NEE num Programa semelhante

Por último, pretendeu-se saber qual a motivação dos alunos com NEE para futuras participações num Programa semelhante ao que foi implementado na Fase II da investigação (questão 5). A constituição das CR, relativas à categoria de conteúdo *futuras participações* (FP), encontra-se na tabela que consta dos anexos do capítulo 4 (Tabela 4.6.5). Em relação à categoria de conteúdo *futuras participações* foi critério de análise:

- Futuras participações dos alunos com NEE num Programa semelhante ao implementado.

A análise dos dados revela a existências de várias CR relativas à categoria de conteúdo *futuras participações*. Apresentam-se, de seguida as CR e respectivas respostas dadas pelos alunos.

- **Os alunos com NEE gostariam de voltar a participar num Programa semelhante ao implementado**

Incluem-se nesta CR as respostas de todos os entrevistados, pois afirmaram que gostariam de voltar a participar num Programa semelhante ao implementado.

Vejamos as suas respostas:

Sim! Porque achei muito giro e muito interessante! (ALA2FP,5)

Gostava! Porque é muito divertido, e gosto muito! (ALA3FP,5)

Sim! Porque é giro. Tem coisas “fixes” (...) (ALA10FP,5)

Sim. Porque gostei. E gosto de aprender mais! (ALA16FP,5)

Sim! Porque há coisas giras para descobrir e também gostava de fazer outra vez essas actividades, as mesmas. (ALB7FP,5)

Gostava! Porque achei divertido! (...). (ALB11FP,5)

- **Os alunos com NEE consideraram o Programa divertido**

Classificam-se nesta CR as respostas dos alunos com NEE que consideraram o Programa implementado divertido, pelo que afirmaram que gostariam de voltar a participar noutro semelhante.

É o caso:

Gostava! Porque é muito divertido, e gosto muito! (ALA3FP,5)

Gostava! Porque achei divertido! (...). (ALB11FP,5)

- **Na opinião dos alunos com NEE, o Programa foi giro e interessante**

Integram-se nesta CR as respostas dos alunos com NEE que consideraram o Programa implementado giro e interessante, por estes motivos, gostariam de voltar a participar noutro semelhante.

As respostas dos alunos:

Sim! Porque achei muito giro e muito interessante! (ALA2FP,5)

Sim! Porque é giro. (...) (ALA10FP,5)

Sim! Porque há coisas giras (...) (ALB7FP,5)

- **Os alunos com NEE afirmaram que o Programa permitiu fazer descobertas/aprendizagens**

Consideram-se nesta CR as respostas dos alunos com NEE que referiram que o Programa implementado permitiu fazer descobertas/ aprendizagens, sendo esta a razão pela qual gostariam de voltar a participar num Programa semelhante.

Como responderam:

Sim. Porque gostei. E gosto de aprender mais! (ALA16FP,5)

Sim! Porque há coisas giras para descobrir (...) (ALB7FP,5)

- **Um aluno com NEE referiu que gostaria de voltar a fazer as mesmas actividades**

Inclui-se nesta CR a resposta de um aluno com NEE que afirmou que gostaria de voltar a fazer as mesmas actividades que foram propostas no Programa – *À Descoberta da Sexualidade*.

Foi esta a sua resposta:

Sim! Porque há coisas giras para descobrir e também gostava de fazer outra vez essas actividades, as mesmas. (ALB7FP,5)

Após a análise dos resultados, pode constatar-se que todos os alunos com NEE gostariam de voltar a participar num Programa semelhante ao implementado (ALA2FP,5; ALA3FP,5; ALA10FP,5; ALA16FP,5; ALB7FP,5 e ALB11FP,5), pois estes consideraram o mesmo divertido (ALA3FP,5 e ALB11FP,5); giro (ALA2FP,5; ALA10FP,5 e ALB7FP,5) e interessante (ALA2FP,5). Afirmaram ainda que o Programa permitiu fazer descobertas/aprendizagens (ALA16FP,5 e ALB7FP,5). É de realçar que um dos alunos com NEE afirmou que gostaria de voltar a fazer as mesmas actividades que lhe foram propostas no Programa implementado (ALB7FP,5).

4.7 – Leitura e interpretação dos dados da Fase III - sessão de trabalho

Ainda na Fase III do estudo, para a divulgação dos trabalhos desenvolvidos, foi realizada uma sessão de trabalho (Anexo VI) com os professores titulares e dos apoios educativos da escola onde decorreu a investigação. A sessão foi organizada da seguinte forma:

- Apresentação do estudo.
- Apresentação e análise do Programa – *À Descoberta da Sexualidade*.
- Contributos do estudo.
- Proposta de actividades.

No decorrer da sessão de trabalho, os professores fizeram intervenções no âmbito da temática, relatando algumas situações que envolveram alunos com NEE. Fizeram referência a alguns comportamentos/atitudes destes alunos com

eles próprios e na sua relação com o(s) outro(s).

No que respeita a abordagem da temática, estes professores admitiram o receio relativamente à reacção dos pais e encarregados de educação, bem como a dificuldade que sentem em abordar o tema com todos os alunos, em particular com os que apresentam necessidades educativas especiais.

Consideraram o Programa adequado aos alunos com NEE envolvidos no estudo. Na perspectiva destes professores, o Programa é interessante; encontra-se sequenciado e com rigor científico; apresenta actividades simples, metodologias diversificadas e apelativas.

CAPÍTULO 5

CONCLUSÕES E REFLEXÕES

Neste capítulo apresentam-se as conclusões do estudo. De início, assinalam-se as suas limitações, em seguida mencionam-se as conclusões, bem como sugestões para futuras investigações. Para terminar são feitas algumas reflexões finais relacionadas com a temática e com o próprio estudo.

5.1 – Limitações do estudo

Este estudo apresentou limitações de ordem investigativa e de ordem institucional.

No que se refere às limitações de ordem investigativa, durante a concepção e implementação do Programa (Fase II), a investigadora, participou/interveio no trabalho. Esta dupla função é considerada uma das limitações do estudo, uma vez que se torna difícil conciliar diferentes papéis num dado contexto. Assim, ao longo de todo o processo, para além de se procurar explicitar de forma pormenorizada cada etapa do estudo, recorreu-se a diversas técnicas de investigação, com vista a obter uma avaliação crítica de todo o trabalho desenvolvido (Teixeira, 1999).

Outra limitação do estudo prende-se com o facto da amostra ser restrita e não representativa, o que implica que os resultados obtidos não possam ser generalizáveis. Apesar de se tratar de uma limitação, a própria divulgação do estudo permite a construção de uma teoria e um cruzamento com outros estudos desenvolvidos em contextos semelhantes (Afonso, Morais e Neves, 2002).

Constitui ainda uma limitação, o facto de em Portugal não serem conhecidos estudos no âmbito da temática, exclusivamente direccionados para alunos do 1ºCEB com NEE. A inexistência ou escassez de literatura científica nesta área proporcionou maiores dificuldades na realização do trabalho de investigação, pois dificultou a discussão dos resultados obtidos.

A análise de conteúdo feita às questões abertas dos questionários a professores, pais e encarregados de educação, assim como às entrevistas a professores e alunos com NEE, foi realizada pela própria investigadora. Este facto, constitui também uma limitação do estudo, pois na análise de conteúdo, não há a

possibilidade de definir critérios universais, todos os procedimentos desenvolvidos dependem do que a investigadora entende por importante para o estudo (Sousa, 2005).

De entre as limitações de ordem institucional é de referir que para levar a efeito a Fase II do estudo foi necessário encontrar duas turmas do 3º ano de escolaridade onde estivessem incluídos alunos com NEE; contar com a disponibilidade dos professores titulares das turmas para a participação no estudo e obter autorização dos pais e encarregados de educação para a abordagem da temática com os seus educandos. Estas limitações não foram obstáculo à concretização da investigação. No início da Fase II, todos os intervenientes tomaram conhecimento dos objectivos e estratégias do estudo, tendo aceite participar/colaborar no mesmo.

Uma outra limitação relacionou-se com a dificuldade em conciliar horários para implementação do Programa nas turmas. A esta dificuldade associou-se uma outra, o facto de um dos professores titulares se encontrar com graves problemas de saúde, tendo sido necessário adiar algumas sessões de trabalho. É de referir que estas dificuldades foram superadas. A coordenadora da instituição permitiu a flexibilidade de horários e os professores titulares demonstraram interesse em levar a cabo este estudo, pelo que assumiram este compromisso com responsabilidade, cumprindo os objectivos propostos.

5.2 – Conclusões do estudo

Como já foi referido no capítulo 3, o presente estudo teve como finalidade conceber e implementar numa perspectiva CTS, um Programa no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, adaptado a alunos do 1ºCEB com NEE, com vista a desenvolver competências que promovam um conhecimento científico, bem como atitudes e comportamentos responsáveis no que diz respeito à temática.

De seguida, apresentam-se as conclusões que resultaram da análise dos dados de cada uma das fases do estudo.

De acordo com os resultados obtidos através da administração de questionários a professores do 1ºCEB e dos apoios educativos (Fase I), pode verificar-se que:

- Um número significativo de professores tem ou já teve na sua turma alunos com NEE. As Necessidades Educativas Especiais que predominam nas turmas são as dificuldades de aprendizagem severas; as perturbações da Linguagem; os distúrbios emocionais; a deficiência mental e a hiperactividade.
- No quotidiano existem alunos com NEE que se envolvem positivamente com os seus pares. Apesar deste facto, na relação com o(s) outro(s), geralmente, estes alunos costumam demonstrar dificuldades no cumprimento de regras; por vezes evidenciam dificuldade em aceitar outras opiniões; evitam papéis de líder; apresentam-se pouco comunicativos e revelam atitudes agressivas. Importa referir ainda que uma minoria destes alunos, na sua relação com o(s) outro(s), tende a isolar-se com frequência; intimida crianças mais pequenas e posiciona-se como espectador.
- Alguns professores abordam a temática em alunos com NEE quando esta surge no manual escolar ou quando os alunos colocam alguma questão relacionada com a mesma. Outros fazem a sua abordagem quando é necessário esclarecer acontecimentos do quotidiano. Apesar de se tratar de um número reduzido, existem professores dos apoios educativos que abordam a temática com estes alunos unicamente quando o professor titular de turma solicita uma intervenção neste sentido. Existem professores que nunca abordam a "Sexualidade e Reprodução Humana" em alunos com NEE.
- No âmbito da temática, os conteúdos/temas geralmente abordados com alunos com NEE são os afectos; o conhecimento e valorização do corpo; a identidade sexual e a Reprodução Humana. O tema referente à prevenção

de doenças sexualmente transmissíveis, raramente é abordado. Geralmente, os professores não abordam o conteúdo/tema alusivo aos abusos sexuais.

- Na abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE, alguns professores costumam utilizar como estratégia a observação, exploração e elaboração de cartazes; a análise de histórias; a observação de fotos; a observação e exploração de imagens de manuais/livros e a utilização de meios audiovisuais. Outros privilegiam o diálogo e a conversa aberta; o trabalho de pesquisa e a consulta de livros e outros documentos. Apenas um número reduzido de professores utiliza como estratégia a construção da figura humana; os jogos; o debate; os trabalhos de grupo e a análise de relatos ou de situações do dia-a-dia. Neste contexto, são também em número reduzido, os professores que afirmam fazer o esclarecimento de perguntas lançadas e uma abordagem simplificada que apele aos conhecimentos dos alunos. Denota-se que a aplicação de fichas diagnósticas; a colocação de questões e a exposição de dúvidas e conhecimentos a nível oral são estratégias pouco privilegiadas. Após a análise dos dados, é notório que alguns professores abordam a temática em alunos com NEE da mesma forma que o fazem com os outros alunos, não recorrendo a qualquer outro tipo de estratégia.
- Os livros e manuais escolares são os recursos materiais mais utilizados pelos professores na abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE. Verifica-se também que alguns professores utilizam jornais; revistas e jogos para abordar o tema com estes alunos. Um número reduzido de professores afirma recorrer a vídeos; diapositivos e a Enciclopédias do corpo humano.
- Quando surgem questões relacionadas com a “Sexualidade e/ou Reprodução Humana”, a maioria dos professores aproveita a oportunidade para abordar o assunto e responde de acordo com os seus conhecimentos.

Contudo, existe um número reduzido de professores que ignora as perguntas e faz de conta que não ouve. Apenas uma minoria refere que aborda qualquer questão sem tabus.

- A maioria dos professores considera-se preparada para abordar a temática em alunos com NEE. Assumem esta postura referindo que já frequentaram uma acção de formação sobre o tema; que conseguem prestar esclarecimento às crianças, contudo sem o rigor de uma disciplina; que tratam o tema com naturalidade e respondem de acordo com os seus conhecimentos, solicitando por vezes ajuda a psicólogos. Referem ainda que têm acesso a material científico e pedagógico sobre o tema. Um número reduzido de professores afirma sentir-se preparado porque faz a abordagem do tema de modo mais simplificado, adequando/adaptando os conhecimentos ao tipo de aluno. Quando questionados sobre as razões pelas quais se sentem preparados para abordar a temática em alunos com NEE, destaca-se um número significativo de professores que muda de assunto ou simplesmente não responde à questão.
- Existe um número considerável de professores que não se sente preparado para abordar a “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE. Apontam como principais razões, o facto de não possuírem formação na área e considerarem o tema de difícil abordagem, pois estes alunos necessitam de um apoio especial. Referem também que, no âmbito da temática não possuem um programa/documento orientador que tenha em conta as necessidades educativas especiais dos alunos. Há quem afirme que perante as dificuldades sentidas remete o tema para o final da aula. É notório que relativamente à temática, alguns professores têm receio da reacção dos pais e encarregados de educação.
- Quase a totalidade dos professores considera importante a implementação de um Programa neste âmbito, em alunos com NEE. Estes alunos, tal como os seus colegas, devem estar informados e bem esclarecidos sobre

a sexualidade, para evitarem e enfrentarem os perigos da sociedade actual, de forma a seguirem uma conduta correcta. Alguns professores afirmam que será importante implementar o mais cedo possível um Programa neste âmbito, em alunos com NEE, pois estes despertam mais cedo para a sexualidade e manifestam-no com gestos e atitudes, para além deste facto, necessitam de uma abordagem diferente, simples e específica. Um Programa nesta área, irá permitir aos alunos com NEE aumentar e aprofundar os seus conhecimentos sobre a temática, ajudando-os a conhecer/descobrir o seu corpo e a controlar melhor os seus impulsos sexuais. Por outro lado, irá ajudar os professores na abordagem da temática, proporcionando-lhes segurança, menos preconceitos e melhor aceitação do tema por parte dos pais/Comunidade. Salientam-se também os professores que afirmam que existem tabus que envolvem o tema e os alunos com NEE e que surgem problemas neste âmbito dentro da sala de aula, logo, implementar um Programa nesta área, com estes alunos é crucial e fará todo o sentido.

- No estudo verifica-se que um dos professores não considera importante a implementação de um Programa no âmbito da temática em alunos com NEE, pois na sua opinião, o Programa do 1º CEB é suficiente para todos os alunos, quer a nível de conteúdo, quer a nível de fundamentação.
- Os professores consideram que a implementação de um Programa neste domínio irá trazer vantagens para os alunos com NEE, pois permitirá o reconhecimento das relações afectivas; o desenvolvimento de atitudes de aceitação do corpo e imagem corporal, bem como o aumento de conhecimentos acerca da sexualidade e dos mecanismos básicos da Reprodução Humana. Poderá também promover a aceitação positiva da identidade sexual dos alunos com NEE e da dos outros; possibilitar o desenvolvimento de atitudes que contribuem para a prevenção de infecções/doenças sexualmente transmissíveis, assim como o aumento de conhecimentos acerca de abusos e outro tipo de agressões sexuais.

Apresentam-se em seguida as conclusões resultantes da análise dos dados obtidos através da administração de questionários a pais e encarregados de educação de alunos do 1ºCEB com NEE – Fase I. Os resultados evidenciam que:

- Na relação com o(s) outro(s), pais e encarregados de educação afirmam que os seus educandos isolam-se com frequência; evitam papéis de líder e apresentam-se pouco comunicativos. Dois dos pais e encarregados de educação inquiridos referem que os seus educandos se envolvem positivamente, em contrapartida, outro afirma que o seu educando manifesta atitudes agressivas no relacionamento com o(s) outro(s).
- Os alunos com NEE revelam determinado tipo de comportamento em relação a eles próprios. De acordo com um número significativo de pais e encarregados de educação, os seus educandos apresentam-se ansiosos; inseguros/pouco confiantes; choram com frequência; revelam-se agressivos e demonstram pouca preocupação em relação à sua imagem. Contrapondo estes resultados, existem alguns pais e encarregados de educação que afirmam que os seus educandos se sentem bem com eles próprios.
- A maioria dos pais e encarregados de educação considera que a abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana” deve ser da responsabilidade da família, os restantes são da opinião que a escola deve ser responsável pela abordagem da temática.
- Grande parte dos pais e encarregados de educação afirma que os seus educandos costumam colocar questões relacionadas com a “Sexualidade e Reprodução Humana”. Neste âmbito, os assuntos geralmente abordados são: o namoro; a gravidez (o parto, o sexo do bebé...); a fecundação e o período menstrual.

- Metade do número de pais e encarregados de educação refere que os seus educandos costumam revelar atitudes/comportamentos relacionados com a temática. Estas atitudes/comportamentos traduzem-se em: apalpar as mamas da mãe; abraçar fortemente e beijar as pessoas mais próximas; beijar e correr atrás das namoradas e colocar questões indirectas sobre a relação sexual.
- Na sua maioria, pais e encarregados de educação consideram-se preparados para abordar a temática com os seus educandos. Contudo, existem também pais e encarregados de educação que afirmam não se sentirem preparados para falar com os seus educandos sobre “Sexualidade e Reprodução Humana”.
- Aquando da abordagem da temática com os seus educandos, pais e encarregados de educação apontam como principais dificuldades: a vergonha; a falta de conhecimentos sobre o assunto e o facto de não saber explicar.
- Quando os educandos tentam falar de questões relacionadas com a “Sexualidade e Reprodução Humana”, metade do número de pais e encarregados de educação conversa abertamente. Os restantes evitam abordar a temática com os seus educandos. Assim, terminam a conversa dizendo-lhes que mais tarde falam sobre o assunto; fazem de conta que não ouvem ou mudam de assunto.
- A maioria dos pais e encarregados de educação considera muito importante a participação dos seus educandos num Programa sobre “Sexualidade e Reprodução Humana”. Afirmam que este poderá trazer vantagens para a vida futura dos seus educandos, uma vez que, permitirá o desenvolvimento de atitudes que ajudem a prevenir abusos e outro tipo de agressões sexuais; possibilitará um melhor conhecimento do seu próprio corpo; o reconhecimento da importância das relações afectivas; o

desenvolvimento de atitudes que previnam infecções/doenças sexualmente transmissíveis e a aceitação da sua identidade sexual e da dos outros.

Aquando da implementação do Programa nas turmas, em contexto de sala de aula, procedeu-se à observação dos alunos envolvidos no estudo – Fase II. Após a análise dos dados recolhidos, verifica-se que:

- Na fase inicial da implementação do Programa, a maioria dos alunos com NEE fez a representação gráfica do seu corpo com roupa. Apenas um número reduzido destes alunos representou o seu corpo nu, com órgãos genitais. Com o decorrer do Programa, cerca de metade do número de alunos com NEE começou a representar graficamente o próprio corpo nu e com órgãos genitais.
- Durante a implementação do Programa, o aluno portador de deficiência motora (Spina Bífida com Melomeningocelo) representou graficamente o seu corpo de forma pouco elaborada. Evidenciou no desenho a imagem que tem do seu próprio corpo (não desenhou os órgãos genitais, os membros encontram-se separados do tronco e a cabeça é de grandes dimensões em relação ao resto do corpo).
- De modo geral, os alunos com NEE deixam transparecer curiosidade e admiração em relação à imagem corporal dos colegas.
- A comparação de características físicas e preferências entre os alunos permitiu a aceitação da imagem corporal e o reconhecimento da existência de diferenças físicas e psicológicas em cada pessoa. No caso particular do aluno portador de deficiência motora, a representação gráfica do seu corpo incluiu a cadeira de rodas. Um dos alunos que apresentava problemas emocionais identificou e registou as mesmas preferências que o colega, o que deixa transparecer alguma falta de segurança em revelar as suas próprias preferências.

- Em relação à identificação sexual, os alunos com NEE, tal como os seus colegas, revelaram estereótipos no que respeita à estatura física, aos brinquedos e às tarefas domésticas. Com o decorrer das actividades foi notória a alteração de ideias pré-concebidas. Alguns estereótipos foram perdendo o seu impacto. Os alunos compreenderam que a identificação sexual não é feita com base na estatura física, nos brinquedos utilizados ou tarefas realizadas.
- É evidente a existência de concepções alternativas no que respeita aos órgãos genitais femininos e masculinos; na sua representação gráfica, designação e localização. Dois alunos com NEE não registaram o nome dos órgãos genitais masculinos e femininos, o que pode revelar algum preconceito ou falta de conhecimento, por parte destes alunos em relação ao tema. A representação gráfica dos órgãos genitais internos masculinos e femininos oferece alguma dificuldade aos alunos com NEE. Nesta tarefa há necessidade de um apoio acrescido por parte do professor, bem como mais tempo para a sua concretização.
- Com o decorrer das actividades, os alunos com NEE foram tomando conhecimento dos termos científicos e de forma natural começaram a fazer a sua aplicação.
- Na consulta do vocabulário, os alunos com NEE não revelaram dificuldade. O documento encontra-se organizado da mesma forma que os dicionários ilustrados, que normalmente são utilizados por estes alunos. Os termos científicos apresentam-se por ordem alfabética, numa linguagem acessível e cientificamente aceite.
- Nos desenhos alusivos às mudanças do corpo ao longo da vida, a maioria dos alunos com NEE representou algumas características do corpo: a barba; o bigode; o aumento dos órgãos genitais; a calvície; a presença de óculos; o aumento da estatura física; a presença da bengala; o aumento

das mamas e as rugas. Pode constatar-se que a estatura física é evidenciada nos desenhos destes alunos como sendo a principal e por vezes única mudança do corpo ao longo da vida.

- O período relativo à adolescência desperta especial interesse nos alunos com NEE. Neste âmbito, colocam questões relativas à erecção, à ejaculação e à menstruação.
- Os alunos com NEE revelaram alguma falta de cuidados com o próprio corpo, no que respeita fundamentalmente à higiene e à alimentação. Apesar deste facto, estes alunos reconhecem que é importante cuidar do corpo para ter uma vida saudável.
- Em relação às actividades alusivas aos sentimentos foi notória a alegria dos alunos com NEE perante a possibilidade de expressar e partilhar os seus sentimentos com o(s) outro(s). Apesar deste facto, houve alunos que sentiram vergonha em expressar o sentimento do amor ao grande grupo. Todos os alunos com NEE referem que se sentem felizes quando gostam de alguém.
- A temática relativa aos abusos sexuais desperta interesse nos alunos com NEE. Aquando da sua abordagem, por vezes estes alunos evidenciam algumas das suas preocupações, medos e relatam situações vividas. Quando informados, os alunos com NEE conseguem desenvolver respostas adequadas a situações de abuso sexual.
- Relativamente ao mecanismo da fecundação, os alunos com NEE revelam curiosidade no que se refere à relação sexual e colocam um número significativo de questões alusivas a este assunto.
- A temática da gravidez e do parto suscita interesse e curiosidade nos alunos com NEE. Neste âmbito, colocam várias questões e relatam

situações familiares. Em relação ao tema da gravidez, mostram especial interesse pela determinação do sexo do bebé. No que se refere ao parto, demonstram curiosidade no que diz respeito ao rebentamento do saco amniótico; à expulsão do novo ser e ao corte do cordão umbilical.

- Na representação gráfica do bebé dentro do útero, a maioria dos alunos com NEE não representou o cordão umbilical, nem a placenta. Nestas representações, o embrião/feto encontra-se dentro do útero sem qualquer ligação à mãe.
- Em relação à SIDA, os alunos com NEE revelam concepções alternativas no que respeita ao seu significado, ao modo como se transmite e às formas de prevenção da doença. Após a realização de actividades no âmbito da temática, por parte destes alunos é notório o desenvolvimento de atitudes reflexivas, evidenciando comportamentos mais informados.
- Relativamente às estratégias utilizadas ao longo do Programa:
 - O trabalho de pares e de grupo proporcionam satisfação aos alunos com NEE. Estas estratégias tornam os alunos mais participativos, possibilitando-lhes o debate de ideias e uma relação de cooperação com os colegas, o que lhes permite realizar as actividades propostas com maior facilidade.
 - A exploração de esquemas ilustrados, o preenchimento de mapas de conceitos e a elaboração de itinerários são estratégias que avivam o interesse destes alunos e facilitam a aprendizagem.
 - O manuseamento de diferentes recursos materiais, revelam-se uma estratégia eficaz no trabalho com estes alunos, uma vez que suscita interesse e curiosidade durante a realização das actividades.
 - O preenchimento e troca de diplomas proporciona alegria e promove a auto-estima.
 - A construção de puzzles, para além de permitir a consolidação e aplicação de conhecimentos, proporciona alegria e uma relação de

cooperação entre os alunos. A clareza das imagens e a dimensão considerável das peças dos puzzles facilitam a sua construção.

- Através de situações lúdicas (a história, a canção e o jogo do cubo dos sentimentos), os alunos com NEE expressam os seus sentimentos e relatam experiências pessoais; conseguem identificar diferentes tipos de sentimentos e respectivas expressões utilizadas para os exprimir.
- O jogo de computador desperta entusiasmo nos alunos com NEE. As imagens e os sons presentes no jogo avivam o interesse destes alunos. Em trabalho de grupo, o jogo possibilita o desenvolvimento das relações de cooperação, permite consolidar, aprofundar e aplicar conhecimentos.

Junto dos professores titulares das turmas envolvidas no estudo, através da realização de entrevistas procurou-se saber qual o impacto do Programa implementado - Fase III. De acordo com os resultados obtidos, pode afirmar-se que:

- As actividades desenvolvidas ao longo do Programa estão adequadas às necessidades educativas especiais dos alunos envolvidos no estudo. A temática da “Sexualidade e Reprodução Humana” é desenvolvida de forma simples, sequenciada e com rigor científico. As actividades são simples e encontram-se acompanhadas de imagens adequadas. Estes alunos têm desenvolvida a competência da leitura e da escrita, o que lhes permite realizar as actividades propostas e desenvolver competências relacionadas com a temática.
- Os alunos com NEE sentem-se capazes de realizar as actividades propostas no Programa e acompanhar os colegas da turma. Deixam transparecer uma atitude positiva em relação ao trabalho. Demonstram-se empenhados e apresentam-se mais participativos do que nas actividades que normalmente lhes são propostas.

- O Programa será muito importante/proveitoso para a vida futura dos alunos com NEE, uma vez que permite a identificação de ideias estereotipadas e possibilita a mudança de opiniões dos alunos face a algumas problemáticas que envolvem a sexualidade. Proporciona informação que no futuro irá ajudar a evitar uma gravidez precoce; os abusos sexuais e o aparecimento de certas doenças.
- É possível, importante e benéfica a implementação deste Programa num contexto semelhante. Este deverá ser desenvolvido ao longo do ano e poderá ser aplicado no âmbito da Área Projecto, quer com alunos do currículo normal, quer com alunos com necessidades educativas especiais.

Também os alunos com NEE expressaram a sua opinião em relação ao Programa implementado - Fase III. Depois da análise dos dados resultantes das entrevistas, pode verificar-se que:

- Os alunos com NEE gostaram do Programa - *À Descoberta da Sexualidade*. Consideram o mesmo interessante, bom.
- Após a implementação do Programa, os alunos com NEE evidenciam conhecimentos, atitudes e valores relacionados com o próprio corpo, assim como conhecimentos e atitudes em relação à SIDA e ao abuso sexual. Metade dos entrevistados revela conhecimentos acerca dos mecanismos básicos da Reprodução Humana: fecundação, gravidez e parto.
- Em relação às actividades preferidas, metade do número de alunos com NEE demonstra preferência pelo jogo de computador - *À Descoberta da Sexualidade*, afirmando que este é divertido, fácil e permite fazer descobertas/aprendizagens. Verifica-se também preferência pelas actividades referentes ao conhecimento do corpo; à identificação sexual e ao abuso sexual. Estas actividades foram consideradas interessantes e divertidas.

- Os alunos com NEE referem como menos preferidas as actividades relacionadas com o tema do parto e dos órgãos genitais. Em relação à temática dos órgãos genitais, estes alunos afirmam que sentem vergonha. No que se refere ao parto, revelam desconhecimento sobre as diferentes fases deste mecanismo.
- As actividades alusivas à temática dos sentimentos foram consideradas por alguns alunos como sendo as preferidas, por outros como as menos preferidas. Estas actividades despertam em alguns alunos com NEE o sentimento de vergonha. É de referir que os alunos que mencionaram como menos preferidas as actividades relacionadas com os sentimentos apresentavam no Plano e Programa Educativo Individual, problemas emocionais.
- Na opinião dos alunos, o Programa implementado foi divertido e permitiu fazer descobertas/aprendizagens. Por estes motivos, todos os alunos com NEE gostariam de voltar a participar num Programa semelhante. É de realçar que um dos alunos afirmou que gostaria de voltar a fazer as mesmas actividades.

Em termos de conclusões gerais, os resultados do estudo indicam que:

- A temática da “Sexualidade e Reprodução Humana” suscita interesse nos alunos com NEE.
- Tal como os alunos do currículo normal, os alunos com NEE revelam preconceitos, estereótipos e concepções alternativas no âmbito da temática; manifestam comportamentos e atitudes relacionados com a “Sexualidade e a Reprodução Humana”.
- Existem professores; pais e encarregados de educação que sentem dificuldades na abordagem da “Sexualidade e Reprodução Humana”. Perante as dificuldades sentidas, por vezes, evitam ou nunca abordam a temática.

- No âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, os alunos com NEE conseguem desenvolver competências, quando são tidas em conta as suas necessidades educativas e quando são privilegiadas metodologias dinâmicas, diversificadas, bem como recursos materiais apelativos.

No que respeita aos resultados obtidos, estes podem ser considerados globalmente positivos.

Nas diferentes fases da investigação, professores, pais e encarregados de educação e alunos mostraram-se interessados e colaboradores.

Os professores titulares de turma envolvidos no estudo cooperaram nas diferentes tarefas. Na concepção e implementação do Programa demonstraram empenho e responsabilidade; revelaram disponibilidade e espírito de abertura à mudança.

O Programa implementado nas turmas foi bem sucedido junto dos alunos com NEE. Estes consideraram as actividades propostas fáceis ou muito fáceis. O Programa suscitou motivação e no âmbito da temática permitiu a construção de um conhecimento cientificamente aceite, tal como o desenvolvimento de competências.

5.3 – Sugestões para futuras investigações

As conclusões do estudo apontam para a necessidade de desenvolver acções de formação no âmbito da “Sexualidade e Reprodução Humana”, destinadas a professores e a pais e encarregados de educação de alunos com NEE. Com este tipo de intervenção, procura-se proporcionar um conhecimento científico capaz de desenvolver atitudes e comportamentos reflexivos em relação à sexualidade, minimizando as dificuldades sentidas aquando da abordagem da temática.

Num contexto semelhante, sugere-se que o Programa apresentado nesta investigação seja desenvolvido ao longo do ano, no âmbito da Área Projecto, quer com alunos do currículo normal, quer com alunos com necessidades educativas

especiais.

5.4 – Reflexões finais

Num mundo de pluralismo cultural, étnico e social, impõe-se o respeito pela diferença e individualidade de cada um (Ramos, 2005:161).

Tal como refere Louro (2001:48), as crianças e os jovens revelam um especial interesse pela sexualidade. Os dados desta investigação indicam que os alunos com NEE, tal como os outros, costumam colocar questões relacionadas com a “Sexualidade e Reprodução Humana”. Os assuntos pelos quais geralmente revelam interesse são: o namoro; a gravidez (o parto, a determinação do sexo do bebé...); a fecundação e o período menstrual. Demonstram também curiosidade sobre questões que envolvem a relação sexual e a adolescência (colocam questões relativas à erecção e à ejaculação).

Os resultados do estudo evidenciam ainda que existem alunos com NEE que procuram com frequência o contacto físico com o(s) outro(s), manifestando atitudes/comportamentos relacionados com a sexualidade. A este respeito, nas escolas, como investigadora/professora, tenho vindo a constatar que os alunos com NEE praticam com frequência a masturbação em locais públicos. Muitas vezes, este acto é interdito e punido, sem qualquer justificação/informação. Perante este comportamento sexual, Gomes (1995) defende que o adulto deve intervir calmamente e conduzir o indivíduo a um local reservado (por exemplo, à casa de banho) para que este possa satisfazer as suas necessidades sexuais, de forma digna.

Nesta investigação, aquando da implementação do Programa, os alunos com NEE, tal como os outros, revelaram concepções alternativas e preconceitos em relação à temática. Deixaram ainda transparecer estereótipos associados ao sexo. Neste âmbito, começa-se a assistir a uma mudança de mentalidades, contudo urge uma pedagogia que fomente a igualdade entre os sexos.

Numa sociedade onde a “Sexualidade e Reprodução Humana” é ainda

uma questão tabu e bastante polémica, frequentemente (...) *os pais exibem a sua insegurança quanto à forma de intervir na Educação Sexual dos seus filhos* (...) (Marques, 2005a:61). Os resultados deste estudo revelam que existe um número considerável de pais e encarregados de educação que evita abordar a temática com os seus educandos, pois sentem vergonha, afirmam que não têm conhecimentos sobre o assunto e que revelam dificuldade em explicar.

No contexto escolar, apesar da base normativa da Educação Sexual, com frequência, ainda se questiona a obrigatoriedade da escola cumprir o que a lei prevê, assim como quem são os responsáveis pela sua abordagem (Marques, 2005b).

Os resultados deste estudo apontam para um número significativo de professores que não se sente preparado para abordar esta temática com alunos com NEE. Estes referem como principais dificuldades: a falta de formação na área; o facto do tema ser de difícil abordagem (os alunos com NEE necessitam de um apoio específico); a inexistência de um programa/documento orientador que tenha em conta as necessidades educativas especiais dos alunos e o receio da reacção dos pais e encarregados de educação face à abordagem da temática. Neste contexto, Marques (2005c) reforça as dificuldades expressas pelos professores/profissionais afirmando que:

- A formação de base de qualquer curso superior é praticamente nula no que respeita à temática, o que leva os profissionais a recorrer à auto-formação.
- Estes têm receio que as actividades desenvolvidas não sejam bem aceites pelas famílias.
- Revelam dificuldade em articular a área temática com os restantes programas e currículos.

Hoje continuam a existir professores que evitam abordar a temática com os seus alunos, pois ignoram as perguntas e fazem de conta que não ouvem. Há quem nunca aborde a “Sexualidade e Reprodução Humana” em alunos com NEE.

Nesta área, para superar as dificuldades sentidas, torna-se necessário a formação dos profissionais, possibilitando-lhes o aumento e reforço de

competências. Relativamente a este assunto, Marques (2005c) refere que a perspectiva enunciada pelo documento *Orientações Técnicas sobre Educação Sexual em Meio Escolar*, defende que a formação de professores em Educação Sexual deve contemplar as seguintes áreas:

- A formação pessoal na área de Educação Sexual (envolve a discussão de atitudes e valores face à sexualidade).
- A formação técnico-científica.
- A formação pedagógica em metodologias activas.

Nas escolas, tendo por base o modelo de educação inclusiva, importa proporcionar a todos os alunos um ensino de qualidade, que tenha em conta as necessidades, características e interesses de cada um (Correia, 2005). Deste modo, urge levar a cabo Programas de Educação Sexual adaptados a todos os alunos, incluindo aos que apresentam necessidades educativas especiais. Nestes Programas deve ser privilegiada a interdisciplinaridade e as metodologias criativas, proporcionando o desenvolvimento de competências que permitam a todos os alunos tomar decisões responsáveis no que respeita à sua sexualidade.

Aquando da abordagem da temática em alunos com NEE, os resultados da investigação evidenciam como estratégias bem sucedidas: o trabalho de pares e de grupo; a exploração de esquemas ilustrados e o preenchimento de mapas de conceitos; o manuseamento de diferentes recursos materiais; o preenchimento e troca de diplomas; a construção de puzzles; as situações lúdicas (mímica, histórias, canções...) e o jogo de computador alusivo à temática. Estas estratégias avivam o interesse dos alunos, tornando-os mais participativos, possibilitando-lhes o debate de ideias e uma relação de cooperação com os colegas, o que lhes permite realizar as actividades com maior facilidade.

As actividades propostas no Programa – *À Descoberta da Sexualidade* foram criadas ou adaptadas de acordo com as necessidades educativas dos alunos que participaram no estudo. Estas são apresentadas apenas como sugestões, pois sempre que necessário, atendendo às necessidades educativas dos alunos, elas devem ser adaptadas e podem ser associadas a outro tipo de recursos materiais. Na sua maioria, as actividades propostas pressupõem a

participação oral dos alunos.

Para atenuar as dificuldades de comunicação, tal como defende Forreta (2000, citado por Marques e Forreta, 2005), ao longo do Programa recorreu-se, sempre que possível, à utilização de imagens.

Foi ainda necessário realizar actividades de reforço com vista à consolidação de conhecimentos dos conteúdos abordados.

Para que as estratégias utilizadas no Programa fossem bem sucedidas, foram tidos em conta alguns princípios enunciados por Amor Pan (s.d., citado por Marques e Forreta, 2005): clareza das instruções; diversidade de actividades; apresentação dos conteúdos de forma pausada e propostas de actividades estimulantes/desafiantes. Para além dos princípios supra-referidos, seguindo a perspectiva de Sanders e Swiden (1995, citado por Marques, 2005c), ao longo do Programa demonstrou-se preocupação em possibilitar a partilha de saberes, criando um clima aberto, de confiança, no qual foi permitido fazer escolhas.

O ensino das Ciências pode, então tornar-se mais aliciante se tratar temas científicos que envolvam questões com implicações sociais. Estas temáticas, em particular a “Sexualidade e Reprodução Humana”, devem ser abordadas numa perspectiva CTS, em que (...) *o aluno deixa de ser um sujeito passivo e passa a explorar as formas de procurar, seleccionar, analisar e discutir informação* (Fontes e Silva, 2004:41). Trata-se de promover uma educação para a cidadania que possibilite vivências pessoais, emocionais e não apenas cognitivas, em que o respeito e a aceitação da diferença é encarado pela sociedade como algo valioso (Fonseca, 2002). Assim sendo, a Educação Sexual não tem como objectivo uniformizar saberes e os posicionamentos dos indivíduos, mas garantir a todos o direito à informação, bem como o apoio às dúvidas e decisões de cada um, tendo em conta as suas necessidades (Marques, 2005b).

O estudo procura ser um pequeno contributo para incentivar os profissionais que trabalham com alunos com NEE a valorizar iniciativas que permitam investir na autonomia, no bem-estar físico, psíquico e social destes alunos, permitindo-lhes viver uma sexualidade adequada às suas necessidades e características, uma sexualidade feliz e responsável.

Espera-se que o estudo possa proporcionar a todos os profissionais que trabalham com alunos com NEE uma reflexão no âmbito da temática e constitua um ponto de partida para trabalhos a desenvolver nesta área, no domínio da Didáctica das Ciências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, M.; Morais, A. e Neves, I. (2002). Contextos de formação de professores: estudo de características sociológicas específicas. *Revista de Educação*, XI (1), 129-146. Disponível a 16 de Junho de 2005, em: <http://www.educ.fc.ul.pt>.

Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação – um guia prático e crítico*. Porto: Asa Editores, SA.

Amaral, M. (1995). O desenvolvimento sexo-afectivo na trissomia 21. In Félix, I. e Marques, A. M. (Coord.). *E nós... somos diferentes?*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família, 63-67.

Andrada, M. (1995). O desenvolvimento sexo-afectivo no jovem com paralisia cerebral. In Félix, I. e Marques, A. M. (Coord.). *E nós... somos diferentes?*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família, 53-61.

Andrade, M. (1997). *Labirintos da sexualidade*. Porto: Porto Editora.

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Cachapuz, A.; Praia, J. e Jorge, M. (2002). *Ciência, educação em ciência e ensino das ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.

Carmo, H. e Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação – guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Correia, L. (2005). *Inclusão e necessidades educativas especiais: um guia para educadores e professores*. Porto: Porto Editora.

Costa, A. (2001). A educação da criança e adolescente com necessidades educativas especiais. In Louro, C. (Coord.). *Acção social na deficiência*. Lisboa: Universidade Aberta.

Coutinho, L. (2004). *Formação de professores de ciências e ensino inovador da Reprodução Humana*. Aveiro: Universidade de Aveiro. [Tese de Doutoramento].

Dias, A.; Ramalheira, C.; Marques, L.; Seabra, M. e Antunes, M. (2002). *Educação da sexualidade no dia-a-dia da prática educativa*. Braga: Edições Casa do Professor.

Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes – uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora.

Félix, I. (1995). Evolução da sexualidade ao longo da infância e da adolescência. In Félix, I. e Marques, A. M. (Coord.). *E nós... somos diferentes?*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família, 29-52.

Félix, I. (1997). *Sexualidade e educação sexual na deficiência mental*. Disponível a 8 de Maio de 2005 em: <http://www.fenacerci.pt>.

Foddy, W. (1996). *Como perguntar – teoria e prática da construção de perguntas em entrevistas e questionários*. Oeiras: Celta Editora.

Fonseca, A. M. (2002). *Educar para a cidadania – motivações, princípios e metodologias*. Porto: Porto Editora.

Fontes, A. e Silva, I. (2004). *Uma nova forma de aprender ciências: a educação em ciência/tecnologia/sociedade (CTS)*. Porto: Edições Asa.

Frade, A.; Marques, A. M.; Alverca, C. e Vilar, D. (1999). *Educação sexual na escola – guia para professores, formadores e animadores*. Lisboa: Texto Editora.

Freitas, F. (2003). Abuso sexual de menores. In Fonseca, L.; Soares, C. e Vaz, J. (Coord.). *A sexologia – perspectiva multidisciplinar*. Volume II. Coimbra: Quarteto Editora, 229-242.

Galvão, C.; Reis, P.; Freire, A. e Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em ciências – sugestões para professores dos ensinos básico e secundário*. Porto: Edições Asa.

Gomes, A. (1995). Ideias gerais sobre a sexualidade dos deficientes. In Félix, I. e Marques, A. M. (Coord.). *E nós... somos diferentes?*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família, 11-28.

Gomes, A. e Miguel, N. (2000). *Educação sexual - só para jovens!*. Lisboa: Texto editora.

Guerra, M. (2006). *Arqueologia dos sentimentos*. Porto: Edições Asa.

Lapa, A.; Ferreira, A.; Marques, A. M.; Neves, A.; Rodrigues, C.; Alves, D.; Forreta, F.; Neves, F.; Matias, J.; Salazar, J.; Barbeitos, M.; Sardinha, M. e Nunes, V. (2005). *Ser Mais. Programa de desenvolvimento pessoal e social para crianças, jovens e adultos portadores de deficiência mental*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família (APF).

López, S. F. (2000). *Prevención de los abusos sexuales de menores y educación sexual*. Salamanca: Amarú Ediciones.

López, S. F. (2002). *Sexo y afecto en personas con discapacidad*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva.

Louro, G. L. (2001). *Currículo, género e sexualidade*. Porto: Porto Editora.

Madureira, I. e Leite, T. (2003). *Necessidades educativas especiais*. Lisboa: Universidade Aberta.

Marques, A. M. (1995). Princípios e prática da educação sexual. In Félix, I. e Marques, A. M. (Coord). *E nós... somos diferentes?* Lisboa: Associação para o Planeamento da Família, 89-100.

Marques, A. M. (2005a). O envolvimento dos pais em programas de educação sexual. In Lapa, A.; Ferreira, A.; Marques, A. M. (Coord.); Neves, A.; Rodrigues, C.; Alves, D.; Forreta, F.; Neves, F.; Matias, J.; Salazar, J.; Barbeitos, M.; Sardinha, M. e Nunes, V. *Ser mais. Programa de desenvolvimento pessoal e social para crianças, jovens e adultos portadores de deficiência mental*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família (APF), 59-70.

Marques, A. M. (2005b). Educação Sexual – Para e até quando? In *Saúde e Bem-Estar*, Nº 133, 74-76.

Marques, A. M. (2005c). O papel dos profissionais na educação sexual. In Lapa, A.; Ferreira, A.; Marques, A. M. (Coord.); Neves, A.; Rodrigues, C.; Alves, D.; Forreta, F.; Neves, F.; Matias, J.; Salazar, J.; Barbeitos, M.; Sardinha, M. e Nunes, V. *Ser mais. Programa de desenvolvimento pessoal e social para crianças, jovens e adultos portadores de deficiência mental*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família (APF), 71-78.

Marques, A. M. e Forreta, F. (2005). Educação sexual: conceito, objectivos e estratégias. In Lapa, A.; Ferreira, A.; Marques, A. M. (Coord.); Neves, A.; Rodrigues, C.; Alves, D.; Forreta, F.; Neves, F.; Matias, J.; Salazar, J.; Barbeitos, M.; Sardinha, M. e Nunes, V. *Ser mais. Programa de desenvolvimento pessoal e social para crianças, jovens e adultos portadores de deficiência mental*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família (APF), 43-58.

Marques, A. M.; Vilar, D. e Forreta, F. (2002). *Educação sexual no 1º ciclo – um guia para professores e formadores*. Lisboa: Texto Editora.

Martins, A. (1995). A dimensão afectivo-sexual nas pessoas deficientes – um modelo de intervenção. In Félix, I. e Marques, A. M. (Coord.). *E nós... somos diferentes?*. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família, 101-119.

Martins, I. P. (2002). *Educação e educação em ciências*. Aveiro: Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa – Universidade de Aveiro.

Martins, I. P. e Veiga, M. L. (1999). *Uma análise do currículo da escolaridade básica na perspectiva da educação em ciências*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

ME-DEB (2001). *Currículo nacional do ensino básico – competências essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação – Departamento do Ensino Básico.

Ministério da Educação; Ministério da Saúde e APF (2000). *Educação sexual em meio escolar – linhas orientadoras*. Lisboa: Editorial Ministério da Educação.

Nodin, N. (2002). *Sexualidade de A a Z*. Lisboa: Bertrand Editora.

Oliveira, L.; Pereira, A. e Santiago, R. (2004). A formação em metodologias de investigação em educação. In Oliveira, L.; Pereira, A. e Santiago, R. (Org.). *Investigação em educação – abordagens conceptuais e práticas*. Porto: Porto Editora, 13-37.

Paiva, J. e Paiva, J. (2002). *Sexualidade e afectos – para pais, professores e educadores*. Lisboa: Plátano Editora.

Pardal, L. e Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores.

Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pereira, A. (2004). Concepções e práticas metodológicas em diferentes paradigmas de investigação. In Oliveira, L.; Pereira, A. e Santiago, R. (Org.). *Investigação em educação – abordagens conceptuais e práticas*. Porto: Porto Editora, 47-58.

Pereira, A. e Miranda, B. (2003). *Problemas e projectos educacionais*. Lisboa: Universidade Aberta.

Pereira, M. (2006). *Guia de educação sexual e prevenção do abuso*. Coimbra: Pé de Página Editores.

Pereira, M. e Freitas, F. (2001). *Educação sexual – Contextos de sexualidade e adolescência*. Porto: Edições Asa.

Pombo, V. (2003). Sexualidade e infecções sexualmente transmitidas (IST). In Fonseca, L.; Soares, C. e Vaz, J. (Coord.). *A sexologia – perspectiva multidisciplinar*. Volume II. Coimbra: Quarteto Editora, 255-281.

Portugal. Ministério da Educação – Despacho nº 19 737/2005. D.R. II Série, 05/06/15 (176), 13 348.

Portugal. Ministério da Educação – Despacho nº 25 995/2005. D.R. II Série, 05/11/28 (240), 17 515-17 516.

Portugal. Ministério da Educação – Despacho nº 2 506/2007. D.R. II Série, 07/01/23 (36), 4 427.

Portugal. Assembleia da República – Educação sexual e planeamento familiar: Lei nº 3/84. D.R. I Série, 84/03/24 (71), 981-983.

Portugal. Ministério da Educação – Educação sexual: Decreto-Lei 259/2000. D.R. I Série, 00/10/17 (240), 5 784-5 786.

Portugal. Assembleia da República – Garantias do direito à saúde reprodutiva: Lei nº 120/99. D.R. I Série, 99/08/11 (186), 5 232-5 234.

Portugal. Ministério da Educação – Lei de bases do sistema educativo: Lei nº 46/86. D.R. I Série, 86/10/14 (237), 3 067-3 081.

Portugal. Ministério da Educação – Organização e gestão do currículo nacional: Decreto-Lei nº 6/2001, 01/01/18 (extracto).

Portugal. Ministério da Educação – Regime educativo especial aplicável aos alunos com necessidades educativas especiais: Decreto-Lei nº 319/91. D.R. I Série, 91/08/23 (193), 4 389.

Ramos, M. (2005). *Sexualidade na diversidade – atitudes de pais e técnicos face à afetividade e sexualidade da jovem com deficiência mental*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência. [Tese de Mestrado].

Robert, J. (2003). *Não te deixes levar!*. Lisboa: Dinalivro.

Rossini, M. (2001). *Pedagogia afectiva*. Petrópolis: Editora Vozes.

Rouyer, M. (2005). *Sexualidade*. Cascais: Editora Pergaminho.

Sanches, I. (2001). *Necessidades educativas especiais e apoios e complementos educativos no quotidiano do professor*. Porto: Porto Editora.

Sebastião, C. (2005). *Educação em Sexualidade: um contributo para a formação inicial de professores*. Aveiro: Universidade de Aveiro. [Tese de Mestrado].

Sousa, A. (2005). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.

Sousa, L. (1996). *Alunos com necessidades educativas especiais (con)fundidos entre escola e família*. Aveiro: Universidade de Aveiro. [Tese de Doutoramento].

Teixeira, F. (1999). *Reprodução humana e cultura científica: um percurso na formação de professores*. Aveiro: Universidade de Aveiro. [Tese de Doutoramento].

Teixeira, F. e Veiga, M. L. (1998). *Como as crianças falam sobre a reprodução humana*. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Educação.

Vaz, J.; Vilar, D. e Cardoso, S. (1996). *Educação sexual na escola*. Lisboa: Universidade Aberta.

Veiga, L.; Dias, H.; Lopes, A. e Silva, N. (2000). *Crianças com necessidades educativas especiais – ideias sobre conceitos de ciências*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas.

Veiga, L.; Teixeira, F. e Couceiro, F. (2001). *Menina ou menino – eis a questão, Vol. II*. Lisboa: Plátano Editora.

Veiga, L.; Teixeira, F.; Martins, I. e Meliço-Silvestre, A. (2006). Sexuality and human reproduction: a study of scientific knowledge, behaviours and beliefs of Portuguese future elementary school teachers. In *Sex education – sexuality, society and learning*, Vol. 6, Nº1, 17-29.

Vieira, C. (2002). A sexualidade ao longo da vida. In Silva, L. (Org.); Nunes, B.; Vieira, C.; Nunes, E.; Abraão, I.; Bento, J.; Nina, M.; Cordeiro, M.; Prazeres, V.; Cruz, V. e Azeredo, Z. *Promoção da saúde*. Lisboa: Universidade Aberta.